



**THE OFFICIAL  
C.I.A. MANUAL  
OF TRICKERY  
AND DECEPTION**


**DECLASSIFIED**

**H. KEITH MELTON,**

**ROBERT WALLACE**

# **O Manual Oficial da CIA de Enganação e Enganação**

**H. Keith Melton e Robert Wallace**

 HarperCollins e-books

## Conteúdo

### [Agradecimentos](#)

[Prefácio](#) por John McLaughlin

[Introdução](#): O Legado do MKULTRA e os Manuais de Magia

Desaparecida [Algumas aplicações operacionais da arte do engano](#)

[I.](#) Introdução e comentários gerais sobre a arte do engano

[II.](#) Manipulação de tablets

[III.](#) Manipulação de Pós

[IV.](#) Manipulação de Líquidos

[V.](#) Remoção Sub-reptícia de Objetos

[VI.](#) Aspectos Especiais da Decepção para Mulheres

[VII.](#) Remoção Sub-reptícia de Objetos por Mulheres

[VIII.](#) Trabalhandocomo uma equipe

### [Sinais de reconhecimento](#)

### [Notas](#)

### [Bibliografia Seleccionada](#)

### [sobre os autores](#)

### [Outros livros de H.Keith Melton e Robert Wallace](#)

### [Créditos](#)

### [direito autoral](#)

### [Sobre a editora](#)

## AGRADECIMENTOS

É improvável que John Mulholland ou o Dr. Sidney Gottlieb, o oficial da CIA que autorizou a criação de “Algumas Aplicações Operacionais da Arte de Enganar” e “Sinais de Reconhecimento”, tenham antecipado que seus manuais se tornariam disponíveis para qualquer pessoa sem autorização de segurança. Ambos os homens entendiam que suas respectivas profissões, como mágico ou oficial da CIA, exigiam juramentos de sigilo.

Os mágicos juramento afirma:

Como um mago, prometo nunca revelar o segredo de qualquer ilusão a um não-mago, a menos que este, por sua vez, jure cumprir o Juramento do Mago. Eu prometo nunca realizar qualquer ilusão para qualquer não-mago sem primeiro praticar o efeito até que eu possa realizá-lo bem o suficiente para manter a ilusão de magia.

Os membros da comunidade mágica rejeitam qualquer um visto como traidor deste juramento, mas também reconhecem a necessidade de expor os segredos de seu ofício de forma responsável para estudantes e outros que desejam aprender magia. Em seu livro de 2003, *Hiding the Elephant: How Magicians Invented the Impossible and Learned to Disappear*, o ilusionista e autor Jim Steinmeyer abordou o enigma enfrentado por aqueles que procuram escrever sobre magia, mas ainda preservam seus mistérios:

Para entender como Houdini escondeu seu elefante, vamos ter que explicar alguns segredos. Teremos que violar o juramento daquele mago sagrado. No processo, prometo que haverá algumas decepções e mais do que algumas surpresas. Mas para apreciar a magia como uma arte, você terá que entender não apenas os enganos mais tolos, mas também as técnicas mais sutis. Você terá que aprender a pensar como um mágico.

Em seu popular livro de mercado geral de 1963, *Mulholland on Magic*, o

O próprio praticante habilidoso revelou muitos dos princípios da magia que uma década antes haviam sido incluídos em seu manuscrito operacional para a CIA. O verdadeiro segredo que Gottlieb e Mulholland procuravam preservar, no entanto, não era de truques específicos, mas que oficiais de inteligência profissionais, não apenas mágicos performers, estariam adquirindo o conhecimento necessário para aplicar o ofício ao mundo da espionagem.

Em certo sentido, este livro é o resultado de dois acidentes históricos. O primeiro "acidente" é o de milhares de páginas de pesquisa conduzidas sob o programa MKULTRA de uma década da CIA, até onde sabemos, apenas dois grandes estudos de pesquisa - os manuais de Mulholland - sobreviveram à ordem do diretor da CIA Richard Helm em 1973 para destruir todos os documentos do MKULTRA . Os manuais de Mulholland são uma rara evidência histórica de que a CIA, na década de 1950, por meio do MKULTRA, procurou entender e adquirir capacidades pouco ortodoxas para uso potencial contra o adversário soviético e o comunista mundial.ameaça. Os manuais e outros materiais administrativos desclassificados do MKULTRA revelam ainda que muitos dos principais cientistas e instituições privadas da América participaram voluntariamente de programas secretos que eles concordaram serem críticos para a segurança da nação.

O segundo “acidente” foi a descoberta pelos autores dos manuais da CIA há muito perdidos durante a realização de pesquisas não relacionadas em 2007. Embora partes dos manuais tenham sido descritas, referenciadas ou impressas em parte anteriormente, não tínhamos conhecimento da existência de uma cópia da obra desclassificada completa juntamente com os desenhos e ilustrações originais.

Notáveis referências públicas aos manuais Mulholland foram feitas pelo mágico-historiador Michael Edwards em um artigo de 2001, “The Sphinx & the Spy: The Clandestine World of John Mulholland”, em Genii: The Conjurors' Magazine, abril de 2001, uma reprodução parcial de O primeiro manual de Mulholland em Genii, vol. 66 não. 8, agosto de 2003, e Ben Robinson's MagiCIAn: John Mulholland's Secret Life, Lybrary.com, 2008. Nem a biblioteca da CIA, nem sua coleção de inteligência histórica continham uma cópia dos manuais de Mulholland.

Quando recuperados pelos autores, o texto dos manuais era legível, mas a má qualidade das páginas fotocopiadas das ilustrações, desenhos e fotografias que acompanhavam Mulholland exigia um estudo cuidadoso para entender sua intenção original. Para melhorar a legibilidade dos manuais, foram feitas correções de gramática, pontuação e erros relacionados que não alteram a substância do material original. Somos gratos à nossa editora da HarperCollins, Stephanie Meyers, por recomendar Phil Franke como ilustrador, que recriou o estilo e a precisão das imagens originais. O leitor encontrará a maestria de Phil em capturar movimentos de mãos e braços humanos, que são centrais para

A explicação de Mulholland de seus truques, para ser arte soberba.

Desde o primeiro dia em que mencionamos este projeto, Daniel Mandel, nosso agente na Sanford J. Greenburger and Associates, foi um promotor entusiasmado. Estamos profundamente agradecidos pelo interesse pessoal no assunto por Steve Ross, então na HarperCollins, e suas ações para tornar o projeto possível. Stephanie Meyers forneceu excelentes sugestões e orientação na construção do trabalho geral e na sua publicação. A equipe de design gráfico da HarperCollins criou uma capa distinta que reflete a aparência histórica e o significado do material.

Ao pesquisar, escrever e reescrever o livro, recebemos a ajuda diária de Mary Margaret Wallace na digitação e edição de rascunhos que oscilavam entre os autores. O encorajamento consistente e as sugestões e críticas bem colocadas de Hayden Peake e Peter Earnest melhoraram substancialmente nossos rascunhos iniciais. Tony e Jonna Mendez ofereceram perspectivas de suas experiências que nos permitiram traduzir muitos dos elementos da magia da teoria para a prática. Agradecimentos adicionais são devidos a Jerry Richards, Dan Mulvenna, Nigel West, Michael Hasco, David Kahn e Brian Latell, bem como a Ben, Bill e Paul por suas percepções e contribuições. Susan Rowen serviu como nosso “modelo de mão” e manteve nosso espírito animado enquanto os autores recriaram cada uma das fotografias originais de Mulholland como referências para o artista Phil Franke.

John McLaughlin, ex-vice-diretor e diretor interino da CIA, revisou o manuscrito para validar nosso uso da terminologia mágica, além de contribuir com o prefácio do livro e administrar o “juramento do mágico” aos autores. John é um mágico amador talentoso e, em virtude de sua carreira distinta na CIA, é qualificado de maneira única para entender a rica sobreposição entre o ofício do oficial de inteligência e o mágico. Como pesquisador sênior e palestrante no Philip Merrill Center for Strategic Studies da Paul H. Nitze School of Advanced International Studies em Washington, DC, ele frequentemente inicia apresentações sobre fraude estratégica com demonstrações de seu repertório de truques de mágica.

## PREFÁCIO

**por John McLaughlin**

*Ex-vice-diretor, Inteligência Central*

Este é um livro sobre um mágico americano extraordinário e a maneira como sua vida se cruzou com a inteligência americana em um momento crucial em sua história inicial.

John Mulholland nunca foi uma palavra familiar, como o mundialmente famoso escapologista Houdini ou, mais recentemente, o ilusionista David Copperfield. Mas entre os mágicos profissionais das décadas de 1930 a 1950, ele era visto como o próprio modelo do que um mágico deveria ser – urbano, altamente habilidoso, inventivo e prolífico. Ele foi muito bem sucedido profissionalmente, entretendo principalmente nos círculos da sociedade de Nova York. Ele publicou amplamente sobre magia, tanto para o público em geral quanto para o círculo interno de magos que assinavam o jornal profissional que ele editou por décadas, *The Sphinx*. Seu impacto na arte da magia foi enorme.

O livro de Mulholland de 1932, *Quicker Than the Eye*, foi um dos primeiros livros em que me deparei como um garoto encantado vasculhando a biblioteca pública na década de 1950. Lembro-me com carinho de ter sido transportado por um autor que parecia ter viajado pelo mundo e testemunhado coisas maravilhosas que eu só podia imaginar.

Foi isso que me fascinou em Mulholland na época. Como um mágico amador ao longo da vida que passou uma carreira na inteligência americana, o que me fascina em Mulholland hoje é a maneira como a história contada aqui ressoa com algo que cheguei a concluir no curso de minha vida profissional: que magia e espionagem são realmente artes afins.

O manual que Mulholland escreveu para a Central A Agência de Inteligência e que aqui se reproduz buscou aplicar a alguns aspectos da espionagem as técnicas de furtividade e desorientação utilizadas pelo mágico profissional.

Muitos podem perguntar o que esses dois campos têm a ver um com o outro. Mas um olhar superficial sobre o que os oficiais de inteligência fazem ilustra a convergência.

Assim como os métodos de um mágico devem evitar a detecção na frente de uma platéia atenta, um oficial de inteligência fazendo um trabalho de

espionagem deve escapar da vigilância próxima e passar mensagens e material sem detecção.

Em outra parte da profissão, os analistas devem estar tão familiarizados quanto os mágicos

com métodos de engano, porque os analistas estão quase sempre trabalhando com informações incompletas e em circunstâncias em que um adversário está tentando enganá-los — ou, no termo do mago, desorientá-los.

Oficiais de contra-inteligência — pessoas especializadas em capturar espiões — trabalham em uma parte da profissão tão labiríntica que é muitas vezes chamada de “deserto dos espelhos” — uma frase, é claro, com conotações mágicas.

Finalmente, há os especialistas em ação secreta. Em qualquer serviço de inteligência, esses são os oficiais que buscam a orientação de seus líderes nacionais para afetar eventos ou percepções no exterior, especialmente durante a guerra. Princípios de desorientação familiares aos magos eram evidentes em muitas das grandes operações secretas britânicas da Segunda Guerra Mundial — como enganar Hitler fazendo-o pensar que a invasão aliada do norte da África em 1943 teria como alvo a Grécia em vez de seu verdadeiro alvo, a Sicília. Esta foi a gestão de palco do mágico aplicada a um teatro de tamanho continental.

O manual que Mulholland produziu para a CIA não é lido como um livro para mágicos experientes leria. Ele está claramente se dirigindo a um público amador e tem o cuidado de explicar as coisas nos termos mais simples. No entanto, ele se baseia nos princípios subjacentes da magia para explicar como os oficiais de inteligência podem evitar a detecção em meio a vários atos clandestinos.

Pode-se argumentar que a instrução de Mulholland influenciou os aspectos mais mundanos do ofício de espionagem — como adquirir e ocultar subrepticiamente vários materiais, por exemplo. Até onde sabemos, no entanto, os métodos que ele projetou para ações mais agressivas — colocar clandestinamente pílulas e pós na bebida de um adversário, por exemplo — nunca foram realmente usados.

O fato de ele ter sido convidado a contemplar tais coisas é emblemático de um momento único na história americana. Os líderes americanos durante o início da Guerra Fria sentiram a nação existencialmente ameaçada por um adversário que parecia não ter escrúpulos. A escrita de Mulholland sobre a entrega de pílulas, poções e pós foi apenas um exemplo de pesquisa realizada naquela época em campos tão diversos quanto lavagem cerebral e psicologia paranormal. Muitos desses esforços que parecem bizarros hoje são compreensíveis apenas no contexto daqueles tempos — os anos formativos da Guerra Fria.

Esses também foram os anos de formação da comunidade de inteligência americana. É importante lembrar que este era um campo muito novo para os Estados Unidos. A maioria dos outros países já havia integrado a espionagem ao kit de ferramentas de segurança nacional; o estrategista chinês Sun Tsu havia escrito sobre isso em termos sofisticados no século VI a.C. e países mais

antigos, como Grã-Bretanha, Rússia e França, já o praticavam há séculos. Embora os Estados Unidos tenham usado a inteligência episodicamente, ela não foi organizada em um esforço de nível nacional até que

1947, e nosso jovem país luta ainda hoje por seu devido lugar em nossa estratégia de segurança nacional.

Duvido que muitos oficiais de inteligência hoje reconheçam o nome de John Mulholland. Mas a essência de sua contribuição pouco tinha a ver com notoriedade ou fama. Foi, na verdade, para ajudar os primeiros oficiais de inteligência do país a pensar como mágicos. Dado o parentesco próximo entre essas duas artes antigas, essa foi uma contribuição significativa de fato e que continua - de maneiras furtivas que Mulholland provavelmente admiraria - até hoje.

## **INTRODUÇÃO: O Legado do MKULTRA e os Manuais de Magia Desaparecida**

Magia e Inteligências são realmente artes afins.

-JOÃO MCLAUGHLIN,  
EX-VICE-DIRETOR DE INTELIGÊNCIA CENTRAL

Em 2007, os autores descobriram um arquivo da CIA há muito perdido, uma vez classificado como ultrassecreto, que revelou detalhes extraordinários da conexão da agência com o mundo da magia décadas antes. Os documentos, parte do projeto MKULTRA, lançam luz sobre uma operação fascinante e pouco conhecida – o emprego de John Mulholland como o primeiro mágico da CIA. Um autor talentoso e o conjurador mais respeitado da América de sua época, Mulholland escreveu dois manuais ilustrados para ensinar aos oficiais de campo da CIA como integrar elementos do ofício do mágico em operações clandestinas. Devido, em parte, aos níveis extraordinários de sigilo em torno do MKULTRA, os manuais foram considerados sensíveis demais para serem distribuídos amplamente e acredita-se que todas as cópias foram destruídas em 1973.<sup>1</sup> Quase cinquenta anos depois de terem sido escritos, rumores sobre a existência de uma cópia há muito perdida dos manuais “mágicos” continuaram a voar pelos corredores de Langley, mas muitos oficiais de inteligência pensavam que eram um mito.<sup>2</sup> Para entender o primeiro mágico da CIA, e como surgiram seus notáveis manuais, é necessário relembrar um dos períodos mais perigosos da história dos Estados Unidos.

Com o seu estabelecimento em julho de 1947, a CIA recebeu duas missões primárias – evitar ataques estrangeiros surpresa contra os Estados Unidos e conter o avanço do comunismo soviético na Europa e nas nações do terceiro mundo. Os oficiais da “Agência”, como a CIA ficou conhecida, estariam na linha de frente da Guerra Fria por quatro tensas décadas alimentadas por impasse nuclear, ideologias incompatíveis e um governo soviético obcecado por sigilo. Em casa, as organizações de segurança e inteligência da URSS, a KGB e seus antecessores, intimidaram a população interna e, no exterior, tentaram minar os governos estrangeiros alinhados com o Ocidente.

O sucesso da União Soviética teste de uma arma nuclear em 1949 pegou os Estados Unidos de surpresa e criou duas potências nucleares competindo em

um

atmosfera internacional de medo e incerteza. O presidente Eisenhower recebeu um surpreendente relatório ultra-secreto em 1954 de uma comissão chefiada pelo general aposentado James H. Doolittle que concluiu: “Se os EUA quiserem sobreviver, os antigos conceitos americanos de 'fair play' devem ser reconsiderados. Devemos aprender a subverter, sabotar e destruir nossos inimigos por métodos mais inteligentes, mais sofisticados e mais eficazes do que aqueles usados contra nós. Pode ser necessário que o povo americano conheça, compreenda e apoie esta filosofia fundamentalmente repugnante.”<sup>3</sup>

O relatório afirmava uma ameaça às democracias ocidentais da agressão patrocinada pelos soviéticos e exigia uma postura de inteligência ofensiva e defensiva americana diferente de qualquer coisa previamente autorizada em tempos de paz. Como resultado, o papel de ação secreta da CIA se expandiu da Europa para o Oriente Médio, África, América Latina e Extremo Oriente. Refletindo sobre esses anos mais de meio século depois, o ex-secretário de Estado dos EUA Henry Kissinger afirmou que durante a década de 1950 apenas os Estados Unidos estavam entre os líderes soviéticos.

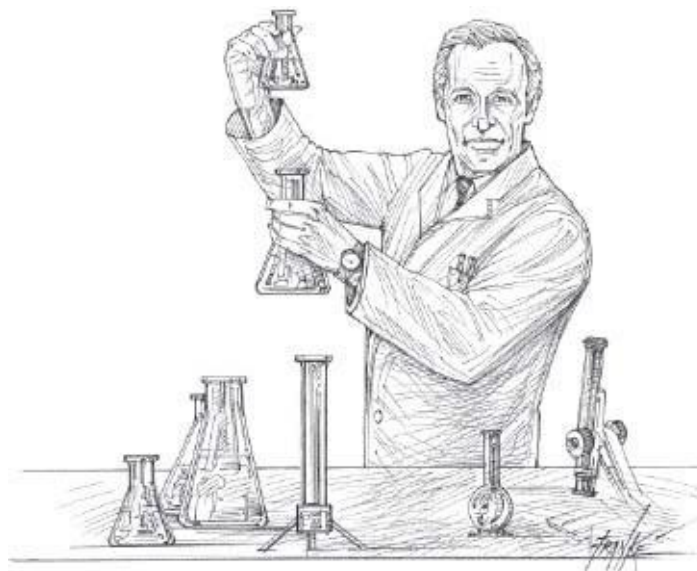
O comunismo e liberdade mundial.<sup>4</sup>

A CIA esteve envolvida em programas secretos desde a sua criação e em 1951 formou uma unidade especial, a Equipe de Serviços Técnicos (TSS), para explorar os avanços na Tecnologia dos EUA em apoio às operações de espionagem. Um dos primeiros funcionários da TSS foi o Dr. Sidney Gottlieb, cujo diploma em química pelo Instituto de Tecnologia da Califórnia fez dele uma escolha lógica para chefiar o punhado de químicos da equipe. Inicialmente, o ramo de química criou e testou fórmulas, ou “tintas especiais”, para escrita secreta que permitia que espiões da CIA incorporassem

mensagens invisíveis em correspondências inócuas.<sup>5</sup> Para esconder as “tintas que desaparecem” líquidas, a TSS reformulou os líquidos em uma forma sólida que parecia comprimidos de aspirina e reembalou os comprimidos em frascos de comprimidos que passariam despercebidos no armário de remédios de um agente. Quando um espião tinha informações para transmitir, ele dissolvia o comprimido em água ou álcool para reconstituir a tinta para sua mensagem secreta.

A TSS também apoiou outras atividades da Agência: falsificação de documentos de viagem e identidade para agentes que trabalhavam sob pseudônimos, impressão de folhetos de propaganda, instalação de microfones e câmeras clandestinos e construção de esconderijos para equipamentos de espionagem em móveis, pastas e roupas. Para os não iniciados no ofício da espionagem, o trabalho secreto dos cientistas e engenheiros do TSS às vezes parecia realizar o impossível. Na realidade, esse punhado de cientistas da CIA estava demonstrando a terceira lei de previsão avançada pelo autor da ficção

científica Arthur C. Clarke: “Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia.”<sup>6</sup>



Dr. Sidney Gottlieb, Chefe, Divisão de Serviços Técnicos da CIA, 1966–1973.  
Phil Franke

Dr. Gottlieb e seus químicos expandiram sua pesquisa durante 1953 para combater outra ameaça soviética imprevista. A Guerra da Coreia, que durou três anos, estava paralisada e a aliança da Coreia do Norte, China e União Soviética parecia a caminho de dominar a arte do “controle da mente”. Tal capacidade poderia tornar soldados, e possivelmente populações inteiras, vulneráveis à propaganda e influência comunistas. Relatórios chegaram à CIA sobre sucessos clandestinos soviéticos com controle mental e capacidades recém-descobertas de lavagem cerebral, recrutar e operar agentes com a ajuda de drogas.<sup>7</sup>

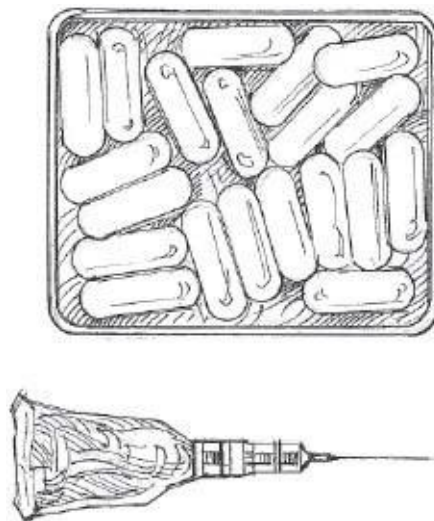
O controle mental parecia permitir que os comunistas, usando uma combinação de técnicas psicológicas e compostos farmacológicos recém-desenvolvidos, para alterar remotamente as capacidades mentais de um sujeito e controlar seu “livre arbítrio”.

ciência subjacente ao relatório soviético sucessos permaneciam um mistério. Os Estados Unidos precisavam entender a base científica do controle mental e desenvolver salvaguardas e, se necessário, aplicações para seu próprio uso.

Em março de 1953, Allen Dulles, Diretor de Inteligência Central, confiou a Gottlieb, de 34 anos, um dos programas de Guerra Fria mais secretos e sensíveis da América, com o codinome MKULTRA. Dulles autorizou a TSS e a equipe química do Dr. Gottlieb a começar a trabalhar em vários projetos de “pesquisa e desenvolvimento de materiais químicos, biológicos e radiológicos capazes de emprego em operações clandestinas para controlar comportamento humano.”<sup>9</sup>

O MKULTRA acabou abrangendo 149 subprojetos e permaneceu um dos segredos mais cuidadosamente guardados da CIA por mais de vinte anos. manipulação. A pesquisa incluiu a aquisição clandestina de medicamentos, testes clínicos e experimentação com humanos, alguns dos quais desconheciam tais testes, e propostas de concessão e contratos com hospitais, empresas e indivíduos. Os cientistas investigaram tópicos que vão desde a criação de soros da verdade até o desenvolvimento de uma maneira humana de incapacitar cães de guarda usando um poderoso tranquilizante misturado com carne moída.<sup>11</sup> Vários projetos envolveram pesquisas sobre drogas que alteram a mente pouco compreendidas, como LSD e maconha. No final, a pesquisa produziu uma variedade de capacidades ofensivas potenciais envolvendo toxinas incapacitantes, letais e não rastreáveis.

No entanto, a ausência de dados científicos no início da década de 1950 sobre os níveis de dosagem eficazes e seguros das novas drogas, incluindo o LSD, apresentou um problema para os pesquisadores do MKULTRA. Como resultado, Gottlieb e membros de sua equipe realizaram experimentos em si mesmos que incluíam ingerir drogas e observar e registrar suas próprias reações. No final de 1953, um experimento inicial de LSD envolvendo vários cientistas do governo foi terrivelmente ruim.



As pílulas “Hush puppy” continham um tranquilizante inofensivo, que foi misturado com carne moída e dado ao cão. Para evitar suspeitas, syrettes cheios de adrenalina despertariam o cão quando a missão fosse concluída.

Phil Franke

Dr. Frank Olson estava trabalhando na Divisão de Operações Especiais do Exército dos EUA

(SOD) instalação de armas biológicas em Ft. Detrick, Maryland, e auxiliando a CIA em projetos MKULTRA. Junto com meia dúzia de outros cientistas, ele se ofereceu para participar de um retiro em meados de novembro de 1953 no remoto Deep Creek Lodge, no oeste de Maryland, organizado por Gottlieb.<sup>12</sup> Juntamente com outros sete pesquisadores do TSS e Ft. Detrick, Olson foi servido com licor Cointreau que havia sido secretamente enriquecido com setenta microgramas de LSD. Após trinta minutos, os participantes foram informados sobre o LSD e alertados para começar a estudar suas reações. A maioria relatou pouco efeito, mas Olson teve uma “má viagem” naquela noite. Como sua condição piorou nos dias seguintes, o vice de Gottlieb, Dr. Robert Lashbrook, o escoltou para Nova York para aconselhamento psiquiátrico. Essa atenção e tratamento pareceram acalmar Olson temporariamente,

executivos da CIA, buscando proteger o sigilo do programa MKULTRA, não revelou totalmente as circunstâncias da morte de Olson para sua família. Nenhuma outra fatalidade dos experimentos MKULTRA ocorreu, mas duas décadas se passaram antes que a viúva de Olson recebesse um pedido de desculpas atrasado do presidente Gerald Ford e um acordo financeiro do governo dos EUA.<sup>13</sup>

A inteligência soviética na década de 1950, no entanto, era menos avessa à morte, seja por acidente ou por assassinato. Nikita Khrushchev, o sucessor do ditador Joseph Stalin, continuou a política existente de “ações especiais” como uma ferramenta central para lidar com os líderes de grupos de emigrantes anti-soviéticos.

pós-stalinista, o nacionalista ucraniano Georgi Okolovich, foi poupado quando o assassino, oficial da KGB Nikolai Khokhlov, confessou a trama para sua vítima e desertou para a CIA. Em 20 de abril de 1954, Khokhlov deu uma coletiva de imprensa dramática e revelou tanto o plano de assassinato quanto sua arma exótica para o

O dispositivo de execução era uma arma operada eletricamente e um silenciador escondido dentro de um maço de cigarros que disparava balas com ponta de cianeto.<sup>16</sup> Esse fracasso foi seguido logo depois pelos assassinatos bem-sucedidos dos líderes ucranianos Lev Rebet em 1957 e Stephen Bandera em 1959. Ambos foram mortos pela KGB

o assassino Bogdan Stashinsky, que desertou em 1961 e revelou que havia descartado sua arma, uma pistola de gás cianeto escondida em um jornal enrolado, em um canal próximo à residência de Bandera em Munique, Alemanha. A arma de maço de cigarros da KGB e a arma de cianeto de Stashinsky, recuperadas do

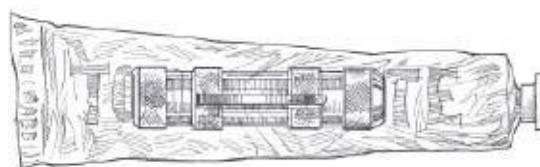
canal, estimulou os esforços acelerados dos EUA para criar armamento

comparável para Estados Unidos.18



O Bioinoculador Indiscernível.  
Phil Franke

Desde o início do MKULTRA, os cientistas da CIA pesquisaram substâncias químicas e biológicas letais, bem como “soros da verdade” e alucinógenos, enquanto continuavam o trabalho iniciado no Escritório de Serviços Estratégicos durante a Segunda Guerra Mundial. Sob um projeto conjunto de codinome MKNAOMI, TSS e o SOD cooperaram no desenvolvimento de armas engenhosas e venenos exóticos. Um produzido pelo Exército, chamado de “bioinoculador indiscernível”, parecia uma pistola Colt calibre .45 que, equipada com uma mira telescópica e coronha removível, disparava um dardo com ponta de toxina silenciosamente e com precisão até 250 pés. O dardo era tão pequeno - ligeiramente mais largo que um fio de cabelo humano - era quase indetectável e não deixava vestígios no corpo do alvo durante uma autópsia.<sup>19</sup> Outros lançadores de dardos foram desenvolvidos e escondidos dentro de canetas-tinteiro, bengalas e guarda-chuvas.<sup>20</sup>



Um tubo de pasta de dente usado como disfarce para o CIA STINGER, um pequeno dispositivo de disparo único calibre .22.  
Phil Franke

A pesquisa também foi realizada em uma variedade de venenos exóticos, incluindo toxinas de mariscos, veneno de cobra, botulinium e bÍlis de crocodilo.<sup>21</sup> Sob o programa MKULTRA, a CIA armazenou oito substâncias letais diferentes e outros vinte e sete incapacitam temporariamente para operações específicas ou como recursos de prateleira para possível uso futuro.<sup>22</sup> Em um exemplo, um tubo de pasta de dente com veneno foi preparado para ser inserido no kit de higiene pessoal do presidente Patrice Lumumba em 1960. No entanto, o chefe do escritório da CIA em

Leopoldville, LarryDevlin, rejeitou o plano e jogou o tubo no rio próximo.<sup>23</sup> Mais ou menos na mesma época, a CIA tratou um lenço com um agente incapacitante, a brucelose, para ser enviado a um coronel iraquiano visado, <sup>24</sup> mas o homem foi baleado por um pelotão de fuzilamento antes que o lenço chegasse.<sup>25</sup>



Ilustração de frascos originais de toxina letal de marisco criada para MKULTRA. Phil Franke

Talvez algumas das tramas mais criativas e quase extravagantes da CIA consideradas no início da década de 1960 fossem parte da Operação Mongoose, destinada a desacreditar ou assassinar o líder cubano Fidel Castro usando uma variedade de parafernália incapacitante e mortal.<sup>26</sup>



A CIA considerou modificar vários dispositivos para assassinar Castro. Phil Franke

**Sprays e charutos alucinógenos:** Um químico bioorgânico propôs pulverizar LSD dentro do estúdio de transmissão de Castro em Havana para causar

ele a alucinar.<sup>27</sup> Como Fidel fumava charutos, outra ideia sugeria impregnar os charutos de Castro com um produto químico especial para produzir desorientação temporária durante seus discursos desconexos durante a transmissão ao vivo para o povo cubano.<sup>28</sup>

**BOTAS CONTAMINADAS:** Quando Castro viajava para o exterior, muitas vezes deixava suas botas do lado de fora do quarto do hotel à noite para serem engraxadas. A CIA considerou polvilhar o interior das botas com sais de tálio, um depilatório forte, que faria sua barba cair. O produto químico foi adquirido e testado com sucesso em animais, mas o plano foi descartado quando Castro cancelou o viagem.<sup>29</sup>

### **CHARUTOS DEPILATÓRIOS, ENVENENADOS E EXPLOSIVOS: Semelhante a**

No conceito de bota empoeirada, os charutos de Castro podiam ser tratados com um poderoso depilatório, causando perda de barba e danos correspondentes à sua imagem “machista”. Uma caixa especial de charutos deveria ser fornecida para Castro durante uma aparição no talk show de televisão de David Susskind. No entanto, depois que um oficial sênior da CIA questionou como a operação poderia garantir que apenas Castro fumar os charutos, a ideia foi abandonada.<sup>30</sup>

Em outra tentativa, um agente duplo cubano foi recrutado para oferecer a Castro um charuto tratado com botulina, uma toxina mortal que causaria a morte em segundos. Os charutos foram passados para o agente em fevereiro de 1961, mas ele não conseguiu executar o plano.<sup>31</sup> As autoridades de segurança cubanas acabaram criando uma marca privada de charutos, a Cohiba, exclusivamente para Castro, para salvaguardar o seu abastecimento contra futuras tentativas de assassinato.

Um terceiro conceito envolvia plantar uma caixa de charutos explosivos em um lugar que Castro visitaria durante uma viagem às Nações Unidas e “explodiria sua cabeça”. O plano não foi executado.<sup>32</sup>

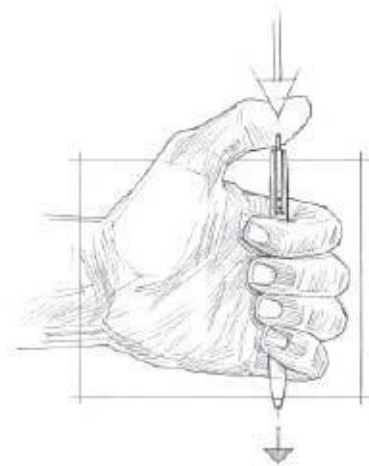
Além dos charutos, Castro desfrutaram dos oceanos e praias de Cuba, que ofereceram um local operacional para:

**EXPLOÇÃO DE CONJUNTOS:** TSD foi solicitado em 1963 para construir uma concha cheia de explosivos. Este dispositivo deveria ser plantado perto da praia de Veradero, em Cuba, um lugar onde Castro costumava fazer mergulho livre. A CIA descartou a ideia como impraticável quando falhou em uma revisão operacional.<sup>33</sup>

**FATO DE MERGULHO CONTAMINADO:**Foi feita uma proposta paraa

intermediário para presentear Castro com um traje de mergulho e aparelho respiratório contaminado com bacilo da tuberculose (germe da tuberculose).<sup>34</sup> A CIA obteve um traje de mergulho e espanou-o para produzir o pé Madura, uma doença crônica da pele. O plano falhou quando o intermediário optou por apresentar um traje de mergulho diferente.<sup>35</sup>

**CANETA ENVENENADA:** Mais ou menos na mesma época em que o presidente Kennedy foi assassinado em Dallas - 22 de novembro de 1963 - um oficial da CIA se encontrou secretamente com Rolando Cubela, um agente cubano em Paris, e ofereceu uma caneta envenenada para matar Castro. O dispositivo, uma esferográfica Paper Mate, foi modificado para esconder uma pequena seringa hipodérmica para injetar o veneno Blackleaf-40. Mesmo a menor picada resultaria em uma morte certa, embora o agente tivesse tempo de escapar antes que os efeitos fossem percebidos. Depois de saber da morte de Kennedy, no entanto, Cubela reconsiderou o plano e descartou a caneta antes de retornar ao Cuba.<sup>36</sup> Uma década depois, em 1976, a política americana que rege as ações letais contra líderes estrangeiros foi formalizado quando o presidente Ford emitiu a Ordem Executiva 11905 proibindo assassinatos políticos.<sup>37</sup>



Uma seringa hipodérmica foi escondida dentro desta caneta Paper Mate modificada para uma operação para assassinar Castro.

Phil Franke

Desde os primeiros dias do MKULTRA, o Dr. Sidney Gottlieb reconheceu que as drogas e produtos químicos da CIA, independentemente de seu propósito final, seriam operacionalmente inúteis a menos que oficiais e agentes de campo pudessem administrá-los secretamente. Durante o mesmo mês em que o MKULTRA foi autorizado, abril de 1953, Gottlieb contatou John Mulholland, então com 55 anos e um dos magos mais respeitados da América. Mulholland era um especialista em prestidigitação ou “close-up”

magia, um estilo de conjuração que atraía Gottlieb porque era realizado a poucos metros da platéia.<sup>38</sup> Além disso, as ilusões de prestidigitação não exigiam adereços elaborados para apoio. Se Mulholland pudesse enganar um público suspeito que estava estudando cada movimento seu de perto, deveria ser possível usar truques semelhantes para administrar secretamente uma pílula ou poção a um alvo desavisado.

Para fazer isso, os oficiais de campo da CIA precisariam ser ensinados a realizar suas próprias truques e John Mulholland, autor de vários livros sobre magia, pareciam ser o instrutor ideal.<sup>39</sup> Quando abordado, Mulholland logo concordou em desenvolver um “manual de espionagem” para Gottlieb descrevendo “os vários aspectos da arte do mago”, que poderia ser útil em operações secretas. As instruções forneceria informações que permitiriam a um oficial de campo “desenvolver as habilidades para colocar clandestinamente uma pílula ou outra substância em bebidas ou alimentos para serem consumidos por um alvo”. Número 4 em 4 de maio de 1953.<sup>41</sup>



John Mulholland – mágico de renome mundial, “Engano que é arte”. Phil Franke

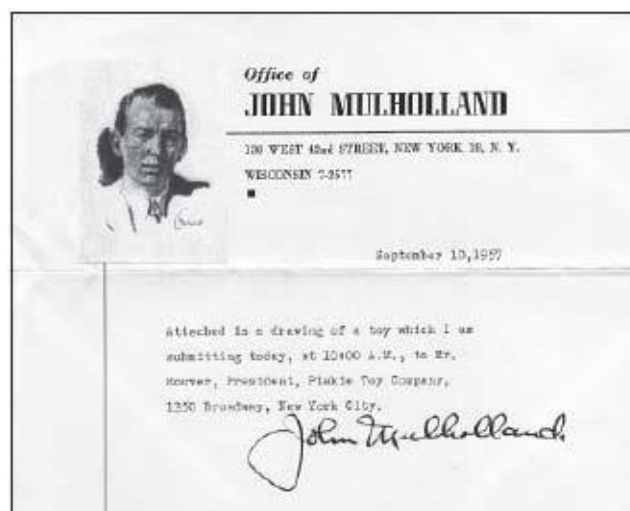
Como parte do programa MKULTRA ultra-secreto mais amplo, a confidencialidade em relação ao relacionamento CIA-Mulholland e possível uso operacional das técnicas de magia era essencial. Múltiplas camadas de segurança incluíam uma acordo de sigilo com Mulholland, correspondência “estéril” usando nomes alternativos,

cobrir empresas e caixas postais não imputáveis. CIA usou várias capas para o Dr. Gottlieb. Inicialmente, ele se comunicou com Mulholland como Sherman C. Grifford da Chemrophyl Associates através de uma caixa postal numerada em Washington, DC42. Posteriormente, o número da caixa postal mudou, assim como o nome de capa, para Samuel A. Granger, presidente da notional Granger Research Company. 43

Como medida adicional, os escritos de Mulholland não continham nenhuma referência à CIA ou a operações clandestinas. Oficiais de caso de campo eram chamados de “artistas” ou “malandros” e os atos secretos eram chamados de “truques”. Mulholland se comprometeu a nunca divulgar, publicar ou revelar as informações, métodos ou pessoas envolvidas.44 As práticas de compartimentação de informações na época tornam improvável que Mulholland tenha sido informado sobre qualquer um dos outros subprojetos do MKULTRA e não há evidências de que Mulholland tenha projetado os truques de prestidigitação para qualquer operação específica.

No inverno de 1954, o manuscrito, intitulado “Algumas Aplicações Operacionais da Arte da Enganação”, estava completo.45 Gottlieb, aparentemente satisfeito com o esforço, viu então outra área para as habilidades do mago: a CIA precisava de novos métodos para comunicação secreta. entre oficiais e espões.

Gottlieb convidou Mulholland a sugerir como a CIA poderia se apropriar de “técnicas e princípios empregados por 'mágicos', 'leitores de mente' etc. outro manual, mas muito mais curto, intitulado “Sinais de Reconhecimento”.



Artigos de papelaria de John Mulholland de 1953a 1958. cortesia dos autores

Em 1956, Gottlieb novamente expandiu o papel de John Mulholland como consultor para considerar “a aplicação das técnicas do mago para operações clandestinas, tais técnicas para incluir entrega clandestina de materiais, movimentos e ações enganosas para cobrir atividades normalmente proibidas, influenciando escolhas e percepções de outras pessoas, várias formas de disfarce; disfarçado sistemas de sinalização etc”.

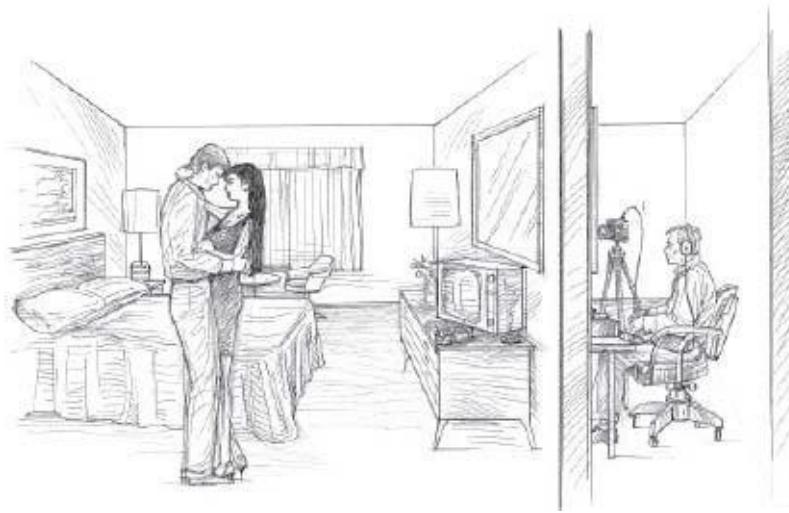
Os manuscritos de Mulholland, “Algumas Aplicações Operacionais da Arte de Deception” e “Recognition Signals”, estão entre os poucos documentos restantes para revelar a pesquisa do MKULTRA. Praticamente todos os relatórios do programa e arquivos operacionais sobre a “pesquisa e desenvolvimento de materiais químicos, biológicos e radiológicos capazes de serem empregados em operações clandestinas para controlar o comportamento humano” foram destruídos pelo DCI Richard Helms em

1973, dez anos após a maior parte da pesquisa ter terminado.<sup>49</sup> De acordo com um oficial da CIA na década de 1970, o(s) manual(ais) de Mulholland “é o único produto do MKULTRA conhecido por ter escapado da destruição”. escrito em 1964, “Tornou-se cada vez mais óbvio ao longo nos últimos anos que a área geral [de controle biológico e químico do comportamento humano] tinha cada vez menos relevância para as operações complexas atuais. Do lado científico, esses materiais e técnicas são muito imprevisíveis em seus efeitos sobre seres humanos individuais para serem operacionalmente úteis.”<sup>51</sup>

Mas a destruição dos documentos do MKULTRA se tornaria um problema para a Agência. Na esteira dos artigos do New York Times alegando abusos e má conduta da CIA relacionados à espionagem doméstica em dezembro de 1974, um Comitê do Senado, chefiado pelo senador Frank Church, iniciou uma investigação. Uma revelação sensacional das audiências envolveu a descoberta de documentos financeiros e administrativos não operacionais do MKULTRA que escaparam da destruição dois anos antes. O escrutínio do Senado dos arquivos revelou que experimentos com drogas com nomes provocativos, como Operação Midnight Climax, haviam sido realizados em esconderijos da CIA na Califórnia e em Nova York. Esses experimentos observaram os efeitos do LSD em indivíduos inconscientes ou “clientes” que foram atraídos para as casas seguras por prostitutas. Suas reações às drogas foram sub-repticiamente monitoradas por trás de espelhos unidirecionais para julgar a eficácia do LSD, “soros da verdade” e outras substâncias de controle mental.<sup>52</sup>

Embora estivesse aposentado há dois anos, Gottlieb foi chamado como testemunha

pelo comitê do Senado e questionado por quatro dias consecutivos em outubro de 1975. O questionamento se concentrou nos experimentos com drogas e Gottlieb aparentemente não foi questionado sobre o contrato de John Mulholland. Posteriormente, após meses de trabalho investigativo e milhares de horas de depoimentos, o Comitê da Igreja citou a CIA por uma falha de “comando e controle” para apenas dois projetos de experimentação de drogas, incluindo o evento de 1953 que resultou na morte do Dr. Olson. O comitê então concluiu que nenhum dos oficiais que conduziam o MKULTRA havia realizado ou participado de atividades ilegais ou criminosas.



Um pesquisador da Operação Midnight Climax monitora o quarto do hotel por trás de um espelho de mão única para fotografar e registrar eventos secretamente.

Phil Franke

Mantendo sua promessa de sigilo, Mulholland morreu em 1970 sem revelar seu papel clandestino como “o mágico da CIA”. em 1977.<sup>54</sup> Por quase vinte e cinco anos, a história foi quase esquecida até que um artigo bem pesquisado pelo historiador de magia Michael Edwards apareceu na revista Genii em 2001, uma continuação

Peça de agosto de 2003 por Richard Kaufman em Genii, e uma biografia de Mulholland pelo mágico Ben Robinson foi publicada no final de 2008 sob o título, MagiCIA: John Mulholland's Secret Life.<sup>55</sup>

Documentos da CIA desclassificados, os artigos Genii e os documentos de Robinson livro descreveu um “manual” elusivo e ilustrado escrito por Mulholland detalhando como

para realizar truques de mágica para uso potencial por oficiais de inteligência. Os sete títulos dos capítulos do primeiro manuscrito de cem páginas de Mulholland foram listados no Documentos do MKULTRA, mas Edwards observou: “Hoje—cinco décadas depois de ter sido escrito—os truques e abordagens apresentados neste manual ainda são classificados como 'top secret'.”<sup>56</sup>

Robinson, comentando sobre o sigilo em torno do manual de Mulholland, declarou: “De um manual de cento e vinte e uma páginas composto por oito capítulos, o governo permitiu que apenas cinquenta e seis páginas fossem tornadas públicas. Das cinquenta e seis páginas vistas, cerca de dois terços das páginas são visíveis; a

o terço restante foi redigido [apagado].”<sup>57</sup> Um histórico interno da Equipe de Serviços Técnicos escrito por um historiador da CIA em 2000-2001 se referia ao manual “ultra-secreto” de Mulholland e indicava que não existiam cópias conhecidas.

Agora sabemos que, sob seus contratos com a CIA, Mulholland produziu pelo menos dois manuais ilustrados. O primeiro descreveu e ilustrou vários “truques”, principalmente truques de prestidigitação e enganos de close-up para esconder, transportar e entregar secretamente pequenas quantidades de líquidos, pós ou pílulas na presença de alvos desavisados. O segundo manual, muito mais curto, revelou métodos usados por magos e seus assistentes para passar informações entre si sem qualquer aparência de comunicação. Os manuais foram escritos na forma de instruções gerais de treinamento, e não como suporte para operações específicas. Apenas uma cópia dos manuais originais é conhecida por ter sobrevivido.

Para Gottlieb e seus sucessores, as técnicas de engano usadas pelos mágicos performáticos, quando somadas à “magia” da tecnologia, apresentavam um intrigante potencial para potencializar a entrega clandestina de materiais e comunicações secretas. Os princípios de magia de Mulholland eram consistentes com a doutrina de ofício da CIA, e nas décadas seguintes consultores talentosos do mundo da magia forneceram à CIA ilusões inovadoras para mascarar e obscurecer operações clandestinas. Vários elementos do ofício do mago podem ser vistos em todo o mundo da espionagem, principalmente no gerenciamento de palco, prestidigitação, disfarce, transferência de identidade, escapologia e dispositivos especiais de ocultação, como moedas.

## **Gerenciamento de palco e má direção**

O segredo apropriado para um mago usar é aquele indicado como melhor sob as condições e circunstâncias da performance.

-JOHN MULHOLLAND

**T.ME/NARRADORLIVROS**

John Mulholland instruiu os oficiais de que seu sucesso, em oposição ao dos mágicos, dependia do fato de que eles não eram conhecidos ou mesmo suspeitos de serem trapaceiros. As técnicas enganosas que ele ensinava para entregar pílulas, pós e poções da CIA deveriam ser executadas clandestinamente, mas à vista de um público que, se estivesse ciente da natureza da atividade, imediatamente confrontaria e prenderia o espião. A conscientização e o “gerenciamento” do ambiente potencialmente hostil, onde o público é culturalmente diverso, descontrolado e às vezes invisível, é tão crítico para o sucesso de um espião quanto seus dispositivos especiais. Da mesma forma, um mágico de palco de sucesso entende que a execução de um truque pode não produzir uma ilusão efetiva a menos que o palco e o público sejam conscientemente administrados.

Mulholland, o mestre da “fechadura mágica”, instruiu sua CIA “malandros” que “quanto mais o performer puder ser visto, menor será sua chance de fazer qualquer coisa sem ser detectado. Por exemplo, um artista no palco seria visto se ele colocasse a mão no bolso, mas essa ação pode ser feita sem ser vista enquanto estiver perto de uma pessoa, de modo que a mão esteja fora de seu alcance.

visão.”<sup>58</sup> Esse estilo de magia era ideal para as ações planejadas pela CIA que precisavam ser executadas nas proximidades do alvo.

Linhas de visão, limitando o que o público pode ver, são organizadas de modo que o truque do mágico possa ser executado sem expor equipamentos ou manobras secretas. proteger a ilusão.

Tempo suficiente é alocado para preparar ilusões complexas e um número ilimitado de ensaios pode ser realizado para ajustar e aperfeiçoar a performance. Em contraste com a espionagem, onde um único erro pode ser mortal para o espião, os deslizes de um mágico durante um “show ao vivo” têm poucas consequências além do constrangimento momentâneo.

Para criar um eficaz Na ilusão, o espião e o mágico empregam técnicas similares de artesanato e gerenciamento de palco.<sup>60</sup> Razões plausíveis substituem a realidade para ocultar propósitos verdadeiros, e a atenção do espectador é acalmada e desviada. Para espiões e magos serem bem sucedidos, a execução deve ser cuidadosamente planejada, exaustivamente praticado e habilmente executado.

Os mágicos planejam performances perguntando a si mesmos “o que é o meu palco?” e “quem é meu público?” Mulholland ensinou que essas perguntas devem ser complementadas perguntando “qual é o meu objetivo para a operação?” e “como posso realizar a operação secretamente?” Somente depois que essas perguntas forem suficientemente respondidas, o palco e o público prováveis podem ser avaliados.

Para o mago, a ilusão perfeitamente executada é o objetivo final. Para o espião, a ilusão é apenas um meio de desviar a atenção de **T.ME/NARRADOR LIVROS**

Ser estar

bem sucedida, a ilusão da espionagem deve resistir tanto a observação direta decuriosos (casuais) e o escrutínio de oficiais de contra-inteligência profissionais (vigilância hostil), sem expor a participação ou a identificação do agente. Atos clandestinos típicos desse tipo envolvem troca secreta de informações, dinheiro e suprimentos entre o espião e o oficial de inteligência.

Técnicas adequadas de gerenciamento de palco fornecem razões para o público do mágico acreditar em seus olhos em vez de em sua razão. As pessoas têm uma capacidade quase infinita de auto-racionalizar e “saber” que os humanos não podem levitar ou sobreviver sendo cortados ao meio, mas ambos parecem ocorrer em um estágio bem administrado. A CIA aprendeu a explorar essas tendências em operações em que o espião precisava que a equipe de vigilância hostil ignorasse as observações visuais diretas e racionalizasse os eventos como não-alerta. Por exemplo, um oficial de inteligência pode sempre estacionar seu carro no meio-fio em frente à sua casa. Isso é observado pela vigilância. No dia em que uma gota morta é deixada para um agente, o carro é estacionado do outro lado da rua

a casa.<sup>61</sup> O agente reconhece o local de estacionamento diferente como um sinal, enquanto a vigilância não vê nenhum significado.

A desorientação estratégica torna-se ainda mais eficaz quando combinada com camuflagem e ilusão. Durante a Segunda Guerra Mundial, o mágico de palco Jasper Maskelyne usou suas habilidades para “enganar os olhos” para apoiar a Direção Britânica de Camuflagem.<sup>62</sup> Tanques de borracha infláveis foram criados para desviar a atenção do inimigo longe de tanques reais que foram disfarçados com conchas de compensado para aparecer como caminhões de transporte. Operacionalmente, uma coluna inteira de “caminhões” poderia trocar suas peles artificiais e reaparecer no campo de batalha “do nada”, como que por mágica!

Tais operações também tinham aplicações em enganos navais. Em 1915, os “Q-boats”, navios a vapor aparentemente inofensivos e desgastados que pareciam ser presas fáceis, atraíram submarinos alemães para acabar com eles com sua arma de convés. Os Q-boats foram equipados com canhões ocultos disfarçados em cabines desmontáveis ou botes salva-vidas. Os uniformes navais da tripulação foram trocados por velhos uniformes de segunda mão para disfarçar a tripulação e o capitão, que permaneceram escondidos para retratar uma embarcação pouco tripulada e vulnerável. Somente quando o submarino se aproximasse o suficiente “para matar” a armadilha seria acionada e a superestrutura girada

longe para revelar o formidável armamento do Q-boat.<sup>63</sup>

Reminiscente da decepção bem-sucedida dos Q-boats, em 1961 os oficiais da CIA adquiriram juncos chineses padrão em Hong Kong para conversão com embarcações de alta velocidade equipadas com motores a diesel marítimos, metralhadoras de 50 calibres e uma bateria de foguetes camuflados de 1,5

polegadas. Os barcos, que pareciam externamente não modificados, patrulhariam secretamente a costa vietnamita acima da DMZ e, se necessário, seriam capazes de descartar rapidamente seu lixo camuflado

superestrutura e casco “como mágica” antes de desaparecer em alta velocidade.<sup>64</sup> Para operações de agentes, um oficial técnico aposentado da CIA, Tony Mendez, descreveu o elaborado técnicas de gerenciamento de palco usadas em Moscou contra equipes de vigilância de elite da Sétima Diretoria da KGB. Ao “acalmar” a equipe de vigilância com um padrão invariável de deslocamento diário dentro e ao redor de Moscou, o estado de alerta dos observadores acabaria e naturalmente se degradaria. Então, após meses de um padrão de viagem imutável, o oficial da CIA “desaparecia” durante seu trajeto “normal” pelo breve tempo necessário para um ato clandestino – geralmente preenchendo um dead drop ou postando uma carta – antes reaparecendo em seu destino apenas alguns minutos de atraso.<sup>65</sup> Os observadores não ficaram alarmados com o curto intervalo em uma programação de rotina.

Mendez explica que, ao usar o desorientação, “uma ação maior cobre uma ação menor, desde que a ação maior em si não atraia suspeitas”. . . . Levar o cachorro para longas caminhadas à noite (a ação maior) fornecia inúmeras oportunidades para marcar secretamente sites de sinal e serviços de dead drops (as ações menores). As equipes de vigilância se acostumaram com o padrão das caminhadas noturnas e foram iludidas por uma falsa crença de que nenhuma atividade clandestina de ação menor ocorreria.

Tanto magos quanto espões devem gerenciar efetivamente o palco e as linhas de visão para criar uma ilusão. O oficial da CIA Haviland Smith, ex-oficial sênior da CIA na Tchecoslováquia durante o final da década de 1950, desenvolveu novas técnicas operacionais para explorar as fraquezas nas linhas de visão das equipes de vigilância que trabalhavam contra ele em Praga. Descobriu que quando caminhava em áreas urbanas, em rotas que usava com frequência, a equipe de vigilância estava sempre atrás dele e, quando fazia uma curva à direita, ficava “na brecha” ou livre de vigilância por um tempo. alguns segundos. Em vez de agir de forma suspeita para evitar a vigilância, ele conseguiu que as linhas de visão operassem “diante de seus olhos” enquanto “na brecha”. Smith repetiu a técnica durante seu próximo posto em Berlim Oriental, e novamente funcionou. Ao gerenciar adequadamente seu estágio, todos os seus atividades poderiam ser realizadas nessas lacunas e fora da vista.<sup>67</sup>

Smith continuou a refinar suas técnicas para trabalhar “na brecha” para trocar informações secretamente com espões e, em 1965, consultou um mágico para obter dicas sobre como usar a direção errada. - para garantir que ele seria

livre de observação de fuga. Em uma demonstração pessoal organizada no Mayflower Hotel, em Washington, na frente de seu chefe, **T.M. NARRADOR LIVROS**

Leste Europeu, ele acrescentou a nova reviravolta de desorientação. Smith tinha outro

oficial - Ron Estes - vira à direita para o hotel carregando um pequeno pacote na mão direita sob a capa de chuva. Smith, posando como o agente, estava esperando do lado de fora da porta, ao lado de um banco de telefones públicos. Quando Estes se aproximou, ele tirou a capa de chuva da mão direita e a sacudiu brevemente antes de deixá-la cair na mão esquerda. Nesse mesmo instante ele entregou o pacote despercebido a Smith com a mão direita. O movimento da capa de chuva desviou com sucesso a atenção para a esquerda de Estes e para longe do pacote. Smith o recebeu sem aviso prévio e se afastou rapidamente e desceu uma escada. Os observadores da CIA desconheciam a técnica e perguntavam impacientemente quando a atividade aconteceria. Funcionou. A má orientação agravou a eficácia do gerenciamento de palco. 69

Teatros performáticos podem ser artisticamente organizados para ilusões que proporcionam ao mágico de palco vantagens distintas. A iluminação do palco garante que o foco do público seja atraído para detalhes visíveis destinados a aumentar a ilusão, mascarando aqueles que são indesejados. Adereços e apetrechos são organizados com antecedência. O acesso ao palco é controlado e restrito para evitar expor os segredos do mago. O oficial de inteligência carece de tais vantagens, pois o local ou estágio de sua atuação será ditado pelos requisitos da operação secreta. Como tal, pouco controle garantido pode ser exercido sobre o público, iluminação e linhas de visão. Independentemente de quão bem projetada e ensaiada a “mágica” clandestina possa ser, a incerteza sempre acompanha a verdadeira “performance”. Para o oficial de campo e agente, espectadores invisíveis e imprevistos ou vigilância oculta podem expor uma operação clandestina com consequências desastrosas. Assim, são necessárias precauções especiais.

Robert Hanssen, um oficial de contra-inteligência treinado do FBI que se ofereceu para espionar para a inteligência soviética e russa, selecionou as passarelas nos parques do norte da Virgínia para seu palco. À noite, ele escondia sacos plásticos de lixo bem embrulhados e com fita adesiva cheios de documentos secretos dos EUA ou sacos recuperados contendo dinheiro ou diamantes. Hanssen controlou habilmente o palco, escolhendo “se apresentar” quando os parques estavam praticamente desocupados e em locais em locais de parques densamente arborizados e isolados. Ele selecionou cuidadosamente cada local operacional para minimizar sua visibilidade para os transeuntes, permitindo que ele detectasse possíveis vigilâncias antes de colocar ou remover bolsas debaixo do

passarela.<sup>70</sup> Nessas circunstâncias, Hanssen explorou uma vantagem até mesmo sobre o palco controlado do mágico, já que a ausência de qualquer público praticamente garantia seu sucesso.<sup>71</sup>

Para a Agência Central de Inteligência, poucas operações foram mais perigosas, ou importantes, do que a exfiltração secreta ou “negra” de oficiais, agentes e desertores ameaçados de países hostis ou situações de reféns. Durante a Guerra Fria, a CIA e a inteligência britânica, MI6, empregaram técnicas de gerenciamento de palco, frequentemente semelhantes às do mundo da magia, para mais de 150 operações secretas para trazer indivíduos e suas famílias estendidas “para fora do mundo”.

frio.”<sup>72</sup>

O gerenciamento de palco pelo serviço de inteligência britânico salvou um de seus espiões mais importantes da morte certa em 1985. O coronel da KGB Oleg Gordievsky, oficial sênior da inteligência da KGB e residente interino em Londres, que trabalhava secretamente para a inteligência britânica, foi traído pelo vira-casaca da CIA Aldrich Ames e chamado de volta a Moscou sob suspeita. Os investigadores da KGB tinham provas circunstanciais de Ames que apontavam para Gordievsky, mas não tinham as provas necessárias para prender o oficial sênior da KGB. Todos os dias ele era submetido a longos interrogatórios enquanto os investigadores construía seu caso contra ele, mas autorizados a retornar à noite para seu apartamento, que estava equipado com dispositivos de escuta ocultos. Eles esperavam que ouvir uma confissão particular para sua esposa, ou uma tentativa de entrar em contato com os britânicos forneceria a prova final de sua traição.<sup>73</sup> No entanto, Gordievsky secretamente ativou um plano de fuga de emergência fornecido a ele pelo MI6 e, após escapar da vigilância durante sua corrida diária, viajou de trem e ônibus para a fronteira finlandesa.

Concomitante com a viagem secreta de Gordievsky, uma britânica grávidadiplomata foi levado de Moscou a Helsinque para atendimento médico. Quando seu carro e motorista se aproximaram da fronteira finlandesa, eles se encontraram com Gordievsky e o esconderam no porta-malas de seu veículo diplomático. Na fronteira, enquanto oficiais da Guarda de Fronteira da KGB examinavam documentos, seu cão de guarda pastor alemão começou a cheirar desconfiado na área do carro que escondia Gordievsky. Pensando rapidamente, a diplomata grávida tirou um sanduíche de carne da bolsa e ofereceu ao curioso cachorro como distração. Seu gerenciamento de palco improvisado, empregando má direção, salvou a vida do agente e Gordievsky se tornou a única pessoa conhecida por ter escapado de Moscou enquanto estava sob a observação direta do agente.

Sétimo Diretório da KGB.<sup>74</sup>

Um exemplo clássico da CIA exigindo o gerenciamento de palco exato para uma exfiltração secreta é o resgate de seis diplomatas americanos presos do lado de fora da embaixada americana no Irã depois que o complexo foi invadido e apreendido por “estudantes” iranianos em novembro de 1979.

Mendez, então chefe da seção de disfarce da CIA Gabinete de Serviço

Técnico, adaptou as técnicas de exfiltração à situação particular. Com a ajuda do vencedor do Oscar e

O especialista em maquiagem de Hollywood John Chambers, ele criou o engano necessário para seu resgate. Mendez e seus associados formaram uma empresa de cinema fictícia de Hollywood, “Studio Six Productions”, para produzir um filme de ficção científica intitulado Argo. O Studio Six anunciou que o filme seria rodado no Irã e uma equipe seria enviada para explorar possíveis locações fora de Teerã.

Enganado por esse subterfúgio, esperava-se que o governo iraniano concordasse em cooperar com a empresa de Hollywood como parte dos esforços para reverter a publicidade internacional negativa após a aquisição da embaixada.

Para preparar o cenário mundial, Mendez abriu os escritórios de produção do Studio Six no lote do Columbia Studio em Hollywood e estabeleceu credibilidade ao publicar um anúncio comercial de página inteira no jornal comercial mais importante do setor, o Variety. Mendez, fingindo ser um cineasta europeu, adotou um pseudônimo, obteve vistos da embaixada iraniana na Suíça e, acompanhado de um colega, viajou para Teerã em janeiro de 1980. Uma vez estabelecido contato com os seis diplomatas escondidos na residência de um funcionário canadense, Mendez explicou como seu disfarce como cineastas, combinado com disfarce e passaportes canadenses fabricados, poderia ser usado para exfiltrar eles para fora do aeroporto de Teerã. Mendez, um entusiasta da magia, bem como um talentoso “validador de documentos” ou falsificador, usou um truque simples de prestidigitação com rolas de garrafa de vinho para ilustrar como o engano e o gerenciamento de palco seriam usados para superar possíveis obstáculos. Sua demonstração de “mágica e ilusão”, chamada “O Intransponível Corks”, incutiu confiança no plano entre os diplomatas.<sup>75</sup>

Mendez e seu colega trabalharam durante o fim de semana para criar “novos” passaportes canadenses e forjar os vistos de saída iranianos necessários. Cada um dos seis diplomatas recebeu “reformas” cosméticas usando materiais de disfarce que redesenharam seus looks para parecerem “Hollywood”. Um diplomata conservador usava cabelos brancos como a neve com um secador “mod”. Mendez observou que, após a transformação, “[o diplomata] estava vestindo calças apertadas sem bolsos e uma camisa de seda azul desabotoada na frente com os pelos do peito embalando uma corrente de ouro e um medalhão. Com seu sobretudo descansando sobre os ombros como uma capa, ele passeava pela sala com o talento de um dândi de Hollywood.”<sup>76</sup>

Assentos para os diplomatas fugitivos que se apresentavam como a “equipe de reconhecimento” do filme foram reservados em um voo da Swissair partindo do Aeroporto Mehrabad de Teerã no início de 28 de janeiro de 1980. Mendez e seu colega da CIA chegaram às 5h30 para “gerenciar o palco” em um época em que os oficiais de partida estariam sonolentos e a maioria dos guardas revolucionários potencialmente problemáticos ainda estava na cama. A

bagagem dos fugitivos estava estampada com adesivos de folhas de bordo canadenses e Mendez pairava sobre seu “palco”, a sala de embarque do aeroporto, impressionando os espectadores com

“Conversa de Hollywood.” A atividade apoiou efetivamente as maneiras e roupas recém-adquiridas dos diplomatas disfarçados e, no final da tarde, todos chegaram a Zurique, Suíça e liberdade.

O ilusionista Jim Steinmeyer, ao comentar sobre as técnicas de fuga, observou: “A improvisação de Mendez foi realizada dentro de cenas cuidadosamente ensaiadas, papelada meticulosa, histórias de bastidores e pesquisa exaustiva. Se os seis americanos pareciam passear sem esforço pelo aeroporto de Teerã, era porque o palco estava lindamente montado e a cena apresentada com maestria. Foi uma demonstração da famosa ostentação de Kellar, o Mago, de que, uma vez que ele tivesse uma audiência sob seu feitiço, ele poderia “marchar um elefante” do outro lado do palco e ninguém notaria.”<sup>77</sup>



A equipe TSS do Dr. Gottlieb mais tarde se tornou Escritório de Serviço Técnico da CIA e empregou uma nova geração de mágicos e ilusionistas.  
cortesia dos autores

## **Prestidigitação**

Como iniciantes, os mágicos adoram as caixas coloridas que viram pela primeira vez nas prateleiras das lojas de magia - os adereços de truques que parecem capazes de fazer qualquer coisa. Como sofisticados, eles aprendem que esses adereços mecânicos não substituem a pura habilidade... prestidigitação.

—JIM STEINMEYER, ESCONDENDO O ELEFANTE

Uma crença comum e incorreta é que a mão é mais rápida que o olho. Movimentos rápidos não explicam uma ilusão efetiva por magos ou espões. Na verdade, a mão é muito mais lenta que o olho e, para fins enganosos, nenhum dos dois deve se mover rapidamente. Uma ilusão é principalmente mental, não visual; quando mágicos e espões enganam as mentes do público, os olhos observam apenas o que o ator pretende.

Mulholland empregou prestidigitação, a manipulação habilidosa de objetos em

uma maneira indetectável ao observador, na criação de enganos e ilusões eficazes. Ele também reconheceu que tais técnicas poderiam ser aprendidas por oficiais de inteligência e aplicadas em espionagem. Ao substituir movimentos rápidos ou desajeitados que atrairiam a atenção de equipes de vigilância hostis ou um alvo pretendido, Mulholland descreveu "prestidigitação" que pareceria aos observadores como naturais e inocentes, sejam eles gestos, alterações na postura corporal ou mudanças na posição das mãos.

Prestidigitação eficaz emprega psicologia, desorientação e uma sequência natural de etapas para criar uma ilusão. Mágicos e espões usam desorientação para que seu público olhe para uma direção pretendida e para longe do ato encoberto. Como a mente humana só pode se concentrar em um único pensamento de cada vez, controlar a percepção visual do alvo dos eventos que se desenrolam ao seu redor pode implantar uma imagem e memória falsas. Por exemplo, Mulholland instruiu os policiais que a chama de um fósforo subindo em uma mão para acender o cigarro de um alvo mascararia a queda discreta de uma pílula da outra mão. Os olhos do alvo, focando, como pretendido, na partida, eram incapazes de perceber também a pílula, a ação encoberta.

Mulholland percebeu que os oficiais da CIA precisavam pequenos adereços para aprimorar suas habilidades limitadas de prestidigitação. Ele entendeu que os espectadores eram menos propensos a suspeitar de itens com os quais já estavam familiarizados. Objetos comumente vistos, como cigarros, caixas de fósforos, lápis e moedas, pareciam quase onipresentes e inconsequentes. Como a maioria dos espectadores não suspeitaria que esses itens pudessem ser usados como dispositivos de espionagem, eles poderiam ser disfarces para esconder as pílulas, poções e pós como os produzidos pelo MKULTRA.

Oficiais de inteligência empregaram outras técnicas de prestidigitação usando parafernália de conjuração. O "papel flash", um grampo para muitos mágicos, era popular quando fumar cigarros era comum e aceitável. Os oficiais da CIA o empregavam ao fazer anotações secretas em ambientes hostis e ameaçadores; se o policial pressentisse perigo ou considerasse uma operação comprometida, tocar o papel com um cigarro aceso resultaria em sua destruição completa e instantânea. Para as equipes de vigilância, nenhum dos movimentos do policial parecia incomum e apenas o resíduo de cinzas permaneceu se revistado.

Nos últimos anos, à medida que o fumo se tornou menos aceitável, os oficiais da CIA preferiram fazer anotações escritas em papel solúvel em água em vez de papel flash. Comunicações secretas e instruções de tarefas foram impressas neste papel especial solúvel em água para que pudessem ser destruídas rápida e completamente em uma xícara de café, salpicadas com água ou mesmo engolidas. Ryszard Kuklinski, o agente mais valioso da Guerra Fria da CIA na Polônia na década de 1970, manteve seu plano de fuga secreto

em papel solúvel em água colado embaixo de um armário de cozinha para que pudesse ser rapidamente destruído em uma panela de água próxima.<sup>78</sup>

A principal habilidade dos oficiais de inteligência é tirar fotos sem serem detectados. Na década de 1960, a CIA precisava de uma maneira eficaz de fazer uma câmera subminiatura Minox “desaparecer” rapidamente depois de tirar uma foto secreta. A solução empregou prestidigitação e um dispositivo do repertório do mágico de objetos desaparecidos. Nesse caso, um “holdout”, um simples pedaço de elástico para fazer uma moeda desaparecer de uma mão estendida e enfiar na manga do performer, funcionou bem. No entanto, em vez de elástico, os técnicos da CIA usaram uma fita métrica retrátil para encaixar o mecanismo com cordão preto fino e em uma braçadeira de couro.<sup>79</sup> A corda presa na ponta do Minox, e depois que a foto foi tirada, o oficial só tinha que soltar para permitir que a câmera se retraísse e “desaparecesse” em sua manga.

Usando prestidigitação pode potencializar uma operação clandestina de outras formas menos diretas. Por exemplo, policiais disfarçados geralmente enfrentam dificuldades para se infiltrar em grupos suspeitos que são cautelosos quando abordados por estranhos. Uma solução foi um truque simples, a “costa mágica da cerveja”, para atrair a atenção e ter a alvo “venha até ele”.<sup>80</sup> Uma nota dobrada de cinquenta dólares dos EUA foi inserida em um porta-copos de cerveja Heineken que havia sido cortado com uma navalha, depois recolocado e colocado em uma prensa de livros para achatar enquanto secava. O oficial apareceu várias noites no bar e bebeu sozinho enquanto desmontava lentamente uma pilha de porta-copos Heineken. Quando o barman finalmente perguntou por que ele estava fazendo isso, o oficial respondeu: “A Heineken coloca notas de cinquenta dólares como uma promoção pouco conhecida em porta-copos de cerveja sem identificação”. Uma hora depois, o oficial usou um truque de mão para introduzir uma montanha-russa engenhosa na pilha à sua frente. Quando mais tarde ele rasgou o porta-copos preparado e “descobriu” a nota de cinquenta dólares, ele comemorou em voz alta e se ofereceu para pagar uma rodada de bebidas. Os espectadores vieram até ele! Embora a montanha-russa de cinquenta dólares tenha atraído a atenção,

## **Disfarce e Transferência de Identidade**

O disfarce é apenas uma ferramenta... Antes de usar qualquer ferramenta de artesanato, você deve

configurar a operação para o engano.

-TONY MENDEZ, EX-CIA “MESTRE DO DISFARCE”<sup>81</sup>

Magos regularmente empregam duplos, gêmeos idênticos, disfarce completo ou parafernália de disfarce para criar ilusões efetivas. Os técnicos de disfarce da CIA empregaram habilidades aprendidas em Hollywood para conceber uma variedade de soluções eficazes de disfarce. Tal como acontece com os disfarces de palco, quanto menor o tempo que o assunto será estudado pelos observadores, menos elaborado deve ser o disfarce. Um disfarce leve pode incluir apenas uma peruca, óculos, verruga, barba, aparelho dentário e peças de roupa. Uma aplicação de tais disfarces ocorreu durante reuniões com um voluntário desconhecido, chamado de “walk-in”, que buscava se encontrar com “alguém em

Inteligência americana.”<sup>82</sup> Nesses casos, o oficial da CIA usava um disfarce leve para fornecer proteção limitada contra ser posteriormente identificado por terroristas ou pelo serviço de contra-inteligência local. No entanto, se o “voluntário” parecia ter informações valiosas e os atributos para se tornar um futuro espião, sua identidade tinha que ser protegida, e um leve disfarce poderia mascarar sua aparência ao sair da reunião.

No final da década de 1970, o maquiador de Hollywood John Chambers trabalhou com técnicos da CIA para criar uma nova geração de máscaras faciais usando técnicas desenvolvidas para o filme de sucesso Planeta dos Macacos. piscaram os olhos.

Ilusões criadas com as novas máscaras poderiam resistirescrutínio por várias horas ou mais. Um disfarce mais elaborado também pode efetuar uma mudança étnica ou de gênero. Roupas personalizadas alteraram o tipo de corpo e a distribuição de peso e os aparelhos dentários alteraram as características faciais e o tom da fala. O cabelo pode ser tingido e a maquiagem empregada para dar uma aparência mais jovem ou mais velha.



Os oficiais de campo da CIA em Moscou frequentemente usavam disfarces leves, como o de um trabalhador russo, para reuniões com agentes; por volta de 1982.

cortesia dos autores

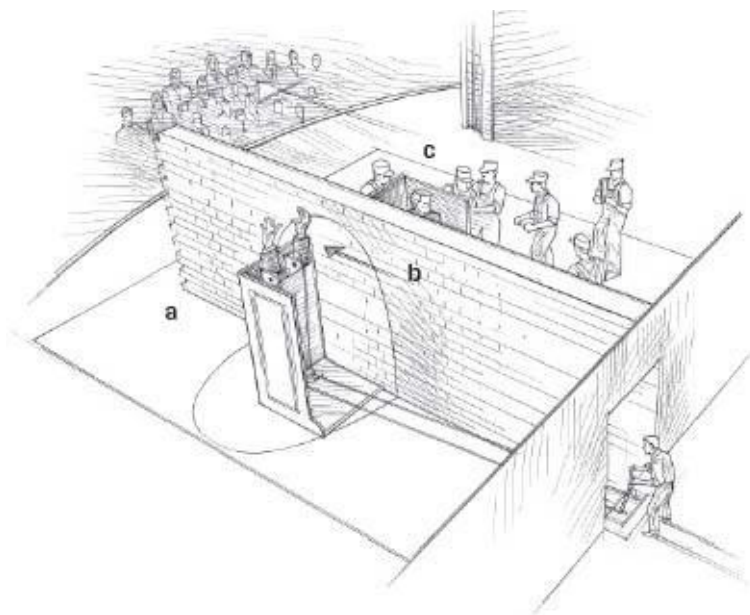
O FBI usa técnicas de disfarce há anos ao buscar evidências em investigações de contra-inteligência contra traidores dos EUA que espionavam para a União Soviética e pensavam que haviam se aposentado com sucesso. Um oficial disfarçado disfarçado, um agente especial que falava com um forte sotaque do Leste Europeu, vestido com um terno mal ajustado sob medida no antigo bloco soviético, procurou “restabelecer contato” com ex-agentes.<sup>84</sup> Embora os espões “aposentados” estivessem inicialmente cautelosos, o gerenciamento de palco do agente especial, trajes e perguntas desarmantes como “ainda devemos dinheiro a você?” eventualmente suscitou respostas e forneceu provas. Uma captura notável dessa operação foi o coronel aposentado do Exército dos EUA George Trofimoff, que havia sido um importante espião da KGB por vinte e cinco anos até sua aposentadoria em 1994. Quando recontatado pelo oficial disfarçado em 1997, ele forneceu detalhes comprometedores ao longo dos próximos dois anos. antes que provas suficientes fossem reunidas para sua prisão. Sua motivação na conversa foi recuperar pagamentos por informações prestadas durante sua carreira de espião, mas pelas quais, alegou, nenhum pagamento havia sido recebido. Em 2001, Trofimoff, então com setenta e cinco, foi condenado e recebeu uma sentença de prisão perpétua.<sup>85</sup>

Os disfarces também podem ser usados com maior velocidade e criatividade do que às vezes se imagina. Quando, em menos de um segundo, o assistente de um mágico é transportado de um lado do palco para o outro, **T.M.E. NARRADOR LIVROS**

outra explicação aparente para

o público, exceto "É mágico!" Ilusionistas realizam feitos semelhantes todas as noites e o misterioso ato de "desaparecimento através de uma parede de tijolos recém-construída" de Houdini foi uma de suas ilusões mais famosas. RD Adams, o artesão que construiu o aparato mágico de Houdini, descreveu a ilusão: "Uma dúzia ou mais de pedreiros de macacão apareceram diante da platéia e construíram uma parede de tijolos de sete ou oito pés de altura, estendendo-se dos holofotes até quase a parte de trás do palco. . Quando foi concluído, Houdini estava pronto para 'desaparecer'. Depois de alguns comentários apropriados, ele se colocou atrás de uma pequena tela, algo como uma caixa de ponto, que os pedreiros empurraram lentamente para o centro da parede. Os pedreiros se moveram para o outro lado e ajustaram uma tela semelhante lá em frente ao primeiro. "Aqui estou, aqui estou", gritava Houdini, e agitar os braços enfiados nos buracos da tela evidenciava o fato. Então os braços desapareciam e Houdini saía da tela no outro lado da parede."86

Na época, cétricos respeitados especularam que Houdini fez isso usando um alçapão, que permitia a passagem secreta de um lado do palco para o outro. Tal especulação era imprecisa, no entanto, uma vez que o comitê de investigação que validou a integridade de cada performance teria detectado o alçapão. Para confundir o público em apresentações posteriores, Houdini até colocou uma folha de papel ou uma folha de vidro sob a parede para demonstrar que um alçapão não foi usado. O segredo, explicou Adams, era: "Houdini desapareceu através da parede apenas nas mentes dos extremamente crédulos. De fato, enquanto a primeira tela, atrás da qual ele havia pisado, estava sendo empurrada para trás contra a parede, ele pulou em um par de suéteres azuis e puxou um boné de operário até o rosto. Quando a tela tocou a parede, ele era um dos pedreiros no que dizia respeito ao público. Ele ficou atrás da segunda tela disfarçado de pedreiro. A partir deste ponto, ele fez seu chamado para a audiência. Braços e mãos mecânicos, operados por uma corda escondida que leva às asas, forneciam os gestos, o que convence Houdini estava por trás da tela nº 1 em vez do nº 2 completando a ilusão."87



Um dos truques mais misteriosos de Houdini. uma. A parede de tijolos foi construída sobre uma placa de vidro. b. Mãos mecânicas eram movidas por cordas. c. Houdini, que estava disfarçado de pedreiro, mudou de lado e tirou o macacão atrás de uma tela antes de reaparecer.

Phil Franke

Uma ilusão tão desconcertante e eficaz também pode ser realizada empregando um gêmeo idêntico ou disfarçado.<sup>88</sup> Um assistente parece desaparecer e quase instantaneamente reaparece em outro local, às vezes, para efeito, até suspenso acima do palco. Para enganar o público, a adorável assistente loira e sua substituto, deve ser de tipo físico semelhante, vestido com trajes semelhantes, usando a mesma maquiagem e cabelo (perucas). Para o público, que nunca os vê juntos para formar uma comparação, eles parecem idênticos. Quanto menos tempo o público tiver para examinar os elementos do engano, como detalhes da aparência do assistente, mais eficaz será a ilusão. O mágico nunca anuncia o engano com antecedência, e o público não tem oportunidade ou razão para examinar minuciosamente qualquer um dos participantes no palco.

Na CIA, a ilusão de gêmeos idênticos ficou conhecida como “transferência de identidade”. Um oficial desaparecia de um local e reaparecia em outro como a mesma pessoa ou uma pessoa diferente. Quando isso foi devidamente encenado, as equipes de vigilância nunca tomaram conhecimento da mudança e os oficiais foram capazes de evitar a vigilância hostil antes de realizar atos operacionais. As transferências de identidade da CIA bem-sucedidas envolveram uma apresentação inteira de “pequeno teatro”, que foi realizada por várias horas antes da troca ocorrer. A transferência real exigiu apenas um

poucos minutos no máximo, e era quase impossível até mesmo para um observador treinado detectar. O cenário encenado apresentado à vigilância foi voltado para enganar suas mentes, em vez de apenas enganar seus olhos. O disfarce foi fundamental, mas apenas um elemento da “magia” exigida por uma ilusão de transferência de identidade, seja realizada em um auditório ou na rua.

Moscú representou uma das áreas operacionais mais perigosas da CIA durante a Guerra Fria devido à eficácia do aparato de vigilância da Sétima Diretoria da KGB. Os oficiais da CIA servindo em Moscú nunca foram identificados publicamente; eles trabalhavam durante o dia em uma variedade de empregos disfarçados e depois à noite e nos fins de semana como oficiais de inteligência. Embora fossem protegidos de processos por imunidade diplomática, sua maior preocupação era que a vigilância hostil de suas atividades clandestinas pudesse expor seus agentes, que estavam sujeitos a prisão e execução. Portanto, era imperativo que um oficial “ficasse preto” – ficasse livre da vigilância – antes de realizar um ato operacional e manter seu agente seguro. Diferentes astúcias, utilizando técnicas semelhantes às desenvolvidas por Houdini décadas antes, provaram ser bem-sucedidas.

Em uma das primeiras apresentações bem-sucedidas de transferência de identidade em Moscú, um oficial de inteligência americano planejando uma reunião clandestina com um espião de alto escalão teve que se assegurar de que estaria livre de vigilância. O oficial coreografou cuidadosamente uma performance com um colega de trabalho de tamanho similar durante uma função social oficial que ambos compareceriam.

Na noite marcada, o oficial, acompanhado de sua esposa, chegou à recepção vestido com seu terno e gravata normais. Seu parceiro na operação, que não estava sob suspeita, chegou separadamente em roupas extravagantes, estilo mod dos anos 1970. Ambos sabiam que sua chegada e aparição seriam notadas pela vigilância da KGB postada ao redor do complexo oficial. Em seguida, um terceiro oficial, conduzido por sua esposa, chegou à função de muletas, usando uma perna engessada, jaqueta de esquí e boné, após um infeliz acidente de esquí no fim de semana anterior. Uma vez que todos estavam dentro, o oficial de inteligência trocou de roupa e “identidade” com o homem extravagantemente vestido e saiu da recepção na companhia do oficial ferido, cuja esposa estava dirigindo o carro.

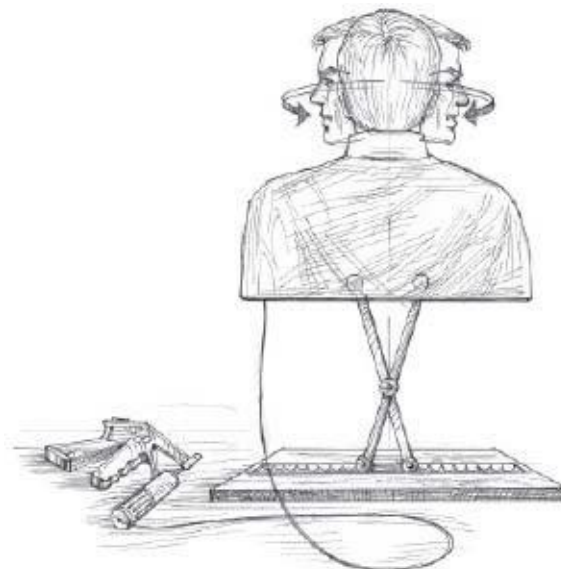
A saída do homem vestido de moda acompanhado por seu amigo de muletas seria observada pela vigilância da KGB, que assumiu que o oficial de inteligência ainda estava dentro. Uma vez fora do complexo, o policial vestiu roupas indescritíveis escondidas no veículo e se encontrou em segurança com seu agente. Antes de voltar, ele novamente vestiu a roupa espalhafatosa e, na

companhia do esquiador ferido, voltou a entrar no complexo que haviam deixado anteriormente. Há uma roupa e

troca de identidade foi feita com o parceiro original. O oficial de terno e gravata, normalmente vestido, voltou ao evento pedindo desculpas por ter sido chamado por alguns minutos para “responder a perguntas de outro burocrata presunçoso em Washington”. O desempenho bem-sucedido, usando técnicas de transferência de identidade que enganou a KGB, teria deixado Houdini orgulhoso.<sup>89</sup>

Outra técnica de transferência de identidade permitia que um oficial de inteligência sair de um carro enquanto é conduzido pelas ruas escuras de Moscou, e ainda assim parecer ao veículo de vigilância que o acompanha como se ainda estivesse dentro. Para preparar o cenário, o oficial de inteligência e o motorista se moveram em velocidade normal pelas ruas noturnas, sabendo que as equipes de vigilância da KGB estavam seguindo seus carros por trás a uma distância discreta. A experiência lhes ensinara que, ao diminuir a velocidade para uma curva à direita nas ruas escuras, o carro ficava fora de vista do veículo da KGB atrás por alguns segundos. Nesse breve momento em obscura, que eles chamavam de “brecha”, o oficial de inteligência, no banco do passageiro, podia sair do carro sem ser visto. O desafio era disfarçar sua ausência para que, quando os faróis do veículo de vigilância virassem a esquina,

A resposta foi a criação pela CIA de um torso humano tridimensional sentado em cima de um mecanismo de elevação de tesoura ativado por mola equipado com uma cabeça rotativa, que desmoronou em uma pequena maleta portátil ou mochila. Este equipamento adquiriu o nome de “jack-in-the-box” ou JIB. Com uma mão, o motorista poderia destravar o estojo de transporte e levantar o JIB instantaneamente no lugar.



O JIB tinha um gatilho para girar a cabeça e um mecanismo de tesoura para armazenamento.

## Phil Franke

Em vez de usar cordas fora do palco para manipular mãos e pernas artificiais, como no desaparecimento de Houdini através de uma parede de tijolos, a CIA usou um gatilho para girar a cabeça artificial do JIB e criar uma ilusão efetiva para os veículos de vigilância da KGB. Quando o oficial estava pronto para entrar novamente no carro, o JIB poderia ser empurrado de volta para sua posição de descanso e a “pasta” empurrada para o

90 A CIA entendeu que, controlando a localização do evento (uma rua vazia em Moscou), a iluminação (uma área sem iluminação), o público (o carro de vigilância atrás), o tempo (quando os carros estavam a uma distância suficiente), e a linha de visão (visível apenas por trás), eles poderiam encenar uma ilusão efetiva.

Um dos planos mais incomuns da CIA para uma transferência de identidade exigia um cachorro grande. Na década de 1970, foi concebido um plano para enviar um oficial no exterior com um São Bernardo adulto do sexo masculino pesando mais de 180 quilos. Quando a transferência de identidade era necessária, o cão era trocado por um agente escondido em uma pele inteira de São Bernardo e dentro de um canil portátil. Um gravador e pequenos alto-falantes escondidos no canil forneciam efeitos sonoros para aumentar a eficácia da ilusão.

O cão-agente seria levado para um local seguro para “exame por um veterinário”. Uma vez dentro da casa segura, o agente poderia ser interrogado com segurança e, quando o “exame” estivesse concluído, ele poderia revestir a pele do cachorro, entrar no canil e retornar “para casa”.

A ideia de trocar de identidade com um animal não era completamente nova e havia sido desenvolvida anteriormente durante a Segunda Guerra Mundial. O especial britânico Operations, Executive (SOE) criou uma camuflagem inovadora para pára-quedistas que aterrissam secretamente na França ocupada pelos alemães. Uma vaca de borracha dobrável de duas peças foi pintada antes da operação para se misturar com o gado na área de desembarque. O plano então exigia que os agentes saltassem de pára-quedas com a vaca de borracha com eles, pousassem e enterrassem seus pára-quedas. Feito isso, eles subiriam em sua respectiva metade da vaca de duas pessoas, se juntariam e permaneceriam escondidos até que membros das unidades locais da Resistência Francesa chegassem e os levassem para um local seguro.

Os testes mostraram acamuflegem para ser eficaz à noite, e embora as vacas de borracha tenham sido produzidas, não existe registro de seu uso operacional.<sup>92</sup>

Qualquer coisa que possa ser bloqueada por um homem pode ser desbloqueada por outro.

O perigo às vezes uma consequência infeliz da espionagem e até mesmo os oficiais de inteligência e espiões mais habilidosos podem ser capturados e encarcerados. A arte e a prática de escapar de restrições, sejam elas cordas, algemas, camisas de força, prisões ou mesmo um país, é escapologia. Mágicos e artistas há muito empregam essas técnicas para entreter o público que espera ver uma fuga “impossível”. Os espiões foram equipados com ferramentas e técnicas semelhantes para situações em que a prisão pode levar à morte e a fuga não é esperada.

As mentes criativas inventaram continuamente equipamentos e técnicas especiais para escapar de praticamente todo tipo de restrição. Técnicas de fuga secretas desenvolvidas por mágicos nos últimos 150 anos para surpreender o público também foram usadas por espiões.

Escapar de cadeados e correntes requer conhecimento técnico especial, uma chave ou ferramenta escondida, ou um cúmplice disposto. No início de 1900, Harry Houdini empregou tudo isso para se tornar uma das celebridades mais famosas de sua época. Sua criatividade e inovação foram exibidas durante uma visita a Moscou em 1903, quando ele lançou um desafio à polícia secreta russa proclamando sua capacidade de escapar de sua temida “célula de transporte siberiana ou carente”, um grande cavalo desenhado “seguro sobre rodas” usado para transportar prisioneiros para a Sibéria.<sup>93</sup>

O desafio foi aceito e Houdini, despido em frio e revistado minuciosamente por três policiais, foi algemado, algemado, acorrentado a grilhões e trancado dentro da carroça em forma de abóbada. A fechadura que controlava a porta era inacessível por dentro e uma pequena fenda na parte externa do carrinho que permitia o acesso exigia uma chave diferente para abri-la pela um para trancá-lo.<sup>94</sup> Mesmo assim, minutos depois, Houdini emergiu para espanto e fúria de seus anfitriões cautelosos. Como ele havia escapado logo ficou óbvio para seus carcereiros, mas eles permaneceram intrigados com o truque que ele usou para colocar suas ferramentas na prisão.

Os preparativos de Houdini começaram no dia anterior à fuga, quando seu assistente, Franz Kukol, conseguiu vislumbrar a parte de baixo da carruagem. Kukol observou que o piso de madeira simples da carruagem estava protegido apenas por uma fina camada de zinco. Kukol reconheceu que apenas duas ferramentas eram necessárias para a fuga: um fio de metal flexível usado por cirurgiões para cortar osso chamado serra Gigli e um pequeno corte. O plano de Houdini era evitar completamente as pesadas portas e fechaduras e cortar o chão para escapar da carruagem.<sup>96</sup> Houdini conseguiu esconder seu aparato de fuga durante as buscas de seus carcereiros em um pequeno

dedo.”<sup>97</sup> Enquanto os guardas revistavam primeiro a parte superior do corpo, depois a parte inferior do corpo, ele trocou o dedo oco entre as calças e a mão. Uma vez trancado dentro do carrinho, Houdini efetuou sua fuga em apenas um minuto cortando uma fenda na camada de zinco e serrando as tábuas do piso. ato.

Alguns anos antes, em 1900, as habilidades de fuga de Houdini atraíram o atenção de William Melville, chefe da Seção Especial da Scotland Yard da Grã-Bretanha.<sup>99</sup> Desprezando o que ele presumia serem algemas de palco teatral, o chefe envolveu os braços de Houdini em torno de um pilar e colocou as algemas regulamentares da Scotland Yard. Melville ficou surpreso com a auto-extricação de Houdini segundos e pronunciou: “A Scotland Yard não vai esquecer você, jovem.”<sup>100</sup>

Melville cumpriu sua própria previsão. Quando Os agentes britânicos começaram a treinar em 1914 para operar contra a Alemanha durante a preparação para a Primeira Guerra Mundial, aqueles que frequentavam uma escola de espionagem do MI5 receberam palestras ministradas por Melville sobre “como arrombar fechaduras e arrombar casas”. Outras apresentações incluíram a Técnica da Mentira, a Técnica de Ser Inocente, a Vontade de Matar, o Sexo como Arma na Inteligência e (finalmente) a Aula de Açougue do Dr. McWhirter, que ensinou um como “superar [matar] a si mesmo se você for pego.”<sup>101</sup>

O impacto das técnicas mágicas de fuga de Houdini influenciou as gerações posteriores de oficiais clandestinos. Clayton Hutton, um piloto do Royal Flying Corps durante a Primeira Guerra Mundial, ofereceu seus serviços à inteligência militar britânica no final da década de 1930.<sup>102</sup> Nenhuma das habilidades de Hutton parecia ter valor até que ele mencionou seu grande interesse por “mágicos, ilusionistas e escapologistas”. Ele descreveu a resposta a um desafio de cem libras de Houdini em 1913 para quem conseguisse construir uma caixa de madeira da qual o mago não pudesse escapar. Hutton aceitou o desafio e Houdini foi algemado, colocado em um saco e trancado na formidável caixa de madeira de Hutton. Para desgosto de Hutton, Houdini escapou em poucos minutos.

Hutton disse que soube anos depois que seu próprio assistente, Ted Withers, um carpinteiro de primeira classe, havia sido subornado por Houdini em três libras antes da apresentação. Withers armou a caixa com unhas postizas na ponta para permitir uma fuga fácil. Na história, o oficial de inteligência britânico conduzindo sua entrevista, Major JH Russell, comentou: “Você pode ser o homem que queremos. Estamos procurando

para um showman com interesse em escapologia. Você parece se encaixar na conta.”<sup>105</sup> Hutton conseguiu o emprego.

MI9, uma divisão da inteligência militar britânica, foi responsável por ajudar o pessoal de serviço evita a captura sempre que possível, escapa quando necessário, coleta inteligência e distribui informações.<sup>106</sup> Seus esforços se concentravam na secreta Intelligence School 9 (IS9), onde Hutton trabalhou para inventar, projetar, e adaptar auxílios para evasão, fuga e comunicação com prisioneiros de guerra.

Evitar a captura exigia equipamentos pequenos, fáceis de transportar e ocultos para conhecimento de terreno e direção, como mapas e bússolas. Hutton lembrou-se dos métodos que Houdini havia usado trinta anos antes para esconder seus auxílios de fuga e os adaptou para esconder os dispositivos do MI9 de buscas determinadas pela polícia e guardas alemães. Os mapas de fuga eram escondidos em versos falsos de cartas de baralho ou impressos em seda ou papel de arroz para serem dobrados silenciosamente em pequenos volumes. Telescópios em miniatura estavam escondidos dentro de uma piteira, e cachimbos, fivelas de cinto e até lâminas de barbear magnetizadas eram usadas para esconder bússolas. A face de um botão de uniforme de latão padrão desaparafusado para revelar uma bússola oculta e foi uma das decepções mais eficazes de Hutton. Em seu primeiro projeto de bússola oculta, o botão foi desaparafusado com uma rosca padrão à esquerda. Quando os guardas alemães perceberam a ocultação, Hutton rapidamente mudou o design para utilizar um fio à direita nos botões; o engano funcionou como planejado, e quanto mais os guardas alemães tentavam “abrir” os novos botões de forma convencional, com rotação no sentido anti-horário, mais apertados eles tornou-se.<sup>107</sup>

A imaginação necessária para conceber dispositivos parecia não ter limites. Um kit de fuga, encaixado em um canivete, continha alicates, lâminas de serra e um arrombador. uma bússola e um pequeno arquivo. O irmão do negociante de magia Will Gladstone havia criado o salto oco para o “sapato Mokana” em 1901, que Houdini usou com sucesso para evitar as buscas policiais invasivas que precederam suas fugas. pés.<sup>110</sup>

Durante a Segunda Guerra Mundial, outros do mundo da magia aplicaram seu ofício para apoiar os serviços de inteligência britânicos. O ex-missionário Charles Fraser-Smith criou engenhocas e truques para a SOE e o MI6 britânicos para enganar o Eixo. Entre eles estavam os receptores de rádio de bolso, um dispositivo que parecia impossível

numa época em que os rádios domésticos eram tão grandes que eram considerados móveis. Os rádios permitiam que agentes e prisioneiros recebessem comunicações unidirecionais. Um conjunto, projetado para contrabando em campos de prisioneiros de guerra, foi propositadamente fabricado de forma grosseira para parecer como se tivesse sido remendado. pelos prisioneiros.<sup>111</sup>

Ferramentas como a serra Gigli usada por Houdini eram capazes de cortar uma barra de aço de uma polegada e podiam ser escondidas dentro do cadarço de um piloto britânico “apenas por precaução”. moedas de cobre e passou despercebido durante uma busca. Outras lâminas de faca estavam escondidos em um salto de botareforço para que, mesmo que o usuário fosse capturado e amarrado, a lâmina pudesse ser alcançada. Uniformes militares foram projetados para conversão de “troca rápida” em roupas civis pelo uso de corante escondido dentro das bexigas de tinta de canetas-tinteiro de aparência padrão.<sup>113</sup> “Recortar” e recoloridos, os uniformes ofereciam um perfil mais baixo para os fugitivos. Até as botas voadoras de couro de uso militar foram projetadas para conversão instantânea em sapatos civis de caminhada, fazendo alguns cortes com uma pequena lâmina oculta.

O aparato secreto de fuga desenvolvido por Houdini e pelos mágicos do início do século XX continuou a influenciar os dispositivos de espionagem durante a Guerra Fria.<sup>114</sup> Houdini havia escondido um pequeno recipiente em forma de ovo contendo uma variedade de pequenas gazuas no fundo da garganta enquanto era revistado. A ocultação estava a salvo de tudo, exceto de uma busca pelos carcereiros mais determinados.<sup>115</sup> A CIA, usando um projeto semelhante, criou um supositório de fuga e evasão como um “kit de ferramentas” portátil embalado dentro de um invólucro de plástico preto à prova d'água. Este "Spy's Leatherman" apresentava nove ferramentas de escape, incluindo cortadores de fio, pé de cabra, lâminas de serra, furadeira e alargador embalados no kit de quatro polegadas de comprimento por uma polegada de diâmetro.<sup>116</sup>



O Supositório Rectal de Fuga e Evasão da CIA era um kit de ferramentas multiuso embalado dentro de um invólucro de alumínio ou plástico preto à prova d'água; por volta de 1955 (tamanho real: 4" de comprimento x 1" de diâmetro).

cortesia dos autores

Arrombar fechaduras, que mesmo para Houdini era o último recurso, sempre foi uma habilidade útil para espiões. Espiões foram ensinados o princípio do mago de “implorar, pedir emprestado, subornar ou roubar” a chave mestra ou original, se possível, antes de tentar arrombar ou escapar de um recinto trancado. Uma vez obtida, a chave mestra podia ser impressa secretamente usando argila, cera ou até mesmo uma pequena barra de sabão e devolvida.

A partir dessa impressão, uma chave duplicada exata poderia ser cortada e ocultada.<sup>117</sup> O OSS, e mais tarde a CIA, emitiram kits de impressão de chaves usando argila de modelagem em um molde de alumínio de bolso para esse propósito.<sup>118</sup> Para arrombamento de fechaduras real, se isso for necessário, a CIA melhorou o projeto de um pequeno canivete projetado primeiramente pelo OSS que continha seis pequenas ferramentas do tipo que Houdini empregava setenta anos antes em seus próprios kits de fuga escondidos.<sup>119</sup>

## Ocultações

O especialista em ocultação da CIA combina as habilidades de um artesão, a criatividade de um artista e a ilusão de um mágico.

—ENGENHEIRO DE OCULTAÇÃO DA CIA

Tradicionalmente, os conjuradores devem estar bem preparados e permanecer polidos, refinados, confiantes e equilibrados durante toda a performance. Suas roupas devem ser bem adaptadas, mas incorporar bolsos especiais para esconder apetrechos de desempenho, incluindo moedas, cartões, lenços, flores, polegares e até animais vivos!<sup>120</sup> Espiões também usam roupas projetadas especificamente para suas “performances”.<sup>121</sup>

Se o mago deseja produzir um coelho grande, ele pode empregar um “coelho bolsa” debaixo do braço. No entanto, se o seu terno for cortado muito apertado, a protuberância será visível. Por outro lado, se o traje do conjurador for visivelmente grande para acomodar a maior parte do coelho, as suspeitas serão levantadas. O autor Dariel Fitzkee observou: “Qualquer variação da norma atrai atenção indesejável do ponto de vista da magia. O conjurador deve permanecer natural em todos os momentos. Quando algo antinatural é evidente, um espectador torna-se vigilante e atento.”

engano.”<sup>122</sup> Seja um mágico ou um espião, roupas especialmente adaptadas devem distribuir o peso e o volume dos itens escondidos, mantendo os itens acessíveis para a performance ou operação secreta.<sup>123</sup>

O oficial da CIA Richard Jacob estava vestindo uma capa de chuva especialmente feita sob medida quando foi detido em Moscou em 1962, logo após recuperar o filme Minox escondido em uma caixa de fósforos, que havia sido escondida atrás de um radiador em um corredor público e colocado lá pelo principal espião soviético da CIA, GRU coronel Oleg Penkovsky. A capa de chuva modificada de Jacob incluía uma fenda dentro de um bolso. Quando Jacob viu que estava prestes a ser detido, jogou a caixa de fósforos pela fenda para dentro do casaco, deixando-a cair no chão. Graças à acessibilidade da aba dentro de sua roupa especial, ele não foi preso com os segredos roubados em sua mão ou casaco bolso. 124

Outras formas de vestuário, como sapatos, podem ser cavidades de ocultação ideais para uso tanto por conjuradores quanto por espiões. O sapato oco Mokana usado por Houdini para esconder ferramentas de fuga tornou-se o favorito dos espiões durante a Guerra Fria.<sup>125</sup> Os saltos de camuflagem foram usados por agentes da Alemanha Oriental para transportar o filme Minox cassetes em sapatos masculinos e femininos. Na década de 1960, os técnicos da inteligência checoslovaca (StB) colocaram um transmissor de espionagem inteiro no calcanhar do sapato de um desavisado embaixador dos EUA.<sup>126</sup> Quando foi ativado, o embaixador tornou-se uma estação de transmissão ambulante que estava "grampeando" suas próprias reuniões secretas.<sup>127</sup>

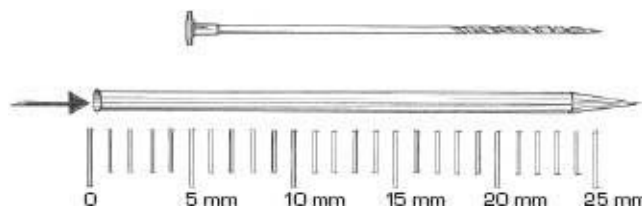


Dólar de prata do poder com cortevista revelando o pino interno.  
Phil Franke

Para um pedido da CIA, o Exército dos EUA Divisão de Operações Especiais em Fort Detrick, Maryland, trabalhou no final da década de 1950 com a equipe de serviços técnicos para criar uma moeda de ocultação para os pilotos do U2 sobrevoando a URSS.<sup>128</sup> A moeda era um dólar de prata montado dentro de

uma luneta com um laço na extremidade para segurar uma corrente que poderia ser usada no pescoço . Dentro do eixo oco de um alfinete reto, uma agulha envenenada estava escondida.<sup>129</sup> O alfinete se encaixava em um pequeno orifício perfurado no

borda da moeda e mantida no lugar pelo aro prateado. Quando um pequeno orifício no bisel era alinhado com o orifício na moeda, o pino reto era ejetado por uma mola interna. Com uma pequena picada na pele pela agulha, a morte seria quase instantânea.<sup>130</sup> Em 1º de maio de 1960, o piloto da CIA Francis Gary Powers recebeu a moeda modificada enquanto se preparava para partir de Peshawar, Paquistão, e sobrevoar a União Soviética.<sup>131</sup> Depois que seu U2 foi abatido sobre Sverdlovsk, URSS, ele saltou de pára-quadras em segurança no campo de um fazendeiro, escondeu o alfinete no bolso e descartou a moeda. Tanto a moeda quanto o distintivo foram recuperados pela KGB e usados como prova contra Powers em seu julgamento posterior por espionagem.<sup>132</sup>



A agulha foi construída usando uma pequena broca soldada à cabeça de um pino reto comum. A bainha foi construída a partir de uma seringa hipodérmica encaixada em uma ponta de metal usinada.

Phil Franke

Dispositivos ocultos podem fazer parte de roupas ou escondidos dentro de cavidades do corpo para apoiar operações clandestinas. Durante a primeira metade do século XX, os conjuradores criaram a ilusão de telepatia ou “segunda visão” usando apenas códigos de voz.<sup>133</sup> À medida que novas tecnologias se tornaram disponíveis na década de 1970, rádios subminiaturas podiam ser escondidos dentro da roupa do artista e conectados por pequenos fios que iam de seu pescoço a um fone de ouvido oculto. O cabelo elegantemente comprido da artista escondia os fios. Mais tarde, os fios indicadores desapareceram, pois os receptores de rádio do tamanho de aparelhos auditivos podiam ser instalados diretamente no canal auditivo.<sup>134</sup>

O problema então se tornou o de esconder o fone de ouvido em vez dos fios.<sup>135</sup> A solução foi uma cobertura de silicone com cores combinadas desenvolvida pela CIA que foi camuflada para replicar os contornos e sombras do ouvido interno.<sup>136</sup> Tão eficaz foi a ilusão de que a KGB não percebeu o dispositivo durante uma busca de oficial da CIA

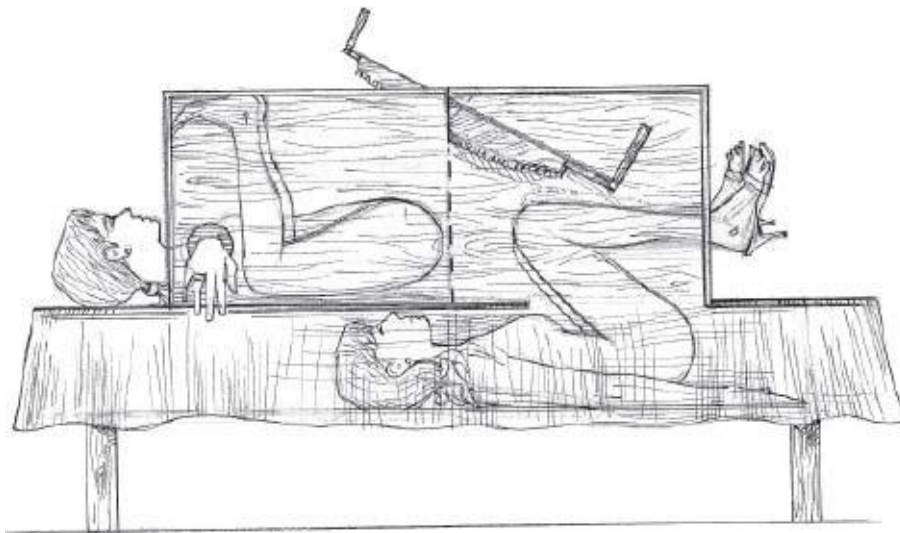
Martha Peterson após sua detenção em Moscou em 1977. O rádio de vigilância de Peterson, preso ao sutiã com velcro e escondido na axila, foi descoberto,

mas a ausência de fios visíveis fez com que a KGB ignorasse o fone de ouvido oculto.137

Outras partes do corpo e orifícios também eram úteis para ocultação. No final

Na década de 1960, a CIA atendeu a um pedido militar para fornecer um meio de ocultar um rádio de fuga subminiatura em um piloto abatido que provavelmente seria capturado e revistado. Avanços em circuitos em miniatura usando transistores produziram um rádio com metade do tamanho de um maço de cigarros, mas precisava de um esconderijo. Os engenheiros da CIA sabiam que os guardas eram menos propensos a revistar a genitália de outro homem e criaram um falso escroto de borracha que se encaixava nos testículos do usuário. Combinada com a cor da pele e incorporando detalhes anatômicos completos, a prótese era visualmente indetectável, mas formava uma cavidade grande o suficiente para esconder o rádio de escape.<sup>138</sup>

Ocultar objetos maiores apresenta um conjunto diferente de problemas. Os mágicos consideram qualquer objeto no palco, desde a mesa de atuação até os próprios adereços (incluindo suas bases ou plataformas), como uma cavidade de ocultação parcial para o objeto, animal ou pessoa a ser escondida. Esconder a “carga” do conjurador em uma cavidade oculta é uma ciência que emprega iluminação, posicionamento, design, habilidade e ângulos de visão para enganar o público. A plataforma que segura a mulher prestes a ser serrada ao meio parece impossivelmente pequena para esconder uma segunda mulher e, no entanto, enganando os olhos, a mente aceita a ilusão como realidade.



Espiões e magos empregam cavidades de ocultação para enganar seu público. Esconder a segunda mulher na cavidade impossivelmente pequena é essencial para o sucesso do engano. Aqui, o mágico usa uma cortina para mascarar o tamanho da plataforma.

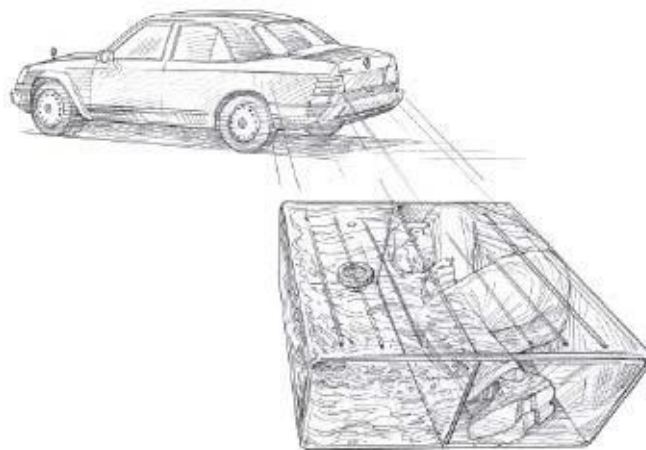
Phil Franke

A CIA empregou tal estratégia durante uma operação da Guerra Fria para contrabandear um espião escondido dentro de um novo Mercedes sendo expulso da Europa Oriental. O

o tanque de combustível original do carro foi redesenhado para permitir que uma pessoa, embora contorcida, coubesse dentro dele enquanto para qualquer observador o carro parecia novo de fábrica.

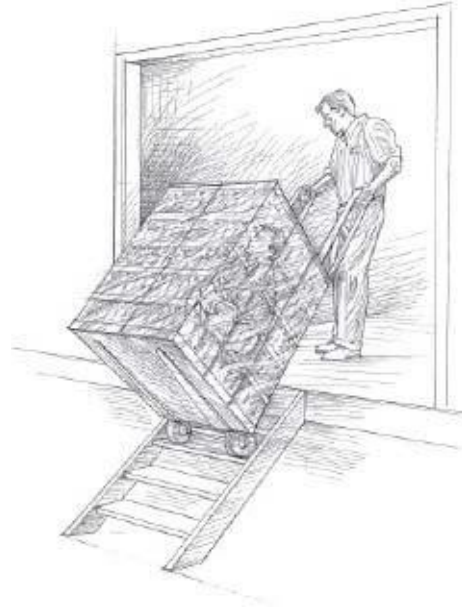
Os serviços de inteligência empregaram outras dissimulações para ilusões diante do desafio de passar despercebida uma pessoa sob vigilância. Suas soluções criativas adaptaram os mesmos princípios de engano usados pelos mágicos. Uma delas era construir uma pilha de malas para ser enrolada em um carrinho de mão. As malas pareciam inalteradas, mas cada uma continha aberturas ocultas que permitiam que uma pessoa se sentasse dentro. Nenhuma bagagem era grande o suficiente para o engano, mas quando elas eram empilhadas juntas, uma pessoa cabia

dentro.<sup>139</sup> Uma segunda técnica envolvia empilhar caixas de água engarrafada lado a lado em um grande carrinho rolante. Cada caixa estava embrulhada em plástico e, para os observadores, parecia que a luz estava passando por todas as caixas. Na verdade, no entanto, as caixas externas eram apenas conchas com Mylar dentro da fileira externa de garrafas plásticas para refletir a luz para fora. Dentro da pilha de caixas havia uma cavidade grande o suficiente para esconder uma pessoa. Cada ilusão foi construída usando os designs de uma nova geração de ilusionistas de Hollywood trazidos para a CIA em meados da década de 1970. Os mesmos princípios de ilusões de ótica que surpreenderam o público nos palcos de Las Vegas abriram caminho para mais ousados e bem-sucedidos clandestinos da CIA operações. <sup>140</sup>



O tanque de combustível modificado é apenas parcialmente preenchido com gás e contém uma cavidade para esconder uma pessoa sendo exfiltrada de uma área hostil. Do lado de fora, o carro parece normal.

Phil Franke



A ilusão de luz que parece passar pelas caixas empilhadas de garrafas de água mascara a pessoa escondida dentro.

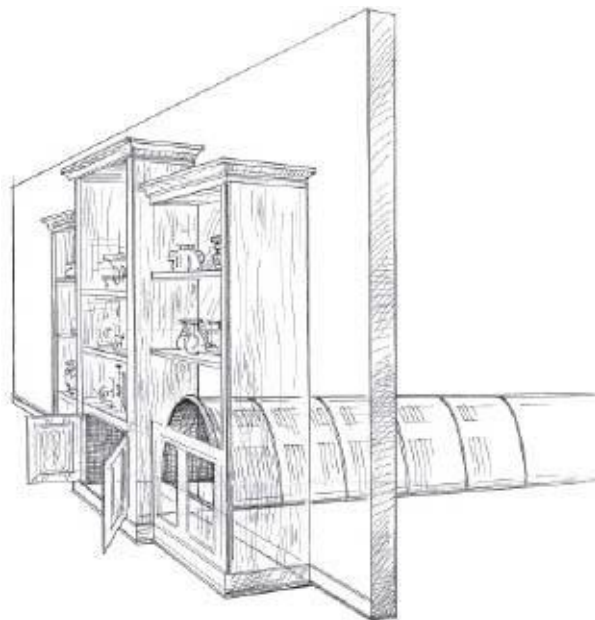
Phil Franke

Uma área primária para a tecnologia de ocultação da CIA envolvia projetar “anfitriões” insuspeitos para dinheiro, cassetes de filmes e outros apetrechos de espionagem para serem trocados entre agentes e oficiais de campo em pontos mortos.<sup>141</sup> Os hosts podem aparecer como galhos de árvores inócuos, latas de refrigerante descartadas, ou mesmo tijolos de construção que sobraram em um canteiro de obras.<sup>142</sup> Cada item foi deixado em um horário e local acordados para recuperação alguns minutos depois. Nos anos da Guerra Fria antes da tecnologia digital, essas trocas cronometradas eram um método primário de comunicações clandestinas e ainda eram usadas por Robert Hanssen na época de sua prisão em 2001.

Os requisitos operacionais da Guerra Fria levaram a CIA a criar uma categoria de ocultação de objetos mortos usando “carcaças hospedeiras”. Praticamente qualquer carcaça de animal pode ser configurada com uma cavidade para troca de equipamentos de espionagem. Quanto mais repugnante a carcaça hospedeira, menor a probabilidade de ser perturbada até ser coletada. Pombos e roedores, por serem pequenos o suficiente para serem carregados no bolso e serem encontrados em quase todas as partes do mundo, eram hospedeiros especialmente atraentes. Suas cavidades corporais evisceradas e preservadas eram grandes o suficiente para guardar dinheiro, instruções, câmeras subminiaturas, filme, notas e livros de códigos.<sup>143</sup> As carcaças, cheias de parafernália para o agente, podiam ser lançadas de um veículo lento em locais predeterminados ao longo das ruas escuras de praticamente qualquer cidade. Who

perturbaria a carcaça de um rato morto ou de um pombo apodrecido? Essa pergunta teve que ser respondida quando ratos implantados desapareceram inesperadamente. Gatos famintos, sem saber do tesouro escondido, levaram os ratos antes que os agentes chegassem. A solução para o problema foi uma imersão liberal de molho de pimenta no roedor antes da operação.

Quando um mágico derrama água de um jarro no palco, o público vê isso como real. No entanto, o compartimento oculto escondido por um espelho dentro do jarro nunca é observado enquanto a água está saindo. A CIA usou o mesmo princípio ao projetar ocultações “ativas” para agentes – cada item mantinha sua função original, mas mascarava uma cavidade oculta em seu interior. O isqueiro Cricket que esconde uma pequena câmara de documentos dificilmente seria examinado depois de demonstrar que produzia uma chama. Da mesma forma, uma caneta-tinteiro de trabalho foi descartado pela KGB como um possível hospedeiro para uma pílula suicida.<sup>144</sup> Ocultações “passivas” menos sofisticadas podem ser eficazes quando um dispositivo não precisa executar outra função além de ocultar a cavidade. Por exemplo, um grande armário de armazenamento de madeira em um porão montado contra uma parede não desempenha nenhuma função, exceto para mascarar a entrada de um espaço oculto para entrar ou sair secretamente da casa.



Uma grande peça de mobília com um painel interno oculto mascarava a entrada de um túnel de fuga.

Phil Franke

As dissimulações e truques que Mulholland imaginou para oficiais de inteligência

em seu manual combinou métodos clássicos da arte do mago com os mais objetos host não suspeitos disponíveis. Embalagens menores atraíam menos atenção e um dispositivo de ocultação tinha que se encaixar naturalmente no “ato” que estava sendo realizado. Poucos adereços serviam melhor a esse propósito do que as moedas encontradas em todos os bolsos e bolsas.

## Moedas Mágicas

Os melhores mágicos entendem que esses truques são meras ferramentas para a apresentação. A ilusão, não meros truques, deve estar presente em qualquer performance mágica real.<sup>145</sup>

—JIM STEINMEYER

As moedas fornecem objetos para os truques de mágicos e espões que podem facilmente enganar e confundir o público, bem como alvos de espionagem. O mago emprega prestidigitação para fazê-los aparecer, desaparecer ou mudar por diversão. A moeda de um espão pode mascarar a presença de uma pílula anexada, esconder um pó escondido ou conter uma mensagem secreta.



“Um truque se torna um pedaço de pura incredibilidade nas mãos de Mulholland.”

—Fulton Oursler  
cortesia dos autores

Como mencionado anteriormente, o mágico joga para um público que espera ser enganado, enquanto o truque do espão ocorre diante de um público inconsciente e alvo desavisado. Os mágicos referem-se a performances com moedas como “magia de close-up” por causa do pequeno tamanho dos objetos físicos sendo manipulados e

a curta distância entre o artista e a audiência. O público deve estar perto o suficiente do performer para ver os efeitos; caso contrário, não será enganado nem mesmo estará ciente da ilusão. Para o oficial de inteligência, realizar o truque próximo ao alvo minimizou a exposição a espectadores e também limitou as linhas de visão do alvo.<sup>146</sup>

Moedas são adequadas para magia próxima, mas manipulá-las requer destreza, habilidade e graça.<sup>147</sup> Tanto para magos quanto para espiões, sua presença universal oferece grandes vantagens. As moedas não criam suspeitas, ao contrário de outros aparatos mágicos, como anéis de ligação, caixas de madeira, armários de palco e cartolas, que, pelo simples fato de estarem no palco, despertam curiosidade e questionamentos.<sup>148</sup> A maioria das pessoas não supõe que as moedas serão modificadas ou usadas em engano. Tais percepções podem ser facilmente exploradas para enganar um alvo involuntário.

Mulholland entendeu que o engano máximo do público ocorreria quando moedas reais fossem usadas para criar “mágica” de espionagem. Como resultado, a maioria das moedas usadas em seu manual de engano para a CIA não foram modificadas. Por exemplo, em um truque, uma pílula foi afixada na parte de trás de uma moeda real com uma pequena quantidade de goma de arábica ou cera de mágico. A moeda apareceria como apenas uma das várias outras quando segurada na palma da mão do trapaceiro.

Manipuladores profissionais de moedas empregam uma série de moedas artificiais que espelham as técnicas usadas em “moedas de espionagem”. Essas moedas mágicas são construídas de maneiras que permitem que elas aparentemente mudem de denominação, se multipliquem, passem por objetos sólidos e sobrevivam à penetração. Estas e outras moedas enigmáticas são projetadas para manipulação rápida na realização de uma ilusão de comunicação clandestina—transporte e troca de informações. Moedas ocas foram empregadas por agentes soviéticos no início da década de 1930 para ocultar informações secretas sobre micropontos, “filme macio” ou “onetime-pads”, particularmente enquanto viajando ou passando informações entre o agente e o manipulador.<sup>150</sup>

Nos Estados Unidos, chamou-se a atenção para o uso soviético de moedas de espionagem pela primeira vez no início da década de 1950, durante o famoso Hollow Nickel Case.<sup>151</sup> Em 1935, um jovem jornalista do Brooklyn deixou cair um níquel que foi descoberto modificado e aberto para revelar um pequeno pedaço de filme escondido dentro de uma cavidade interna. No filme havia uma mensagem cifrada. O níquel fazia parte de uma sofisticada troca de comunicação secreta entre o espião soviético Rudolph Ivanovich Abel e seu assistente, Reino Häyhänen, que acidentalmente perdeu a moeda do espião.<sup>152</sup>



Moeda de espionagem russa usinada para criar uma cavidade para ocultar filmes macios e cifras. A moeda abriu inserindo uma pequena ferramenta (ou agulha) no laço do numeral 9 na data de 1991, na face inferior da moeda.  
cortesia dos autores

Em 26 de junho de 1953, o níquel foi examinado pelo FBI e parecia inalterado, mas tinha um pequeno orifício perfurado em um lado para que uma agulha fina pudesse ser inserida para forçar os lados a se separarem. O examinador, o agente especial Robert J. Lamphere, examinou a moeda e concluiu corretamente que havia um "ilegal" soviético operando na cidade de Nova York. No entanto, o FBI não conseguiu identificar o dono da moeda, ou quebrar a cifra.<sup>153</sup>

O mistério permaneceu sem solução até que Häyhänen desertou em Paris em 1957 e revelou que Rudolph Ivanovich Abel havia recebido instruções cifradas de Moscou usando a moeda. Uma busca subsequente no apartamento de Häyhänen descobriu outra moeda de espionagem de construção semelhante - uma moeda de cinquenta marcos da Finlândia. Ela também tinha sido escavada e tinha um pequeno buraco no primeiro a da palavra Tasavalta aparecendo no verso desta moeda. Abel foi condenado por espionagem em 1957 e cumpriu cinco anos de uma sentença de trinta anos antes de ser trocado em 1962 pelo piloto da CIA Gary Powers.<sup>154</sup>

A eficácia das moedas como esconderijos também as tornava fáceis de perder.

Eles eram pequenos, podiam facilmente ser descartado, gasto por engano ou misturado em um punhado de moedas semelhantes. No início da década de 1950, outro "ilegal" russo, Valeri Mikhaylovich Makayev, perdeu uma moeda suíça oca contendo instruções operacionais em microfilme ao retornar ao seu posto de licença em Moscou. O

A KGB o chamou de volta à União Soviética e sua carreira foi encerrada.<sup>155</sup> Não há registro da descoberta da moeda e ela ainda pode estar em circulação.

Serviços de inteligência da União Soviética, bem como da Polônia, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental e a Hungria usaram moedas de ocultação durante a Guerra Fria. O serviço de inteligência estrangeira da Alemanha Oriental, o HVA, produziu moedas de ocultação com três métodos diferentes de abertura. Cada um parecia externamente inalterado, mas exigia diferentes técnicas para acessar seus conteúdos.

A “moeda pinhole” exigia uma ferramenta especial ou agulha para forçar os lados a se separarem.  
O design é muito semelhante às moedas de ocultação da KGB.

A “moeda com tampa de rosca” tinha uma concha externa com uma segunda face menor do desenho anverso da moeda original que se encaixava na borda fresada da concha. As peças combinavam perfeitamente e apenas o peso mais leve da moeda poderia denunciá-la.<sup>156</sup> Colocar a moeda na palma da mão e usar o polegar oposto para desaparafuse a face interna fornecia acesso ao esconderijo.

A “moeda de argola”, equipada com um anverso voltado para parecer inalterado, exigia que o agente também possuísse um anel usinado encaixado para abertura.<sup>157</sup>

Em 1966, a KGB enviou o major Yuri Nikolayevich Loginov, posando como um Empresário canadense de herança lituana, para a África do Sul. Loginov estabeleceu seu negócio de disfarce e começou a traçar planos para imigrar para os Estados Unidos. Ele carregava uma pequena moeda que escondia um pequeno pedaço de filme macio que continha seu código pessoal, uma lista de frequências de rádio, sinais de chamada, um horário de escuta, um resumo das instruções para reuniões com outros agentes da KGB e um breve compêndio de sua lenda.<sup>158</sup>

A ocultação, uma moeda de rúpia indiana, havia sido usinada nas oficinas de Moscou da OTU – Unidade Técnica Operativa da KGB.<sup>159</sup> Essa moeda de espionagem foi construída com duas moedas de rúpia usinadas para se encaixarem. Quando os dois lados foram unidos, a moeda resultante parecia inalterada, uma ilusão quase perfeita.

Idêntica em design e construção ao níquel oco fornecido ao FBI em 1953, a moeda só podia ser aberta usando uma agulha minúscula, que era inserida em um pequeno orifício na face da moeda perto da borda fresada do lado um. A agulha foi usada para separar os dois lados, tornando preciso o acesso aos segredos da moeda, mas o processo de abertura foi lento. Esse tipo de moeda espiã funcionava perfeitamente para espiões russos, embora não permitisse o acesso rápido necessário em uma performance mágica.

Outros serviços de inteligência também usinaram moedas de ocultação para serem usadas secretamente para armazenar ou transportar material cifrado e detalhes de comunicação de agentes. A maioria das moedas para operações clandestinas empregava aberturas rosqueadas, que se aparafusavam e eram reutilizáveis pelo agente. Em raras circunstâncias, quando a moeda pode ser submetida a um escrutínio extra, uma moeda “única” sem rosca foi construída, carregada e selada como uma gota morta. Seu peso, com o microfilme carregado, era idêntico ao de uma moeda não modificada, mas a abertura exigia conhecimento especial. Por exemplo, um selo de moeda sensível à temperatura exigia um aquecimento suave em uma xícara de café ou chá para liberar a cola ou liga de baixo ponto de fusão que prendeu as duas peças juntas.<sup>160</sup>



Este exemplo de ocultação de moeda foi criado pelos autores a partir de uma moeda de lembrança do cinquentenário da OTS. A cavidade interior pode ser acessada desaparafusando a face interna da moeda.

cortesia dos autores

O processo de criação de moedas rosqueadas e aparafusadas exigia um torno mecânico para fresar o interior da moeda e cortar as roscas nas seções macho e fêmea. A face dentro do aro seria escavada em uma moeda deixando o fundo e o aro, e na outra moeda o verso e o aro seriam removidos para espaço morto e fios. Enquanto em teoria apenas duas moedas são necessárias para fazer uma moeda modificada, na realidade pelo menos seis eram geralmente necessárias devido à dificuldade de fazer com que ambos os lados se iguallassem quando aparafusados fechados. Os maquinistas preferiam moedas mais grossas com bordas largas e uma borda interna, pois a costura onde as duas seções se encaixavam seria invisível a olho nu. Dependendo do espaço e do material removido, o peso foi adicionado para corresponder ao peso da moeda não modificada.

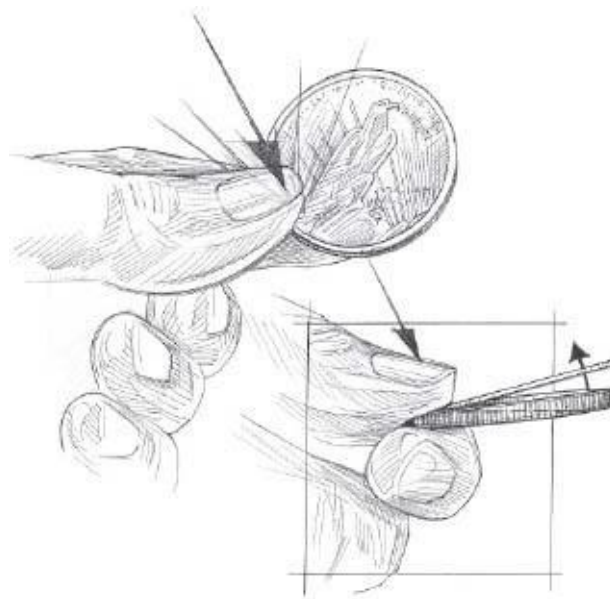
Uma moeda com rosca foi aberta aplicando pressão para baixo na face da moeda e girando para a direita ou para a esquerda, dependendo do tipo de rosca que foi cortada. Quando usados por agentes para armazenamento ou transporte de microfilme, os fios cortados com precisão se encaixam melhor e são menos propensos a se soltarem durante o transporte ou manuseio. As peças se encaixaram tão bem que alguns oficiais e seus agentes tiveram dificuldade em aplicar pressão suficiente com os dedos para abri-las. Nesse caso, um pedaço de fita adesiva colocado na parte inferior dos dedos permitia agarrar a face da moeda e abri-la.

Em exibição no Museu da CIA em sua sede em Langley, Virgínia, está um dólar de prata Eisenhower descrito da seguinte forma no site do museu: 161

Recipiente oco “Dólar de Prata”: Esta moeda pode parecer um dólar de prata Eisenhower, mas na verdade é um dispositivo de ocultação. Era usado para esconder mensagens ou filmes para que pudessem ser enviados secretamente. Por se parecer com troco de bolso comum, é quase indetectável.<sup>162</sup>

A origem do contêiner de prata da CIA é incerta, mas o método de acessar rapidamente sua cavidade oculta o torna um candidato improvável para ocultar mensagens. mensagens secretas porque o conteúdos sensíveis podem ser revelados acidentalmente, ou prematuramente, e contrastam com outras ocultações da CIA que requerem um esforço planejado para abertura.<sup>164</sup>

O design do dólar de prata da CIA, por exemplo, emprega um recurso que é mais desejável para um mágico - uma grande cavidade que pode ser aberta facilmente durante uma apresentação. Neste caso, parece que Mulholland transferiu os frutos de sua magia para a CIA. A pesquisa do mágico e autor Ben Robinson sobre os papéis de John Mulholland descobriu:



Apertar um ponto perto da borda da moeda fez com que ela se abrisse.  
Phil Franke

A inteligente “moeda da droga” que Mulholland fabricou para a Agência em 1953 é feito de um dólar de prata de 1921 e abre quando a palavra “paz” é gentilmente pressionada entre o polegar e o indicador. Mulholland

cobrou quinze dólares em taxas de máquina quando apresentou sua conta para a apresentação desta ferramenta altamente secreta. Aparentemente Mulholland não era estranho a este dispositivo. Ele vinha trabalhando em tal adereço desde seus 20 e poucos anos.<sup>165</sup>

O método descrito por Robinson para abrir a moeda “droga” de Mulholland é idêntica àquela para abrir o recipiente de dólar de prata da CIA. Se fosse utilizável, a grande cavidade da moeda e sua rápida acessibilidade teriam sido mais adequadas para a entrega secreta de pó — um dos principais tópicos do manual de Mulholland.

Os princípios da magia aprendida por Mulholland e seus conjuradores como Houdini e Maskelyne combinados com a tecnologia do século XXI continuarão a influenciar os “truques” de espionagem. Mesmo a ferramenta definitiva para magos e operações de inteligência, uma “capa da invisibilidade”, agora parece possível. Experimentos científicos confirmaram que as ondas de luz podem ser dobradas para tornar objetos invisíveis a olho nu ou parecer outra coisa.<sup>166</sup> O conceito de invisibilidade não é novo e foi popularizado em 1897 pela novela de ficção científica de HG Wells *O Homem Invisível*, e até os elefantes desaparecem, como o ilusionista Jim Steinmeyer narrou em *Escondendo o elefante: como os mágicos inventaram o impossível e aprenderam a desaparecer*.<sup>168</sup> Como essas técnicas empregavam espelhos e outros aparatos especiais e eram executadas apenas no palco, as ilusões tinham aplicação limitada à espionagem.

O efeito de um manto eletrônico de invisibilidade nas operações clandestinas seria arrebatador. Sensores, dispositivos de escuta, câmeras e dispositivos de interceptação de dados podem ser escondidos à vista de todos. Dead drops poderiam ser atendidos com impunidade e transferências de identidade eletrônica realizadas sob comando. As novas tecnologias, por mais surpreendentes que sejam, fornecem apenas métodos adicionais para criar enganos e ilusões;

as metas e objetivos de espões e magos permanecem inalterados.<sup>169</sup> Uma cópia do único exemplo conhecido dos dois manuais originais de Mulholland

esquecido durante a destruição dos arquivos MKULTRA em 1973, foi descoberto pelos autores em 2007. Posteriormente, o mestre ilustrador Phil Franke usou as fotocópias de baixa qualidade das fotografias originais de Mulholland como base para redesenhar meticulosamente as ilustrações. Cada imagem detalha os movimentos e técnicas exatas usadas por Mulholland para ensinar os “malandros” da CIA. Estas imagens, juntamente com o texto dos

manuais originais redigitados, são reimpressas

juntos aqui pela primeira vez.



John Mulholland era um showman mestre mágico.  
cortesia dos autores



“Magia é a arte de criar ilusões de forma agradável.” Brasão do Livro de Magia  
de Mulholland, 1963.  
cortesia dos autores

# ALGUMAS APLICAÇÕES OPERACIONAIS DA ARTE DO ENGANO

## ÍNDICE

- I. Introdução e Comentários Gerais sobre a Arte do Engano
- II. Manuseio de comprimidos
- III. Manuseio de pós
- IV. Manipulação de Líquidos
- V. Remoção Sub-reptícia de Objetos
- VI. Aspectos Especiais da Decepção para mulheres
- VII. Remoção Sub-reptícia de Objetos por mulheres
- VIII. Trabalhando em equipe

## **I. Introdução e comentários gerais sobre a arte do engano**

O objetivo deste artigo é instruir o leitor para que ele aprenda a realizar uma variedade de atos de forma secreta e indetectável. Em suma, aqui estão as instruções de engano.

Há poucos assuntos sobre os quais tão pouco geralmente é conhecido como o da decepção hábil. Como disse o humorista americano Josh Billings: “Não é tanto a ignorância que aflige a humanidade, mas saber tanto o que não é”. Praticamente toda opinião popular sobre como enganar, bem como proteger a si mesmo de ser enganado, está errada tanto de fato quanto de premissa. Portanto, antes de explicar teorias ou métodos, um esforço será feito para descobrir o que “não é”. Isso é particularmente importante porque o engano bem-sucedido depende muito da atitude mental, e manter até mesmo uma crença errônea tornará difícil alcançar a abordagem mental adequada.

Entre parênteses, o escritor tem a garantia de que o leitor é uma pessoa de integridade inquestionável, possuindo inteligência e escolaridade acima da média. Em outras palavras, esta é uma pessoa para quem a prática do engano é bastante estranha. No entanto, os admiráveis atributos de honestidade e aprendizado do leitor não facilitam sua tarefa atual, pois é preciso prática para contar uma mentira convincente.

Ainda mais prática é necessária para agir habilmente uma mentira do que é necessário para contar uma. Embora a prática seja essencial para o sucesso do engano, é necessária muito menos prática do que se poderia imaginar, desde que a pessoa saiba exatamente o que deve fazer, como deve fazê-lo e por que deve ser feito dessa maneira. O sucesso do ato passa a ser mais uma questão de memorização de detalhes do que de repetição física.

Como exemplos daqueles que enganampor truques físicos, ou seja, fazendo algo além de falar, podem ser chamados de mágicos, jogadores desonestos, batedores de carteira e homens de confiança. Citar crenças falaciosas sobre os métodos de cada um desses exemplos mostrará quão errada é a opinião popular.

“A mão é mais rápida que o olho” geralmente é dada como a razão para o sucesso de um mágico em mistificar seu público com qualquer truque de tamanho pequeno. Em grandes truques, por exemplo, quando uma pessoa é levada a desaparecer, o segredo é geralmente atribuído ao uso de espelhos. Existem vários outros igualmente

“soluções” erradas usado para explicar os métodos dos mágicos, mas os dois dados mostrarão quão basicamente errada é a opinião desinformada.

Afirmar que a mão pode se mover mais rapidamente do que o olho pode seguir sugere que um movimento pode ser feito e a mão retorna à sua posição original tão rapidamente que nenhum movimento é discernível. Isso não é possível.

O movimento coordenado mais rápido que o homem já aprendeu a fazer é feito por alguns dos principais pianistas. Alguns desses músicos altamente treinados chegaram a atingir oito a nove toques em uma tecla por segundo, com um dedo de uma mão. Foi descoberto através de testes mecânicos com pianos que o mecanismo tinha que estar em muito bom estado para ter uma função de tecla a uma taxa de dez vezes por segundo. Pode-se supor que algum pianista poderia desenvolver a velocidade manual de dez toques por segundo. No entanto, mesmo nessa taxa, o movimento não seria invisível porque o olho normal pode captar o movimento na velocidade de um milésimo de segundo. A visão de uma pessoa comum, portanto, é cem vezes mais rápida do que a pessoa mais treinada pode mover um dedo.

A mente pode não registrar exatamente o que é realizado em um movimento muito rápido da mão, mas que um movimento foi feito será bastante óbvio. Deve-se notar que um mago, ao contrário de todos os outros trapaceiros, reconhece que pretende enganar. Seu desempenho, porque a trapaça é esperada, não pode ter movimentos inexplicáveis ou, pelo menos, inaceitáveis das mãos. Um mago não pode ser visto fazendo nenhum movimento falso e ele deve perceber que deve realizar todos os seus movimentos secretos com deliberação. Qualquer tipo de movimento atrai a atenção - daí os sinais em movimento - e a trapaça depende de não atrair a atenção para o método de atuação. Magos não usam velocidade em suas ações.

Espelhos têm sido usados por magos em alguns feitos, mas seu uso efetivo é limitado. Um espelho pode esconder apenas um objeto dando o reflexo de outro como substituto. Um espelho não pode tornar um objeto invisível. A única função de um espelho é refletir algo. Um espelho não pode refletir nada — e quando um espelho não tem nada para refletir, o próprio espelho se torna visível. Além disso, um espelho só pode ser usado em truques onde é possível ter todas as bordas encostadas em algum objeto sólido visível, caso contrário as bordas podem ser vistas. Outro detalhe que impede o uso geral de espelhos na magia é que quanto maior o público, mais próximo o objeto a ser refletido deve estar do espelho por causa do ângulo de reflexão. Nos grandes teatros modernos, esse fato torna os espelhos inúteis para os mágicos. Mágicos viajantes,

Em suma, embora haja uma leve base para o público acreditar que os mágicos

usam espelhos para conseguir sua mistificação, o público está errado em sua compreensão das funções do espelho em truques ópticos e errado em acreditar que espelhos geralmente são usados em magia.

Esses dois exemplos, 1. a crença geral totalmente errada de que os mágicos dependem da rapidez da ação, e 2. a concepção errônea de como e quando os espelhos são usados na magia, são típicos do erro das crenças populares em relação à magia. Que os mágicos dependem do hipnotismo e que os mágicos geralmente usam confederados estão entre as outras falácias às quais o público se apegua. Nenhuma delas tem mais validade do que a que ocasionalmente se ouviu dizer que os magos tornam os objetos invisíveis pintando-os com a cor do ar.

O grande equívoco sobre toda trapaça é que existe um único segredo que explicará como cada tipo de truque é realizado. Por exemplo, considere a façanha de fazer com que um coelho apareça em um chapéu que acabou de se mostrar vazio. Geralmente pensa-se que existe um método específico para colocar o coelho secretamente na cartola. O fato é que existem vários métodos diferentes para realizar esse feito e uma pessoa familiarizada com a maioria dos métodos pode ficar confusa (e provavelmente ficará) ao ver o truque executado por um método que ele não conhece. Como outro exemplo, as pessoas ainda se perguntam sobre o segredo que permitiu a Houdini escapar de qualquer tipo de restrição física. O fato é que ele se libertou por um método secreto diferente para cada maneira em que foi confinado. Ele tinha pelo menos um método para escapar de cada tipo de algema, algema e caixa, e cada maneira de ser amarrado com corda, cordão, atadura ou camisa de força. Não há nenhum segredo geral para a magia, ou qualquer parte da magia. É a multiplicidade de segredos e a variedade de métodos que tornam a magia possível. O segredo apropriado para um mago usar é aquele indicado como melhor sob as condições e circunstâncias da performance.

Todos os trapaceiros, exceto os magos, dependem em grande parte do fato de que não são conhecidos ou suspeitos de serem trapaceiros. Aí reside a sua grande vantagem, pois só precisam de fazer a sua malandragem quando for a seu favor e quando tiverem condições favoráveis ao êxito. Além disso, não tendo nenhum compromisso com o que vão fazer, eles podem utilizar o truque que é mais adequado nas condições do momento.

O principal erro no pensamento público sobre os truques dos jogadores é acreditar que os truques são projetados para tornar a vitória uma certeza. Na verdade, esses truques destinam-se apenas a dar ao jogador vantagem suficiente para aumentar a probabilidade de ganhar acima da expectativa de chance. Trabalhar nessa base também minimiza a possibilidade de os truques do jogador serem descobertos.

Geralmente acredita-se que um tubarão de cartas habilidoso pode dar a si mesmo qualquer carta que desejar e sempre que desejar. Isso não pode ser

feito, embora um

manipulador habilidoso de cartas pode, de vez em quando, arranjar uma boa mão. Mesmo essa habilidade pode não garantir a vitória, pois o acaso pode dar ao oponente uma mão melhor. O jogador profissional depende em grande parte de um conhecimento profundo do jogo jogado, de sua memória das cartas jogadas e de uma compreensão completa das probabilidades matemáticas de ganhar em qualquer situação. Isso não está sugerindo que o jogador não vai tirar vantagem de quaisquer meios que ele possa usar em seu próprio auxílio, mas apenas que ele não faz, e geralmente não pode, fazer as coisas em que as pessoas geralmente acreditam.

A situação opostatambém existe a crença comum sobre o jogo de que exigir um novo baralho no início de um jogo garantirá que as cartas não tenham marcas secretas em suas costas. O novo baralho pode ter essas marcas, ou não é nada difícil substituir um baralho marcado por um não marcado. Também é bem possível marcar cartas enquanto o jogo está sendo jogado.

Os batedores de carteira são geralmente credenciados com tal delicadeza de toque, provocada por longa prática, que é capaz de colocar a mão no bolso de uma pessoa e removê-la, junto com alguns objetos valiosos, sem que a pessoa sinta a ação. Isso é facilmente possível com uma pessoa adormecida ou embriagada, mas para o sóbrio, assim como acordado, a destreza do batedor de carteiras não é suficiente. O método geralmente usado é acostumar a vítima a ser tocada (geralmente feita em uma multidão) para que ela não perceba o toque extra no momento do roubo. O público foi informado sobre os batedores de carteira que se acotovelam com os confederados. Às vezes, confederados são usados, mas raramente são tão rudes quanto a palavra empurrando indicaria. Embora o cúmplice possa ajudar a preparar a vítima, acostumando-a a ser tocada,

Os vendedores de tijolos de ouro (também homens de confiança e outros como) confiam principalmente na cobiça de seus tolos. A única pessoa que pode vender um tijolo de ouro deve ter tanta avareza que ignora o fato óbvio de que a “pechincha” que lhe é oferecida deve ser falsa ou ilegal. A principal habilidade do vendedor é descobrir vítimas propriamente gananciosas. No entanto, truques frequentemente são usados para fechar a venda, substituindo ouro falso por real, ou substituindo outras mercadorias ruins por boas. O mundo tem a opinião de que o vendedor de tijolos de ouro é aquele que tem a capacidade de dar uma super conversa de vendas. Na verdade, ele é apenas um trapaceiro com conhecimento das fraquezas da natureza humana.

Para resumir a partir desses poucos exemplos típicos, o público mantém totalmente, ou em grande parte, crenças falsas sobre como todos os truques são realizados. O público está convencido de que essas falsas crenças explicam cada engano, enquanto na verdade o público quase não tem conhecimento factual dos métodos usados para enganar. Um não

ciente de que essas crenças geralmente aceitas são falsas, será incomodado subconscientemente e nunca poderá aprender a executar qualquer ação falsa de maneira suave e fácil.

É tão essencial apontar os fatos quanto apontar o que não são fatos. Como foi observado, nunca há um único segredo para qualquer truque. O único critério é que o método a ser utilizado seja aquele que garante o sucesso do truque. Há duas razões principais para escolher um método particular. Uma é que se adapta melhor ao físico, maneirismos e personalidade do artista do que qualquer outro método. A outra é que as condições no momento da execução favorecem um determinado método. É claro que esta última razão às vezes, como em um teatro, pode ser ignorada porque as condições da performance estão sob o controle do performer.

O princípio básico na execução de um truque é fazê-lo de modo que as ações secretas não sejam observadas. Como disse Alphonse Bertillon: “Só se pode ver o que se observa, e se observa apenas as coisas que já estão na mente”. Um truque não engana os olhos, mas engana o cérebro. Para isso, deve ser realizado de forma que as partes secretas não sejam notadas. Isso é possível porque o truque é apenas uma ou mais ações que são adicionadas a outras ações feitas por motivos legítimos e óbvios. Os movimentos adicionados não são notados devido à grande variação com que as pessoas realizam uma determinada tarefa e porque não está na mente do observador suspeitar de tais movimentos. As moções adicionadas devem ser menores, ou pelo menos não devem ser enfatizadas mais do que as outras ações.

Além disso, as ações “secretas” devem se encaixar nas ações que são feitas abertamente.

Aqui está um exemplo para esclarecer as generalidades. Uma pessoa, sentada à mesa de um restaurante, quer pegar uma colher de chá cheia de sal e colocar o sal no bolso esquerdo do casaco, e deseja fazer isso sem ser observada.

O trapaceiro pega o saleiro e joga sal na comida ou na cerveja. Ele faz isso com a tampa do saleiro voltada para si, para que os outros na mesa não vejam a quantidade de sal que sai do saleiro.

Aparentemente insatisfeito, o malandro bate o fundo do saleiro na mesa. Neste ponto, as circunstâncias ditam o desempenho, pois o sal pode, ou não, sair livremente da adega. Se o sal correr livremente, o performer, como se fosse experimentar a coqueteleira depois de batê-la na mesa, sacode uma quantidade de sal na mão esquerda, que fica na beirada da mesa. Se o sal estiver realmente atado no porão, ele desaparafusa a tampa e despeja uma quantidade de sal na mão esquerda. No primeiro caso, como se estivesse satisfeito pelo teste de que o sal está saindo corretamente, ele salga sua comida, ou cerveja, usando a coqueteleira. Ele deixa cair a mão esquerda no colo ou ao seu lado. No segundo caso, ele pega pitadas de sal da mão esquerda, com os dedos da mão

direita, e salga a comida.

caso. Naturalmente, quando a mão esquerda é colocada abaixo da mesa, os dedos são fechados para que o sal fique na mão. A mão esquerda é mantida ao lado, ou no colo, por até um minuto antes que o sal seja colocado no bolso. Esta espera é para garantir que não haverá nenhuma conexão óbvia entre o sal que vai para a mão e a mão que vai para o bolso. Embora isso ilustre como algo pode ser feito que não será observado, embora possa ser visto, também ilustra outro ponto: nem todos podem fazer um truque da mesma maneira. Uma pessoa com as mãos muito úmidas teria que usar outro método porque todo o sal grudaria na mão e não poderia ficar no bolso.

O tempo também é mais importante. O tempo tem dois elementos. Um tem a ver com quando o truque é feito. Por exemplo, obviamente seria errado, no exemplo acima, manusear o saleiro imediatamente após outra pessoa ter usado com sucesso. O outro ponto no tempo é a cadência em uma série de ações. O acento é dado ao que se deseja que seja notado. Será dada pouca atenção às ações que não são enfatizadas.

O exemplo deixa claro que o essencial para o sucesso do truque é a naturalidade com que o performer faz o papel de querer sal, tem dificuldade para conseguir sal, não se deixa incomodar e consegue o sal que quer. Deve ser realizado como se fosse um daqueles pequenos incômodos que afligem a humanidade. Ele deve passar por todas as ações como se nenhum pensamento fosse necessário (o que não é) e é apenas uma daquelas ações automáticas que se faz regularmente. Acima de tudo, o trapaceiro não tenta fazer qualquer ação astutamente. O sal vai abertamente para a mão esquerda e então a mão cai. Ele não chama a atenção para a queda da mão e, portanto, não atrai a atenção para a ação. Como acontece com a maioria dos truques, veremos que não é uma questão de destreza digital que é necessária para o sucesso do truque, mas sim,

Ao planejar um truque, a primeira consideração é determinar exatamente o que deve ser realizado. Isso pareceria um fato tão óbvio que não haveria necessidade de mencioná-lo. Mas, a menos que alguém seja lembrado de que deve saber completa e exatamente qual é seu objetivo, começará com generalidades. O resultado invariável do planejamento, quando se trabalha a partir de generalidades, é a complicação do método. Um truque para ser bom deve ser simples em sua ideia básica. É verdade que, às vezes, pode ser mais fácil fazer um truque elaborando os detalhes da performance, mas a ideia básica deve ser simples.

Depois que todos os requisitos do que deve ser feito forem determinados, o próximo passo é decidir como a tarefa pode ser feita mais facilmente, desde que o sigilo não seja necessário. Na maioria dos casos, é assim que será feito no truque, exceto que alguma adição é feita para evitar que a ação seja notada.

Novamente referindo-se ao truque de colocar sal secretamente no bolso esquerdo do casaco, é óbvio que a maneira mais fácil de fazer isso abertamente é derramar a quantidade necessária de sal da coqueteleira na mão esquerda e depois colocar essa mão, e o sal, no bolso do casaco. Isso também é o que é feito ao realizar o truque. No entanto, como os espectadores recebem algo razoável para pensar, além das ações necessárias, as ações extras não serão notadas. O truque, nesse caso, como acontece com tanta frequência, deve-se inteiramente a uma premissa falsa induzida na mente dos espectadores. A pretensão de que o saleiro está entupido é a falsa premissa.

Notar-se-á, no exemplo, que a falsa idéia que mascara a ação essencial é sugerida apenas por uma rotina que é usual para tirar sal de uma coqueteleira entupida. A falsa idéia é colocada por pantomima e não por palavras. Às vezes, também, são necessárias palavras para que o espectador aceite alguma premissa falsa. O grande valor de confiar apenas na simples pantomima é que as ações podem ser minimizadas ainda mais ao falar sobre um assunto totalmente não relacionado à medida que as ações são feitas.

Principalmente, a trapaça depende de uma maneira de pensar. É uma mentira encenada. Mais pensamento e cuidado são necessários para encenar uma mentira do que para contar uma, pois as ações falsas são mais óbvias em sua incongruência do que as palavras. É mais fácil, por exemplo, pretender ser um mecânico de automóveis do que fazer o papel de um. É fácil para uma pessoa fleumática afirmar que está nervosa, mas extremamente difícil agir por qualquer período de tempo apreciável como se estivesse nervosa.

Afirmar que a malandragem depende basicamente de uma maneira de pensar precisa de uma ampliação considerável, pois o pensamento oblíquo do trapaceiro deve ser aceitável para os espectadores. Isso significa que não pode violar os costumes e costumes dos espectadores nem, de qualquer outra forma, pode ser motivo de atenção especial. Qualquer coisa incomum em ação ou fala (incomum para quem está assistindo ou ouvindo) atrairá a atenção e deve ser evitada. Mesmo que a atenção de um espectador esteja focada nas ações durante um truque e ele não descubra que um truque está sendo feito, ele pode mais tarde lembrar que o trapaceiro agiu de forma estranha e possivelmente ter suas suspeitas despertadas.

Antes que um trapaceiro possa planejar um truque, ele deve saber quem serão os espectadores. Isso não significa saber seus nomes e endereços. Significa saber o tipo de pessoas que são e sua nacionalidade. Por exemplo, pode-se basear um truque na ação de pedir emprestado um relógio e depois descobrir que nenhum dos espectadores carregava relógios. Ou o truque pode exigir que o trapaceiro dê um tapa nas costas de um espectador apenas para descobrir que todos os espectadores eram hindus, que se ressentiriam de serem tocados. Estes são exemplos de casos reais em que a falta de conhecimento do trapaceiro sobre quem eram os espectadores impediu a

desempenho do truque que havia sido planejado. Quanto mais o trapaceiro souber sobre os espectadores, melhor ele poderá planejar o truque para garantir que ele seja bem-sucedido.

O “pensamento na tangente” é uma frase bastante descritiva da maneira pela qual um trapaceiro planeja seu trabalho. Ele deve pensar em algo para fazer ou dizer que, enquanto toca o assunto, na verdade dispara dele. Como o comentário toca o assunto, não será notado que ele realmente está se afastando do assunto e não em torno dele. Novamente, consulte o truque do saleiro. Chama-se a atenção tão obviamente para a coqueteleira “defeituosa” que os espectadores não prestam atenção à ação perfeitamente aberta de colocar sal na mão esquerda. Deve-se enfatizar novamente que a ação falsa deve ser tão natural que seja aceitável.

Existem vários pontos que deve ser conhecido sobre as coisas que os espectadores irão notar e aquelas coisas que eles não irão notar e sobre alguns dos processos de pensamento dos espectadores que podem ser confiáveis. Essas são coisas que são verdadeiras para todas as pessoas, independentemente de sua nacionalidade, formação educacional ou posição na vida.

Nenhuma ação esperada será notada, mas todas as ações surpreendentes para um espectador serão notadas por ele. No entanto, embora todas as ações surpreendentes sejam notadas, muitas serão imediatamente esquecidas quando seguidas de uma vez por uma explicação racional. Por exemplo, despejar uma bebida de uma garrafa em um copo, ou chá ou café de um bule em uma xícara, não atrairá atenção.

No entanto, derramar o líquido sobre a comida no prato será notado. Será notado, mas não lembrado, se, quando o líquido é derramado sobre a comida, parece acidental porque o corpo se contorce como se estivesse com dor e a afirmação é feita: “Deve haver um alfinete na cadeira”. Será ainda mais forte se, ao descer, um alfinete for produzido, mostrado e descartado. Em outras palavras, ações naturais e normais não despertam interesse e, portanto, não são observadas, enquanto ações não naturais e incomuns atrairão atenção a menos que uma explicação simples, mas satisfatória, seja dada imediatamente.

Uma pessoa que parece estar interessada no que está fazendo não será notada, mas aquela cujo interesse é direcionado para o que os outros estão fazendo atrairá atenção. Por exemplo, pouca atenção será dada ao indivíduo que, quando sozinho, parece absorto no livro ou jornal que está lendo, e quando está com outros dedica seu interesse aos companheiros e tem interesse apenas casual pelo ambiente. Aquele que parece interessado em tudo, menos em seu jornal, ou em seus companheiros, ou aparentemente está procurando alguém que ainda não chegou, sempre atrairá atenção.

A postura é importante para evitar ser conspícuo. Chama pouca atenção aquela pessoa que, sentada ou em pé, parece estar à vontade; isto é, sem nenhum esforço físico e com a maneira de estar confiante de ter

o direito de estar onde está. Ele será notado se ficar rígido como se fosse um soldado subordinado a um oficial de alta patente, ou se agachar como se a morte fosse iminente. Notável, também, é a pessoa que se senta como se esperasse que a cadeira explodisse, ou aquela que se senta desajeitadamente em uma cadeira como se fosse uma boneca de pano jogada naquela posição.

Possivelmente nada atrai a atenção tão rapidamente quanto a inquietação. Mudar constantemente de posição em pé ou sentado; repetidamente colocando as mãos dentro e fora dos bolsos; batendo em uma área de cadeira ou mesa com os dedos; ou brincar com uma corrente de relógio, chaves, moedas, talheres, etc devem ser evitados pela pessoa que deseja fazer algo secretamente.

Resumindo estes pontos: a pessoa calma, quieta, relaxada (embora não a ponto de parecer desconexa) não atrai atenção. Isso pressupõe, é claro, que ele seja um indivíduo normal. A pessoa que é excepcionalmente alta, ou baixa, ou aleijada, ou deformada será notada, mas uma vez que o observador nota a maneira pela qual ela é incomum, pouca atenção é prestada.

Sobre ser notado, há um ponto inverso que deve ser observado. Às vezes, os trapaceiros têm motivos para creditar ou acusar alguma pessoa imaginária pelo que foi feito. Um erro natural é descrever alguém de uma forma, e de ações, que são inusitadas e marcantes. Geralmente é fácil verificar que tal pessoa não esteve nas proximidades. A descrição adequada será de uma pessoa de tamanho e coloração médios e feições normais, mas - e este é um ponto muito essencial - ter alguma estranheza menor, como a falta da primeira articulação do dedo mínimo da mão esquerda, ou uma grande toupeira perto de sua orelha direita. A descrição, em suma, de quase todos, mas mencionando alguma estranheza improvável, mas facilmente notada, que o identificaria se fosse encontrado.

Retomando a descrição dos atributos de um trapaceiro bem-sucedido, repita-se que ele deve ter maneiras tão normais e suas ações tão naturais, que nada nele suscita suspeitas. Isso não significa que ele tenha que ser de qualquer tamanho ou forma particular, ou que ele tenha que fazer gestos quando fala, ou abster-se de fazê-los. Significa apenas que ele precisa ser ele mesmo — como é em seus momentos mais calmos. Aquela pessoa que naturalmente fala e age rapidamente fará bem em aprender a falar e agir mais lentamente. Os truques nunca são feitos rapidamente e a desaceleração no momento em que o truque é feito torna-se perceptível.

O grande ponto é estar confortavelmente natural ou, pelo menos, dar aquela aparência. Se alguém puder ser natural mesmo em uma situação difícil, tornará seu trabalho menos árduo, pois é muito difícil desempenhar o papel de quem está à vontade e, ao mesmo tempo, pensar em malandragem. A principal causa de ações empoladas e falta de equilíbrio é devido à preocupação causada pela falta de preparação. Quando confiante de que

ele pode fazê-lo, ele terá uma maneira natural. Não há nada mais importante para a execução de um truque do que a confiança por parte do executante. A confiança é um resultado direto da preparação. Confiança não é nada para ser exibido e não é arrogância. A confiança é meramente o sentimento de certeza de estar preparado para fazer o trabalho – uma consciência de estar pronto.

Algumas pessoas, na verdade quase todo mundo, ficam nervosas e tensas quando aparecem diante de uma grande platéia. O ator treinado percebe, e o novato percebe, que devido à distância, seu jeito natural parece falso. Como a distância tanto minimiza quanto altera, o ator de palco faz gestos mais amplos e mais lentos do que faria intimamente. Como fazer um truque é uma forma de atuação, os iniciantes tendem a ficar nervosos e assumir uma maneira incomum e gestos empolados. Aqueles que fazem seus truques antes de apenas alguns não devem se preocupar, pois não precisam alterar suas ações ou maneiras. Não só não há necessidade, como não deve ser feito. A crença popular de que é mais difícil realizar um truque “de perto” é completamente errônea. A performance no palco é suficientemente distante para que o olho do espectador veja o homem inteiro. Quando próximo, apenas parte do performer está dentro do campo de visão do espectador. Quanto mais o artista puder ser visto, menor será sua chance de fazer qualquer coisa sem ser detectado. Como exemplos: um performer no palco seria visto se colocasse a mão no bolso, mas essa ação pode ser feita sem ser vista estando perto de uma pessoa, de modo que a mão esteja fora de seu alcance de visão.

Truques simples, e o leitor nunca precisará fazer nenhum outro, são fáceis de fazer, pois exigem apenas conhecimento, compreensão, confiança e um pouco de engenhosidade. E a engenhosidade será necessária apenas no caso de ter que combinar ou alterar os métodos a seguir estabelecidos para preencher alguma circunstância particular da qual o escritor não poderia estar ciente. O leitor não achará necessário desenvolver nenhuma habilidade manual para nenhum dos truques. Ele nunca será solicitado a fazer qualquer ação que não faça regularmente, mesmo que precise fazer a ação para um novo propósito. Não haverá aulas de prestidigitação intrincada. Todos os truques serão simples de fazer fisicamente. Mas tome este aviso – quanto mais fácil a manipulação em um truque, mais essencial se torna para o artista ter cada detalhe claramente em mente. Isso porque, enquanto a manipulação especializada pode por si só tornar-se mistificadora, a trapaça simples depende inteiramente de uma ideia e de uma rotina. No entanto, com sua mente e meus métodos, não deve haver nenhuma dificuldade real.

Antes de continuar com os detalhes de como fazer truques específicos, pode ser bom revisar o que foi escrito. Em primeiro lugar, para abordar o assunto adequadamente, é preciso ter uma mente completamente livre de todas as várias idéias comumente mantidas, embora errôneas, sobre como os trapaceiros operam. É sábio para um iniciante ter

sua mente completamente desprovida de convicções de qualquer tipo sobre trapaça. Começar com a mente limpa elimina 75% da dificuldade de aprender a fazer truques.

Em seguida, é necessário reafirmar que a malandragem depende basicamente da psicologia elementar. Aquele que espera fazer malandragem deve entender que o objetivo do trapaceiro é enganar a mente e não os olhos. Essa compreensão o deixará pronto para aceitar que o trapaceiro depende de uma forma de pensar que enganará os espectadores, e não da rapidez e habilidade de manipulação. Para fazer uma declaração positiva, o trapaceiro confia em confundir e, assim, enganar as mentes, e não os olhos dos espectadores. Mesmo quando os olhos são enganados, a memória pode conter algo que permitirá descobrir como o mistério foi realizado depois de terminado.

Quando a mente foi enganada, é quase impossível trabalhar para trás e descobrir o engano.

Se fosse possível para o escritor estar com o leitor, seria muito fácil demonstrar quão facilmente a mente pode ser enganada mesmo quando o que é feito é visto pelos olhos. Seria muito fácil porque o elemento pessoal desempenha um papel muito importante na performance. Como isso não é possível, tudo o que pode ser feito é colocar alguns truques no papel.

1. Dois fazendeiros moram a uma milha de distância um do outro e cada um colocou uma cerca do mesmo comprimento, altura e material na frente de sua casa. Os olhos podem ver (no desenho abaixo) que um fazendeiro é melhor construtor de cercas do que o outro, mas a menos que a atenção seja chamada para o assunto, a mente não percebe a diferença.

(-0-0-0-0-0-0-) (-0 -0—0- 0-0 -)

2. Um homem estava estudando esperanto e outras línguas universais. Enquanto estava sentado em sua mesa pensando na questão das linguagens universais, ele escreveu distraidamente estas cartas:

**LUANSIRVEEVRISSNAUL**

O olho vê as letras, mas mesmo com a mente do leitor sinalizada duas vezes na história acima, é preciso algum estudo para ver o que estava na mente do homem. Sem a história e o estudo, a mente registraria apenas que um número de letras, sem formar palavra ou palavras, havia sido escrito. Não é imediatamente aparente que começar com a segunda letra e ler todas as outras letras forma a palavra universal. E começando com a penúltima letra e lendo de trás para frente, cada letra alternada forma a mesma palavra.

Agora uma descrição do artista. Ele deve ser natural e à vontade. Ele deve saber em detalhes tão completos o que deve fazer e como deve fazê-lo, de modo que fique completamente seguro e, portanto, tenha plena confiança em si mesmo. Ele tem uma confiança tão completa que não apenas não se inquieta, mas também não tem nenhuma inclinação para fazê-lo.

Então o performer deve ter uma percepção do elemento do tempo. Ele deve saber o momento adequado para começar sua trapaça. Ele deve saber a importância do tempo em cada detalhe de sua atuação.

Finalmente, o performer deve aceitar plenamente o fato de que não pode saber muito sobre o que planeja fazer. Cada detalhe que ele conhece, além do essencial para garantir o sucesso, adiciona muito mais para eliminar a possibilidade de fracasso. Quanto mais detalhes um trapaceiro tiver em mente em relação a um truque, mais certeza ele terá de sua capacidade de fazer o que é necessário. Em outras palavras, a preocupação, a possibilidade de erro e a chance de detecção podem ser eliminadas por uma preparação cuidadosa e cuidadosa. A situação lembra a ocasião em que um repórter pediu ao cientista Dr. Roy Chapman Andrews, em seu retorno de um ano na Mongólia Interior, para contar sobre suas aventuras. “Meu caro”, disse o médico, “não tivemos aventuras. Tivemos uma expedição científica.

As aventuras vêm apenas por falta de preparação e estávamos devidamente preparados.” É o caso da malandragem, pois a preparação adequada garante o sucesso.

O conhecimento do performer deve ser tão completo que ele saiba cada detalhe de como e por que cada ponto do truque é feito. Ele deve saber, também, quando as condições do momento exigem uma mudança no procedimento preparado e como fazer tal mudança sem ser perturbado. Tais mudanças não serão manipulativas e nunca exigirão nada além de flexibilidade mental aliada ao conhecimento.

Neste ponto (muito possivelmente em um parágrafo anterior), o leitor chega à conclusão de que o escritor é extremamente verboso ao explicar alguns pontos simples. Tal sentimento não é de todo censurável, desde que o leitor tenha compreendido que os pontos são simples. O objetivo do escritor é fazer com que o leitor tenha sucesso sempre que ele realizar um truque. O escritor está bastante disposto a reconhecer ser tanto prolixo quanto óbvio, desde que o leitor, assim, invariavelmente tenha sucesso em seu trabalho.

## **II. Manipulação de tablets**

Em um parágrafo anterior, notou-se que o leitor, ao realizar seus truques, nunca precisa fazer qualquer ação que não faça regularmente. Isso porque ele deve ser capaz de ter toda a sua mente concentrada no desempenho, em vez de

do que ser desviado pela necessidade de ter que considerar uma nova técnica de manipulação. A primeira ilustração será considerada inteiramente natural para qualquer pessoa que fume. Mesmo que o leitor não seja fumante, ele provavelmente achará isso bastante natural. Quer o leitor fume ou não fume, ele deve seguir as instruções e realmente fazer a ação indicada.

Para que o leitor possa descobrir exatamente quais são suas ações naturais, ele deve pegar um pacote de fósforos de papel antes de continuar lendo.

Pegue os fósforos de papel, abra a tampa, rasgue um fósforo e feche a tampa. Em seguida, acenda o fósforo e apague-o.

Você terá descoberto que é natural fazer essas várias ações inteiramente sem usar o terceiro ou o dedinho de cada mão. Supondo que o leitor seja destro, ele terá segurado o maço de fósforos na mão esquerda e entre o polegar, em uma borda, e o primeiro e o segundo dedos, na borda oposta. (Se o leitor naturalmente for canhoto, ele descobrirá que todos os detalhes são os mesmos em todas as instruções a seguir apresentadas e bastante utilizáveis, desde que ele leia “mão esquerda” sempre que “mão direita” for colocado para baixo e vice-versa.)

Enquanto o leitor descobrirá que usará apenas o polegar e o primeiro e o segundo dedos da mão esquerda para segurar o papel de fósforos, ele pode não segurar automaticamente o pacote exatamente como é necessário para este primeiro truque. No entanto, ele descobrirá que a posição do pacote é tudo o que precisa ser alterado e isso não altera a pegada que ele usa naturalmente. Segurando corretamente, o polegar fica em um lado da borda da parte de trás da tampa do papel e o primeiro e o segundo dedos estão na borda oposta. Segurada dessa forma, a parte de trás da capa fica voltada para a palma da mão. Este aperto permite que os dedos da mão direita abram a tampa frontal, rasguem um fósforo e fechem a tampa frontal, sem soltar o aperto dos dedos esquerdos ou mudar sua posição.

Para continuar a experiência, o leitor deve inserir um alfinete comum na parte de trás do pacote de fósforos. O pino está preso no canto inferior direito (isso pressupõe que a parte de trás do pacote está mais para cima), um quarto de polegada do lado direito e a mesma distância do fundo. O alfinete deve ser apontado para o topo do pacote e para a parte interna das costas e atrás dos fósforos. O pino deve ser empurrado totalmente para dentro, de modo que apenas a cabeça fique saliente na parte de trás.

Novamente o maço de fósforos deve ser pego, segurado como descrito acima, aberto, um fósforo arrancado, a tampa fechada e o fósforo aceso. Será encontrado ao fazer essas ações que a cabeça do alfinete nunca é tocada. Também se descobrirá que é fácil, e nem um pouco perceptível, esfregar a ponta do terceiro dedo da mão esquerda sobre a cabeça do alfinete. Se a unha do terceiro dedo for usada, será fácil até mesmo puxar o alfinete para fora do papel.

Tendo tentado esta experiência, será óbvio como seria simples derrubar uma pequena pílula que estava presa ao pacote na posição da cabeça do alfinete. Ao manusear as partidas, será visto que é natural e fácil manter sempre as costas das partidas voltadas para o interior da mão ou para baixo em direção ao chão. Em ambos os casos, a cabeça de alfinete (ou a pílula) sempre será mantida escondida da vista do artista e de todos os espectadores.



Mostrando fixação da pílula e forma como a caixa de fósforos é segurada para liberar facilmente a pílula.

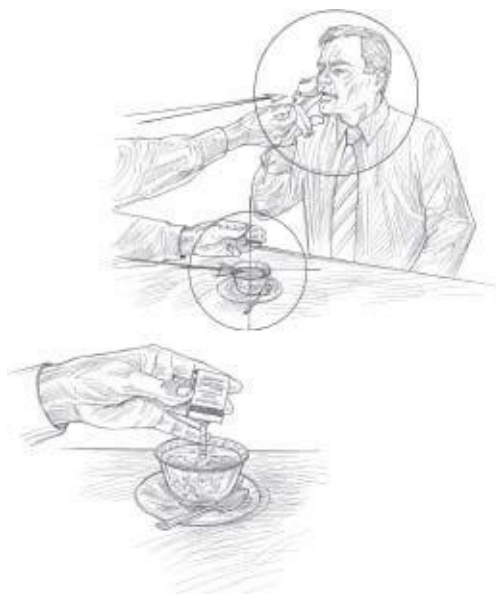
Phil Franke

A descrição acima descreve como uma pequena pílula pode ser facilmente transportada e manuseada (embora seja diminuta) e ainda assim é rapidamente liberada de forma indiscernível e sem esforço. Esse é o segredo e a seguir estão os detalhes do desempenho. O enredo do truque é colocar a pílula na bebida de um espectador em particular sem o conhecimento dele ou de qualquer outro espectador. Na situação em que há apenas um espectador, o truque é extremamente simples. O performer deve estar de frente para o espectador ou à sua esquerda (mais uma vez, estas são instruções para uma pessoa destra). Faz pouca diferença se ambos estão em pé em um bar ou sentados em uma mesa. Se a mesa, no entanto, é tão larga que o ator não pode alcançá-la facilmente, o truque não pode ser feito quando o ator está de frente para o espectador. Se, levantando-se meio da cadeira, o artista pode alcançar através da mesa, então é adequado. A razão para as respectivas posições de performer e espectador é que o truque é feito com a mão esquerda e, portanto, requer um amplo espaço para o movimento do braço esquerdo.

Esse truque, aliás, só pode ser feito para um espectador que é fumante. Outro método será descrito para atuar para um espectador que não fuma. Se, antes da performance, o performer sabe se o espectador

ou não fuma, ele só precisa estar preparado para usar um método. Se esse fato não for conhecido, será necessário estar preparado para realizar qualquer um dos métodos.

Essa é a rotina do espectador que fuma. No instante em que o performer vê o espectador pegar um cigarro, charuto ou cachimbo, ele tira o maço de fósforos do bolso, arranca um fósforo e segura o maço e o fósforo prontos para acender o fósforo. Ele faz essas coisas abertamente porque o que ele faz só pode ser visto como um gesto amigável e cortês. Assim que o espectador estiver pronto para acender, o artista deve segurar os fósforos perto do espectador e acender um fósforo. As partidas devem ser realizadas tão perto do espectador quanto a polidez permitir, mas devem, se possível, estar mais perto do espectador do que a boca do copo, ou xícara, na qual a pílula deve ser colocada.



Mão esquerda abaixada para ação imediatamente após o fósforo ser riscado.  
Phil Franke

O performer deve segurar a chama do fósforo para que o espectador possa usá-la melhor e, claro, o performer deve olhar para o que está fazendo. Assim que o espectador tiver uma luz adequada, o performer deve começar a se inclinar para trás em sua posição anterior. Ao fazer isso, a mão esquerda, que está parada desde que o fósforo foi aceso, é trazida sobre a boca do copo ou xícara, e a pílula é colocada no líquido. Três pontos devem ser ressaltados. Primeiro, a mão esquerda deve ser retirada com um movimento contínuo. Não pode haver hesitação sobre o líquido. Deve ser óbvio que quanto mais devagar a mão esquerda for movida, mais fácil será mirar com precisão. Em segundo lugar, enquanto a mão esquerda está sendo

retraído, o performer pode tirar os olhos do rosto do espectador e, assim, ver a mesa, mas obviamente não deve seguir os movimentos da mão esquerda.

Terceiro, a mão esquerda deve chegar o mais próximo possível da boca do copo. Isso não apenas garante que a pílula entre no líquido, mas também diminui a chance de a pílula fazer um respingo que pode ser visto ou ouvido.

Notar-se-á que a pílula é largada à medida que o braço é trazido de volta ao corpo e não no momento em que o braço é estendido. Isso, principalmente, porque qualquer movimento secreto que é executado como parte de uma ação mais ampla geralmente pode se tornar menos óbvio quando feito quando o braço é trazido de volta ao corpo. Isso porque, uma vez completada a ação óbvia, a mente do espectador não se interessa mais pelo movimento daquele braço.

A base psicológica para essa rotina é que uma pequena ação não será percebida quando for feita enquanto se faz um gesto mais amplo pelo qual há uma razão óbvia. A razão do gesto largo deve, porém, ser parte essencial de um pensamento inteiramente dissociado da finalidade da pequena ação.

Novamente, deve-se enfatizar que a ação óbvia deve ser completamente natural.

Nas circunstâncias em que o performer está de pé com o espectador em um bar, o truque é feito exatamente como se estivesse em uma mesa, exceto pelo movimento do corpo do performer. No bar, o performer dá um quarto de volta de seu corpo para a direita, de modo que fica de frente para o espectador e não para o bar. Caso contrário, os movimentos são feitos inteiramente com os braços. Quando na mesa, se sentado à esquerda do espectador, o performer gira em sua cintura ao invés de mover seus pés, de modo a ficar de frente para o espectador.

Se o espectador não for fumante, esta é a rotina sugerida. Afixe a pílula na parte de trás de uma carteira, caderno ou pequeno bloco de papel que seria natural para uma pessoa do caráter do artista carregar. Tenha frouxamente no bolso da carteira, ou entre as páginas do caderno ou bloco, um papel com algo escrito sobre o qual você deseja questionar o espectador. A escrita pode ser um endereço, ou nome, ou qualquer coisa sobre qualquer assunto. O que quer que esteja escrito só precisa ser algo sobre o qual uma pergunta legítima possa ser feita.

Existe uma possibilidade alternativa, que é mostrar algo comumente visto sobre o qual uma observação pode ser feita sobre um ponto que é improvável que o espectador esteja ciente, como um pedaço de papel-moeda.



Phil Franke

Alguns minutos de estudo com qualquer pedaço de papel-moeda já feito encontrarão alguma estranheza sobre a qual uma observação pode ser feita com a certeza de que o espectador nunca notou o detalhe. Tal detalhe é o fato de que nas notas de dólar norte-americanas emitidas na época em que John W. Snyder era secretário do Tesouro não havia período posterior ao W em sua assinatura. O detalhe não precisa ter importância alguma. Precisa apenas ser algo que possa ser mostrado e falado. É melhor não usar um detalhe que pode ser algo que o espectador já tenha perguntado antes, como: “Quantas vezes a figura 1 e a palavra um aparecem em uma nota de dólar?”

A preparação para o uso do papel é exatamente a mesma dos fósforos. O ponto em que a pílula é afixada na parte de trás da carteira, caderno ou bloco depende do tamanho do objeto. Ele deve ser preso em um ponto onde o terceiro dedo da mão esquerda possa pegá-lo facilmente quando o objeto é segurado entre o polegar em uma borda e o primeiro e o segundo dedos na borda oposta. Naturalmente, o objeto usado deve ser de tal tamanho que possa ser segurado dessa maneira e como se fosse uma maneira natural de segurá-lo.

O desempenho, usando o papel, é quase o mesmo do truque com os fósforos. Esses são os detalhes da rotina da performance. Primeiro, algo é dito sobre o assunto mencionado no papel. Em seguida, a carteira, caderno ou bloco é retirado do bolso. Ele é trazido à frente e perto do espectador quando é aberto e o papel é retirado. A maioria das pessoas ao fazer isso

ação abria a carteira e extraía o papel enquanto a carteira era segurada perto de seus próprios corpos e então estendia apenas com a mão segurando o papel. A questão é que existem algumas pessoas que naturalmente fariam a ação de outra maneira. Esse fato possibilita que o performer o faça dessa maneira. Ele só precisa lembrar que é uma ação perfeitamente natural, mesmo que não seja da maneira que ele normalmente faria. Não altera minimamente as manipulações que ele normalmente usa. Ao manter esse pensamento em mente e depois ir em frente e abrir a carteira perto do espectador, o performer descobrirá que a ação parece natural até mesmo para ele.

O ponto psicológico aqui é que tudo o que é necessário é, não importa qual seja a ação, que a ação deve ser natural e parecer assim. Não é necessário que a ação seja aquela habitualmente seguida pelo performer. Qualquer ação natural para uma pessoa pode ser realizada facilmente por outra, desde que nenhuma nova técnica esteja envolvida.

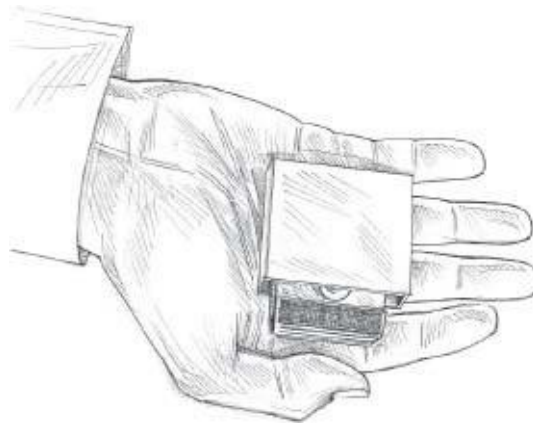
Uma vez que o papel foi tomado com a mão direita e entregue ao espectador, a mão esquerda é trazida de volta ao corpo. No movimento, a mão esquerda é trazida sobre a boca do copo ou xícara, e a pílula é colocada.

O caráter do performer, ou o caráter que ele assumiu, desempenha um papel importante nesse truque e em sua performance. Por exemplo, se for do personagem o artista carregar uma cigarreira, a pílula pode estar grudada nela. Depois de oferecer um cigarro ao espectador, a pílula é retirada enquanto o artista traz de volta o estojo antes de devolvê-lo ao bolso.

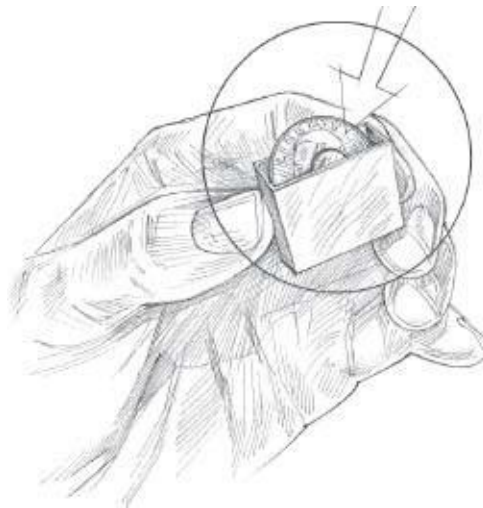
Se a apresentação for acontecer em um país onde os fósforos de papel não são comumente usados, o truque pode ser feito com a mesma facilidade com qualquer caixa de fósforos de qualquer tamanho que possa ser carregada no bolso. Alguém acostumado a fazer truques poderia fazer o truque usando um isqueiro, mas, devido ao fato de que apenas uma mão é necessária para operar um isqueiro, o truque se torna mais difícil de fazer. É duas vezes mais difícil para um espectador observar as ações simultâneas, embora variadas, de duas mãos do que seguir os movimentos de uma mão. Este é um fator que convém aproveitar.

Não importa qual o objeto ao qual a pílula esteja presa, deve-se tomar cuidado para que a pílula não seja raspada do objeto durante o tempo em que estiver no bolso do performer. A maneira mais segura de evitar que a pílula se solte acidentalmente no bolso é ter uma caixa rígida no bolso onde o objeto pode ser colocado. A caixa deve estar aberta na parte superior para que não haja problemas na extração do objeto. A caixa deve ser rasa o suficiente para que parte do objeto se estenda acima das bordas e seja fácil de segurar. A caixa deve ser tão longa e larga que garanta que o objeto entre e possa ser retirado facilmente. Tal caixa muitas vezes pode ser feita de algum pequeno recipiente

cortando uma parte. Uma caixa adequada também pode ser feita cortando e dobrando um pedaço de papelão e colando papel por fora.



Phil Franke



Tipos de caixas usadas para guardar objetos preparados para que as pílulas não se desloquem enquanto os objetos são carregados nos bolsos.

Phil Franke

O truque acima, mesmo com suas variações, destina-se ao uso apenas em conexão com uma pílula sólida com diâmetro não superior a 2,5 mm. Outros métodos são mais práticos ao usar objetos de tamanho maior ou objetos de outra forma.

Os métodos para atingir o mesmo objetivo, mas usando pílulas de tamanho maior, um pó ou um líquido, serão descritos posteriormente. Não é tarefa do escritor, nem está dentro de seu conhecimento, indicar se uma forma sólida ou líquida deve ser

usado, nem o tamanho ou quantidade de qualquer um. Tais informações serão fornecidas ao leitor por outras fontes. A única tarefa do escritor é fornecer os truques pelos quais o objeto pode ser manuseado. O escritor não recomenda um método acima do outro. O método indicado para um desempenho específico é aquele que possui detalhes mais adequados à situação e que parecerá mais natural.



Esquerda: Expressão normal do rosto. Direita: Expressão exagerada de estupidez. Quanto mais os músculos faciais estiverem relaxados e os olhos fora de foco, maior será o efeito. Fazer essas ações em grau moderado apenas mostra falta de alerta ou desinteresse.

Phil Franke

Um fato psicológico-físico que se aplica à execução da manobra acima em todas as suas variações, bem como na execução de todas as outras manobras, deve ser notada devido à sua grande importância. O fato é que fisicamente, no momento de realizar qualquer ação que exija um pensamento concentrado, há um estado de alerta da aparência que é muito perceptível.

Um súbito alerta por parte do performer causa cautela por parte do espectador. O oposto de uma aparência alerta é uma aparência estúpida. Assumir uma aparência levemente estúpida durante um truque dará a aparência de desinteresse.

Naturalmente, isso deve ser feito em grau moderado, pois, de repente, ter uma expressão imbecil também é garantido para atrair a atenção. A estupidez na aparência é afetada pelo relaxamento dos músculos faciais e pelos olhos fora de foco. Para aprender a relaxar os músculos faciais deve-se praticar na frente de um espelho. Quando se descobre, dessa maneira, qual músculo controla qual parte do rosto, torna-se uma questão de pouca prática relaxar os músculos indicados quando longe do espelho. Para aprender a tirar os olhos do foco, olhe para algum objeto a cerca de trinta centímetros de distância e mantenha esse foco ao olhar para uma pessoa a vários metros de distância. Essa habilidade também requer apenas um pouco de prática. Quando, anteriormente, o escritor prometeu ao leitor que ele nunca seria solicitado a fazer qualquer ação que não realizasse regularmente,

precisa parecer estúpido. Esta é a única exceção e o escritor pede desculpas ao leitor. No entanto, ser capaz de parecer estúpido propositalmente para melhorar seu trabalho mostra um grau considerável de inteligência, bem como uma apreciação da arte de atuar. Em tais casos, é uma questão bem diferente do que acontece com aquele indivíduo para quem tal expressão é não apenas incontrolável, mas usual.

As instruções acima são para realizar um truque no qual uma pequena pílula é usada. Considerando que o método foi concebido para pílulas que variam em tamanho de um décimo de sexto de polegada de diâmetro a uma pílula tão grande quanto três dezesseis de polegada de diâmetro, descobrir-se-á que o método é adequado para pílulas de tamanho maior. Ao fazer o truque com pílulas maiores (até três oitavos de polegada e até mais), cuidado extra deve ser tomado ao colar a pílula em seu portador. Em primeiro lugar, a posição no objeto no qual a pílula está presa deve ser tal que a pílula possa ser removida com facilidade. Em segundo lugar, sua posição deve ser tal que a pílula fique escondida da vista dos espectadores. Isso significa que a pílula deve estar longe o suficiente das bordas do objeto para não se destacar onde possa ser vista - mesmo quando o objeto é segurado como descrito. Um pouco de experiência mostrará o local em que a pílula deve ser anexada. Terceiro, cuidado extra deve ser tomado ao usar a quantidade exata de pasta para colar o comprimido maior no transportador. Devido ao maior peso de um comprimido grande, será necessária mais pasta do que para um comprimido pequeno. Experimentar aqui também mostrará quanta pasta usar.

A pasta utilizada deve cumprir vários requisitos. Deve ser simples de aplicar, segurar firmemente, dissolver-se rapidamente em qualquer bebida e sem deixar resíduo perceptível, devendo ser de fácil obtenção. A goma arábica em pó (disponível em qualquer drogaria) é um excelente adesivo quando misturada com água e atende a todos os requisitos. Uma gota de água e uma pequena quantidade do pó, misturados com um palito, farão uma pasta suficiente para conter até mesmo uma pílula grande.

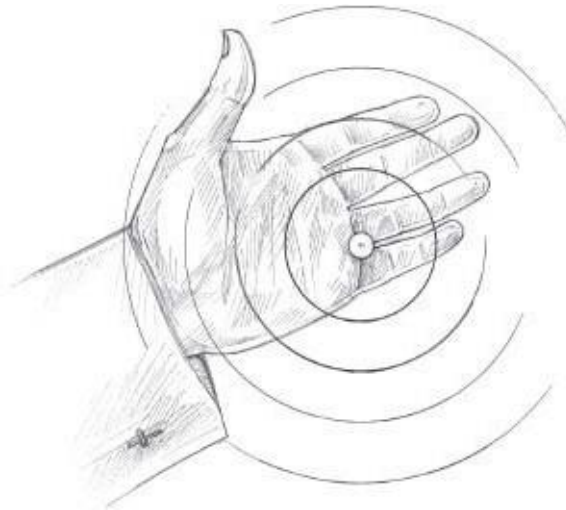
Quando misturado à consistência de um mingau bem grosso, uma pequena quantidade da pasta é retirada na ponta do palito e colocada na posição correta no suporte. A pílula é então pressionada sobre a pasta.

Ao usar uma pílula grande (três oitavos de polegada de diâmetro ou mais), provavelmente será encontrado tão fácil, se não mais fácil, segurar a pílula nos dedos e simplesmente soltá-la no momento adequado, em vez de carregá-la. um objeto do qual deve ser retirado.

A maneira mais fácil e natural de segurar uma pílula secretamente é na base do terceiro e mindinho e enrolar esses dedos para que as pontas toquem a palma da mão. Ver-se-á, mesmo com esses dois dedos assim mantidos, que não há falta de liberdade de movimento do polegar e do primeiro e segundo dedos. Quando o terceiro e o dedo mindinho estão enrolados como descrito, há um

vinco

entre a base dos dedos e a palma. A pílula é segurada pela dobra de carne que forma o vinco. O centro da pílula deve estar na fenda entre os dois dedos. Nesta posição, há carne suficiente em todos os lados da pílula para que ela fique completamente oculta. Alguns indivíduos, devido à formação das mãos, possuem um espaço entre os dedos que é impossível de fechar e, portanto, não conseguem segurar nada dessa maneira para que não seja visto. No entanto, mesmo eles descobrirão que é possível ajustar a posição da pílula para que ela fique oculta.



Posição na mão para segurar o comprimido grande nos dedos. Esta ação pode ser mascarada segurando algum objeto como um papel de fósforos. Objeto mantido é imaterial.

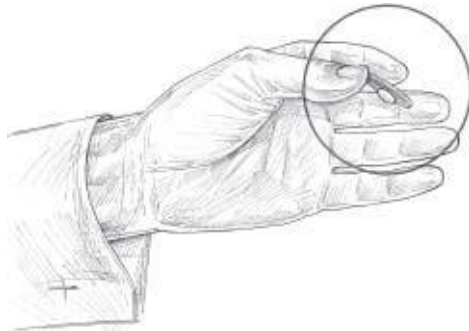
Phil Franke

Ao usar este método de “grip”, todos os detalhes de desempenho são idênticos aos métodos descritos acima, com duas exceções. A pílula é liberada abrindo os dedos em vez de retirá-la do transportador, como é feito no outro método. A segunda diferença é que a pílula deve estar posicionada nos dedos antes que o pacote de fósforos (ou qualquer outro objeto usado) seja tomado na mão. É aconselhável ter um pequeno recipiente com a ponta aberta para transportar a pílula quando ela estiver no bolso. O uso de um recipiente garante que não haja chance de a pílula ser esmagada ou lascada e, assim, tornar a pílula totalmente inútil ou sem sua força total. O recipiente também evita que a pílula pegue qualquer fiapo, etc., no bolso.

A pílula é inclinada do recipiente para a mão e empurrada para a posição pelo polegar. Essa ação ocorre no bolso do performer. Os dedos então são enrolados para segurar a pílula. Quando a pílula é segurada com firmeza, os fósforos ou outro objeto são tomados pelo polegar e os dois primeiros dedos.

É possível que o leitor ache esse método tão fácil e natural que se pergunte por que o outro método foi sugerido. Segurar o comprimido apenas nos dedos é indicado para uso com os comprimidos maiores. As razões para esta afirmação são: 1. Poucos homens têm mãos com carne tão macia para sentir corretamente uma pequena pílula e ter certeza de que a estão segurando. 2. A umidade natural das mãos é capaz de fazer uma pequena pílula aderir à carne e não ser liberada quando os dedos são abertos. 3. Os dedos devem ser fechados com tanta força para segurar uma pequena pílula que a mão fica visivelmente com cãibras e não é natural.

Uma sugestão adicional de uma maneira secreta de lidar com uma pílula é apresentada apenas porque as circunstâncias em uma situação específica podem torná-la mais adequada. Neste método, a pílula é presa no centro de um lado de uma moeda. Esta moeda é retirada pelo artista do bolso junto com duas ou três outras moedas. A moeda “carregada”, no entanto, ao ser retirada do bolso é segurada entre o polegar e o dedo indicador e as outras moedas são agarradas entre o resto dos dedos e a palma. A moeda carregada é mantida de tal forma que a pílula é mantida longe da vista dos espectadores.



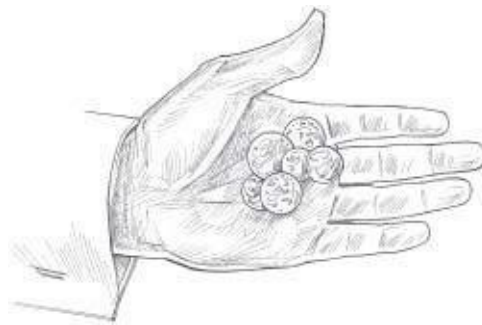
Por baixo da vista da pílula anexada à moeda.

Phil Franke

A moeda carregada é colocada no centro da palma da outra mão (lado do comprimido para baixo) e o restante das moedas cai sobre ela. Devido à forma côncava da palma da mão, a pílula ficará completamente escondida da vista.

O objetivo de tirar as moedas do bolso é, ostensivamente, fazer alguma compra menor, como um maço de cigarros. Deve haver moedas suficientes na mão depois de fazer a compra para que duas ou mais possam ser colocadas na barra ou mesa e ainda assim ter duas do mesmo tamanho na mão. Uma dessas duas moedas é aquela à qual a pílula está presa. Uma dessas moedas é pega em cada mão e segurada, com uma superfície plana voltada para o teto, entre o polegar e o dedo indicador. O segundo dedo da mão que segura a moeda carregada

prontamente e naturalmente esconder a pílula de ser vista de lado, e também está em posição de retirar a pílula.



Phil Franke

As moedas são mantidas na frente do espectador e alguma observação é feita sobre quanto, ou quão pouco, as moedas foram gastas, ou que uma é usada muito mais do que a outra. A observação é irrelevante quanto à substância. Tem apenas que expressar uma razão, aparentemente de interesse ou diversão para o performer, o que torna natural mostrar as moedas. Assim que a observação é feita, a moeda extra é entregue ao espectador ou jogada na mesa ou no bar. De acordo com o que foi dito inicialmente, o performer pede ao espectador que sinta a superfície da moeda, ou seu peso, ou que escute seu “anel”.

À medida que essas coisas são feitas e ditas, a moeda carregada é trazida de volta ao corpo do performer. No movimento a moeda é transportada sobre a bebida do espectador e a pílula é liberada.

Como no caso do papel de fósforos, a moeda à qual a pílula está presa é transportada de lado em uma caixa no bolso do performer. A caixa é feita de modo que a moeda pode ser facilmente retirada.

Embora várias variações tenham sido dadas na mecânica de carregar e descartar a pílula, será evidente que o contexto psicológico para o desempenho não muda. Não há mudança no pensamento por trás das ações do performer, nem na maneira pela qual a mente do espectador é levada a pensamentos separados da ação secreta. O que o performer diz e o que ele manipula pode variar dos tópicos e artigos sugeridos, desde que nenhuma mudança seja feita no padrão psicológico da performance.

Um ponto importante é que esses truques, como acontece com quase tudo que se faz bem, devem ser praticados. Isso não significa repetições incontáveis como um pianista faz ao aprender as escalas. Significa passar lentamente por todos os detalhes do desempenho, tanto física quanto mentalmente, até que a confiança venha para que

não haverá nada estranho nem hesitante em palavras ou ações. Nas primeiras vezes em que a rotina é executada, ela deve ser feita extremamente lentamente, à maneira do movimento em imagens em movimento de ação lenta. Ensaiar lentamente no início garante que nenhum detalhe seja esquecido. Assim que a rotina pode ser feita de forma suave e uniforme, ela pode ser praticada em um ritmo natural. Aprender os detalhes da apresentação praticando lentamente no início reduz materialmente o tempo total de ensaio.

Se uma questão de semanas, ou mais, ocorrer entre os ensaios e a hora do desempenho, é aconselhável executar a rotina antes de tentar. Desde que tenha sido completamente aprendido durante os ensaios originais, não é absolutamente necessário fazer o truque nos ensaios posteriores se a pessoa for capaz de passar mentalmente lentamente por cada detalhe da fala e ação que a performance exige. Se houver alguma hesitação em recordar detalhes, o truque deve ser praticado mais. Esquecer detalhes é mais provável de ser causado por não ter aprendido o truque completamente no começo do que por possuir uma memória defeituosa.

### **III. Manipulação de Pós**

Material solto, de forma salina, só pode ser manuseado quando estiver em algum tipo de recipiente. O container tem que ter três requisitos. 1. O recipiente deve conter com segurança o material solto sem a possibilidade de perda de quantidade. 2. Deve ser construído de forma que o material possa ser liberado instantaneamente. 3. Não deve parecer um recipiente e deve ter algum uso comum que o torne um objeto que qualquer pessoa possa carregar. As instruções do escritor eram para criar truques relacionados ao uso de quantidades de um sólido solto variando do volume de um grão de sal de cozinha a uma colher de chá.

Para simplificar as instruções, todos os truques em que os sólidos em pó são usados são baseados no uso de um lápis como recipiente. Normalmente, os lápis de madeira comuns não são considerados recipientes e, por isso mesmo, não suscitam suspeitas quando usados para escrever da maneira habitual.

Objetos comuns não são passíveis de suspeita, especialmente se o objeto não for novo. Este é um ponto psicológico que se aplica a coisas que um homem normalmente carrega em seus bolsos. O papel-moeda amassado e gasto (a menos que o valor seja tão alto a ponto de ser interessante porque essas notas geralmente não são carregadas) atrai menos atenção do que as notas novas e nítidas. Um centavo novo e brilhante será a única moeda notada em um punhado de moedas gastas e sem graça. Tirar um cigarro de um maço parcialmente usado passará despercebido enquanto tirar um novo maço do bolso pode ser

percebido. Uma nova carteira, relógio, etc. será notado, enquanto as ações relacionadas ao uso de objetos semelhantes, mas antigos, não serão observadas. Portanto, como é necessário que não chame atenção, o lápis “carregado” não deve ser novo. A diferença de aparência entre um lápis velho e um novo é em grande parte uma questão de comprimento. Um lápis de quatro a cinco polegadas de comprimento, aparentemente apontado e afiado, não atrairá atenção. Como na maioria dessas regras, essa regra contra a novidade pode ser exagerada. Um toco de lápis, com apenas uma ou duas polegadas de comprimento, é notado porque é difícil manusear uma ferramenta de escrita tão curta. Uma carteira rasgada e esfarrapada, um maço de cigarros retorcido e amassado, ou qualquer coisa tão obviamente suja que nenhuma pessoa normal carregaria são outros exemplos do exagero da falta de novidade.

Há mais uma exceção à regra acima. Uma pessoa preocupada e desconfiada aceitará mais prontamente um cigarro de um novo maço que acabou de ver comprado do que de um maço parcialmente usado tirado do bolso de alguém. Embora não seja a salvaguarda que a pessoa suspeita assume, é uma daquelas crenças comumente mantidas, como a confiança em um baralho recém-aberto, mencionado anteriormente.

De acordo com a quantidade de sólidos soltos que precisam ser carregados, existem três maneiras de preparar um lápis. Embora não faça muita diferença em dois dos métodos, um lápis redondo, em vez de um hexagonal, é mais fácil de manusear. No terceiro método só pode ser usado um lápis redondo. O lápis deve ser do estilo usual, que tem uma faixa de metal em uma das pontas para segurar uma borracha. Como o desempenho é o mesmo, não importa qual lápis seja usado, primeiro serão dadas descrições das três maneiras de converter um lápis em um recipiente.

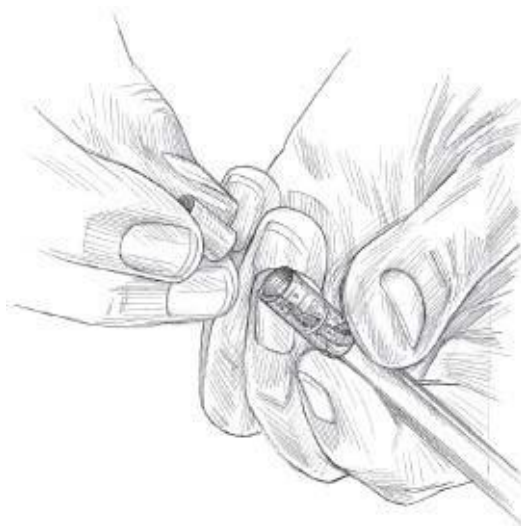
### **1. Recipiente para de um a quinze grãos.**

Será bastante fácil tirar a borracha do tubo de metal. A maioria dos fabricantes de lápis passa a tampa de metal por uma máquina depois que a borracha é inserida. A máquina estampa pequenos pinos de metal na borracha para prendê-la firmemente no metal. Durante a mesma operação, o tubo de metal também é preso à madeira do lápis. Normalmente, a borracha pode ser torcida para fora de seu invólucro de metal para que a borracha permaneça intacta. Às vezes a borracha rasga e parte dela fica dentro da pulseira de metal. No caso de a borracha rasgar ao ser retirada do metal, a borracha restante deve ser escavada completamente. A borracha, se retirada inteira, deve ter um oitavo de polegada cortado na extremidade, de modo que fique de um a três oitavos de polegada menor que seu comprimento original. Se mais que esse valor

de borracha, é aconselhável usar outro lápis. O corte de 2,5 cm da borracha permite espaço dentro da pulseira de metal para uma pequena quantidade de pó quando a borracha é recolocada no lápis. Antes de empurrar a borracha de volta para o tubo, as laterais da borracha devem ser esfregadas levemente com uma lixa muito fina (00 ou 000) para que ela entre facilmente no tubo e ainda seja grande o suficiente para permanecer firmemente no lugar.

## **2. Recipiente para até um centímetro cúbico de um pó.**

Neste caso, a borracha é retirada como antes. Em seguida, o centro do lápis é perfurado a uma profundidade de uma polegada ou mais, dependendo da quantidade de pó a ser usada. Essa perfuração deve ser feita em uma oficina que tenha uma pequena furadeira com um grampo com o qual o lápis possa ser segurado com firmeza. Devido ao grafite ser mais duro do que a madeira do lápis, é quase impossível perfurar o centro de um lápis usando uma furadeira manual. Mesmo com a furadeira adequada, o trabalho de furar tal furo deve ser feito com muito cuidado. A quantidade de pó que tal furo pode conter depende, é claro, do comprimento e do diâmetro do furo. É possível fazer um furo de três dezesseis polegadas em um lápis a uma profundidade de duas polegadas e um furo desse tamanho conterá um centímetro cúbico de um sólido solto de grão fino. A borracha é lixada como no outro caso e usada como rolha para o recipiente. Não é necessário encurtar a borracha, a menos que seja necessário mais espaço para o pó.



A remoção da borracha de um lápis de madeira pode criar uma cavidade secreta para pós.

Phil Franke

### **3. Recipiente para até meia colher de chá de pó.**

Para fazer um recipiente realmente grande com um lápis, é necessário usar um papel colorido esmaltado. Esse papel é vendido para uma variedade de propósitos, como embrulhos de presentes, papel de prateleira e cata-ventos infantis – anos atrás, o nome usual para esse papel era “papel de cata-vento”. Os lápis geralmente são laranja, amarelo, azul, verde ou vermelho e esse papel geralmente é encontrado nessas cores. Para preparar o lápis, a madeira logo abaixo da faixa de metal (que segura a borracha) é cortada para que a faixa fique separada do lápis. A madeira e o grafite restantes no tubo de metal são perfurados. Deve-se tomar cuidado para não perfurar a borracha, que deve ser empurrada intacta para fora do tubo de metal. Isso é feito a partir do interior do tubo. Em seguida, os pinos de metal no interior do tubo são achatados e o metal do tubo é esticado um pouco. Essas coisas são feitas usando uma broca cuja haste é um pouco (mas não maior que um sessenta e quatro de uma polegada) maior que o diâmetro do interior do tubo. A broca é invertida no estoque de broca para que a haste se projete. Como a extremidade da haste da broca é um pouco arredondada, torna-se uma excelente ferramenta para o efeito.

Tendo preparado a banda de metal, o próximo passo é fazer um tubo de papel.

Isso é feito rolando o papel ao redor do lápis firmemente para medir a quantidade exata de papel necessária. Uma marca é feita no papel permitindo um oitavo de polegada de sobreposição. O papel é desenrolado e cuidadosamente cortado de modo a ter bordas retas e verdadeiras. A cola é pincelada ao longo da parte interna do papel, mas apenas na parte que vai se sobrepor. O papel é enrolado firmemente ao redor do lápis e a parte colada pressionada. O papel é mantido no lugar enrolando um fio macio firmemente ao longo de todo o comprimento do papel. O barbante é amarrado e o lápis colocado de lado até que a cola tenha a chance de secar. A maioria das colas usadas em papel endurece em menos de uma hora. A corda então é retirada do papel e o lápis empurrado para fora do tubo.

O lápis é então cortado duas polegadas acima do ponto. Este pedaço de lápis, depois de ter sido levemente escovado com cola da ponta romba até quase o cone, é empurrado para dentro do tubo de papel. O toco de lápis deve ser empurrado para dentro do tubo até que apenas a ponta e o cone fiquem salientes. Medindo quatro e meia

centímetros da ponta do lápis, o tubo de papel deve ser cortado. Essa extremidade deve ser inserida na banda de metal. A cola deve ser pincelada ao redor da extremidade do tubo de papel antes de empurrá-lo para dentro da faixa de metal. A borracha terá que ser esfregada com uma lixa fina para encaixar bem no tubo de metal, que agora está forrado com o papel. Embora a borracha deva entrar facilmente no tubo, ela deve ser grande o suficiente para permanecer e suportar o peso do sólido em pó. A razão para a borracha ser seu comprimento original é dar mais superfície para segurar a borracha com mais firmeza no tubo. A borracha deve ficar no lugar, mas não deve ficar tão apertada que dificulte sua remoção. Este lápis irá armazenar até 2,5 cc de um sólido em pó.

Ver-se-á que cada um dos lápis descritos tem um compartimento secreto e que cada compartimento é tapado com uma borracha. Para cada um desses lápis deve haver uma duplicata na aparência externa e sem os compartimentos secretos. Na verdade, uma duplicata do primeiro lápis descrito (com capacidade para quinze grãos) não é essencial, embora tê-lo possa ajudar a confiança do performer. Cada lápis duplicado deve ter um pequeno entalhe cortado na ponta da madeira perto da ponta do lápis, de modo que, pelo toque, possa ser distinguido do lápis preparado correspondente. Este entalhe deve correr parcialmente ao redor da circunferência do lápis e cortar de forma que pareça ter sido feito acidentalmente quando o lápis foi apontado.

O melhor lugar para carregar os lápis (um preparado e sua duplicata) é no bolso direito, externo do casaco. Nesse bolso os lápis podem ser transportados na posição horizontal. No entanto, quando um casaco não é usado, os lápis podem ser transportados em qualquer bolso que os torne disponíveis instantaneamente. O bolso deve ser grande o suficiente para permitir que o lápis inteiro entre. Se os lápis se projetassem, seria óbvio que dois foram carregados.

Na performance, a rotina é muito parecida com a das pílulas. Novamente, assume-se que a ação ocorre em um bar ou em uma mesa. Mais uma vez, o objetivo é secretamente colocar algo na bebida de um determinado espectador. As respectivas posições de performer e espectador são alteradas quando em um bar. Neste truque o performer fica à direita do espectador.

A melhor maneira de introduzir o lápis (e no início é usado o duplicado) é trazer para a conversa algum assunto que fique mais claro, ou menos confuso, usando um diagrama, por exemplo, as ruas a seguir e as curvas a serem feitas em para ir daqui para lá. Se o performer tem a habilidade de esboçar, os assuntos que podem ser trazidos à tona são ilimitados. Se ele não pode desenhar

imagens reconhecíveis, ele encontrará muitas coisas em conexão com os quais ele pode desenhar diagramas simples.

Embora o performer deva ter um pedaço de papel com ele caso seja necessário, é melhor usar algo para o desenho que é pego no momento. Menus, porta-copos de cerveja, etc. são todos bons para o efeito. Qualquer coisa que possa ser usada prontamente pode ser marcada a lápis e pode ser passada para o espectador. Como sua posição não pode ser alterada, uma toalha de mesa não pode ser usada.

A rotina em sequência é: primeiro, é trazido à tona o assunto sobre o qual o diagrama ou figura pode ser utilizado. É preferível que uma imagem possa ser pensada em conexão com algum assunto que o espectador introduziu. Então o papel, ou o que for, é localizado e o performer o coloca sobre a mesa ou barra em posição de fazer seu esboço. Ele tira o lápis do bolso e faz seu desenho. Se, ao sentar-se à mesa ou ao balcão pela primeira vez, o performer se certificar (pelo toque) das respectivas posições dos dois lápis no bolso, evitará tropeçar ou errar na hora de desenhar.

Durante o desenho, o performer age como se estivesse se concentrando em sua imagem – o que pode muito bem não exigir qualquer atuação. De qualquer forma, durante o desenho, ele não diz nada. Quando o esboço estiver concluído, ele o coloca sobre a mesa ou barra em posição para que o espectador melhor o veja. Ele recoloca o lápis no bolso e deixa a mão permanecer no bolso enquanto começa a descrever os detalhes do esboço. Não é apenas natural, mas muito mais fácil, apontar os detalhes à medida que são mencionados. Assim, o lápis é novamente retirado do bolso e os detalhes do esboço indicados com a ponta do lápis.

“O lápis novamente é tomado” é o que o observador muito próximo acreditará.

Pouquíssimas pessoas notariam que o lápis havia voltado para o bolso. Ninguém suspeitará da existência de um segundo lápis. O lápis é um excelente apontador e seu uso é tão natural que não se pensa em usá-lo dessa maneira. A borracha é deixada no lápis “carregado” enquanto o apontamento está acontecendo.

Uma maneira fácil e natural de segurar o lápis enquanto o usa como ponteiro é entre o primeiro e o segundo dedos enquanto segura um cigarro. Ou seja, o lápis vai em cima do lado do segundo dedo bem na primeira junta, e o primeiro dedo vai no lápis. Existe essa diferença: a ponta do polegar é pressionada contra a borracha na ponta do lápis. O polegar na ponta do lápis será necessário para apontar corretamente com o lápis. Embora no início do uso do lápis como ponteiro, segurar o lápis dessa maneira não seja essencial, é melhor segurá-lo assim, pois mais tarde ele deve ser segurado dessa maneira.

Após dois ou mais detalhes serem indicados com a ponta do lápis, o performer traz as mãos de volta ao corpo e, sem soltar o aperto

o lápis com o primeiro e o segundo dedos, afasta o polegar da borracha. Quando o polegar sai da borracha, o polegar e o primeiro dedo da mão esquerda seguram a borracha. Isso parece ser, como realmente é, uma coisa muito natural de se fazer. Por ser uma coisa tão natural de se fazer, há muito pouca chance de alguém perceber a ação e, mesmo que deva ser observada, não há nada fora do caminho para se ver. O performer deve continuar falando sobre o assunto e olhar diretamente para o rosto do espectador, ou para o esboço, como seria natural na circunstância. Ele não deve olhar para o lápis que segura e, claro, não há razão para fazê-lo.

Enquanto o lápis estiver entre as duas mãos, os lados das mãos devem estar apoiados na mesa ou na barra. Algumas tentativas mostrarão se é mais natural para o leitor torcer a borracha do lápis em um movimento ou afrouxá-la gradualmente. A maioria das pessoas acha o primeiro movimento mais fácil. Seja como for, o lápis deve ser segurado de forma que a ponta fique mais baixa que a borracha. O lápis precisa ser mantido apenas o suficiente fora da horizontal para que o conteúdo não seja perdido. No instante em que a borracha está fora da faixa, o polegar direito volta à sua posição anterior, mas desta vez funciona como uma rolha, além de segurar o lápis com mais firmeza.

Este é um ponto importante: a mão direita se afasta da mão esquerda que segura a borracha. A mão esquerda não se move. Como foi mencionado, o movimento atrai a atenção, e se alguma atenção for dada à ação, ela deve recair sobre a mão direita, sobre a qual nada mudou. O movimento de remoção da borracha é tão pequeno que há pouca probabilidade de alguém notar. Como a borracha é tão pequena, ficará quase, se não totalmente, escondida entre o dedo indicador e o polegar da mão esquerda. Mesmo com a chance de a borracha ser notada, o espectador vai supor que, ao brincar com o lápis, a borracha foi acidentalmente torcida. Não há necessidade de enfatizar esconder a borracha, pois o assunto é de pouca importância. No entanto,

Nesta fase da rotina, o performer novamente estende a mão com o lápis e indica um ponto no esboço. O ponto deve ser aquele sobre o qual uma pergunta pode ser feita. A pergunta, naturalmente, depende do assunto do esboço, mas deve ser um pedido de ajuda. Essa pergunta poderia ser: "Existe uma maneira melhor de ir?" ou "Existe uma maneira mais fácil de fazer isso?" A questão nunca deve, neste momento, ser na forma de parecer duvidar da compreensão do espectador sobre o assunto. À medida que a pergunta é feita, o performer olha diretamente para o rosto do espectador.



Mostrando como o polegar e o primeiro dedo mascaram o recipiente com a borracha removida.

Phil Franke

Ao levantar os olhos, o performer leva a mão direita sobre a boca do copo ou xícara que contém a bebida do espectador. O movimento do braço não deve ser grande, e não será desde que o esboço tenha sido colocado corretamente diante do espectador no início, quando foi colocado pela primeira vez. Assim que o espectador olha para o performer e começa a responder a essa pergunta, o performer, torcendo o pulso, vira a ponta do lápis em direção ao teto. Simultaneamente, ele tira o polegar da ponta aberta do lápis. No instante em que o pó cai do lápis e cai no líquido (o que é praticamente instantâneo e um segundo é mais do que suficiente), o performer sem pressa, e mais casualmente, devolve o lápis ao bolso. No bolso, ele deixa cair o lápis preparado e pega a duplicata. Quando ele tira a mão do bolso, ele “ainda” segura o lápis. Esta mão e o lápis estão apoiados sobre a mesa. Após alguns segundos, o lápis é liberado. Esta última parte da substituição dos lápis não é de grande importância. A única razão sugerida é que, caso queira fazer alterações no esboço ou usar um ponteiro, o espectador pode pegar o lápis sem precisar pedir.

Ter que pedir o lápis chamaria mais atenção para o lápis do que se ele estivesse disponível para pegar. Quanto menos o lápis for considerado, melhor a situação.

Pode vir à mente do leitor que ele teria grande dificuldade em realizar o truque se o espectador pedisse o lápis no ponto em que o pó só é mantido no lápis oco por meio do polegar. Esta situação não ocorrerá desde que o espectador tenha feito a pergunta apropriada. O objetivo da pergunta é fazer o espectador falar; isso é para

responda a pergunta com palavras, não com imagens. Assim que ele começa a falar, o pó é largado e o lápis trocado. Se, ao responder à pergunta, o espectador parece hesitante, ou que pode ser mais fácil para ele usar o diagrama para dar sua resposta, deve-se fazer outra pergunta. Não deve haver nenhuma dificuldade em manter a conversação por este método durante os cinco a dez segundos necessários para largar o pó e embolsar o lápis. Este é um dos casos em que a confiança nas maneiras é da maior importância. Na verdade, confiança ou segurança de maneira é a base real para o truque.

Mesmo sendo novamente culpado de repetição, o escritor deseja enfatizar que cada uma das ações realizadas ao longo da rotina deve ser realizada sem pressa, solavancos ou exageros.

Usando o primeiro e o segundo lápis descritos (com seu conteúdo menor), o truque pode ser feito com sucesso diante de várias pessoas. O conteúdo do terceiro lápis é tão grande que o despejo não pode ser considerado invisível quando mostrado a mais de duas pessoas. Sempre é possível notar a direção da atenção de duas pessoas ao mesmo tempo. Observar simultaneamente o foco de atenção de mais de duas pessoas torna-se mais incerto.

#### **IV. Manipulação de Líquidos**

Um líquido, como um sólido solto, requer um recipiente para ser manuseado. No entanto, um líquido não pode ser mantido em muitos recipientes adequados para conter um pó devido à propensão do líquido a fazer três coisas. 1. Muitos materiais adequados para reter um sólido solto irão absorver um líquido devido à tendência de os líquidos serem sugados pela natureza de algumas substâncias. 2. Como um líquido é contínuo, a pressão atmosférica o manterá em muitas formas de recipientes dos quais um sólido solto será derramado prontamente. 3. Por causa da tensão superficial, um líquido tende a aderir a um sólido e uma porção pode ficar retida no recipiente quando o conteúdo é liberado. Devido a essas qualidades de um líquido, um recipiente adequado deve ser não absorvente e construído de modo que todo o líquido possa ser liberado fácil e rapidamente quando necessário.

Duas das qualidades de um líquido que tornam alguns recipientes inadequados podem ser utilizadas em um recipiente com paredes flexíveis. Não usando nenhuma rolha, devido à tensão superficial e à qualidade contínua, um líquido será retido em um recipiente com uma pequena abertura, independentemente da posição do recipiente. Não ter que manipular uma rolha simplifica o manuseio. Por causa das paredes flexíveis, o líquido será forçado para fora da abertura quando a pressão for exercida sobre o recipiente. Tal recipiente é excelente quando se trabalha com quantidades de um líquido

até 2 cc, mesmo 2 ½ cc Embora o líquido permaneça no recipiente com uma abertura muito maior, o melhor tamanho para fazer a abertura é de um trinta e dois segundos de polegada - o tamanho do eixo de um alfinete comum. O líquido, quando forçado a sair de um buraco desse tamanho, fará um fluxo quase invisível. Mesmo com um fluxo tão pequeno, 2 cc de um líquido podem, sob pressão, ser ejetados rapidamente. Quando apenas pressão suficiente é usada para forçar o líquido através da abertura, não haverá som perceptível quando o fluxo atingir a superfície do líquido ao qual é adicionado. Como nos truques descritos anteriormente com pílulas e sólidos em pó, o objetivo dos truques a serem feitos com líquidos é colocá-los secretamente na bebida de outra pessoa. No entanto, quando uma quantidade muito pequena de um líquido é usada,

Várias idéias são dadas abaixo para truques com uma quantidade de líquido não superior a 2 cc em quantidade e com uma descrição dos recipientes para tal quantidade de líquido. Após o preenchimento desses dados, serão encontradas descrições de recipientes adequados para quantidades de líquido de 2 cc a 10 cc.

Em todos os truques será descrita alguma forma de mascarar a presença do recipiente de líquido. Esses objetos devem ser comuns e o tipo de coisa que seria aceita como natural para um homem carregar em seus bolsos. O primeiro a ser descrito usará um papel de fósforos como tela. Na maioria dos detalhes, a rotina será muito semelhante à descrita anteriormente, na qual fósforos de papel eram usados para transportar uma pílula.

O recipiente para o líquido está escondido dentro do papel de fósforos. A maneira mais fácil de colocar o recipiente no papel de fósforos também facilita o truque. Isso é feito retirando oito fósforos (quatro da primeira fila e quatro da última fila) no lado esquerdo do pacote quando ele é aberto. Depois que os fósforos são arrancados do papelão de base, uma parte dele também é retirada. Isso é feito com a ponta de um canivete. O recipiente é feito de um pedaço de tubo de polietileno. Um tubo de três oitavos de polegada de diâmetro é um tamanho conveniente e o recipiente deve ter duas polegadas de comprimento. A extremidade superior do recipiente é cortada perpendicularmente à parede do tubo. A extremidade inferior é cortada em um ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus. A tubulação de polietileno é muito flexível e pode ser achatada completamente com um alicate. Mantido plano, a tubulação pode ser cortada facilmente com uma tesoura comum. Depois de cortado, e ainda preso com o alicate, o tubo pode ser fundido com a chama de um fósforo. A maneira mais fácil de fazer o recipiente é cortar e selar a extremidade inferior primeiro. Então, trabalhando de dentro, um pino é empurrado no ponto do ângulo. É muito mais fácil colocar o furo corretamente ao trabalhar por dentro. Feito o furo, a parte superior é achatada e selada. Deve-se tomar cuidado para que o É muito mais fácil colocar o furo corretamente ao trabalhar por dentro. Feito o

furo, a parte superior é achatada e selada. Deve-se tomar cuidado para que o É muito mais fácil colocar o furo corretamente ao trabalhar por dentro. Feito o furo, a parte superior é achatada e selada. Deve-se tomar cuidado para que o

topo achatado de acordo com a forma como o fundo é achatado, de modo que ambas as extremidades do recipiente fiquem no mesmo ângulo. O recipiente é colocado no papel de fósforos em um pequeno ângulo para que a ponta (com o furo) na parte inferior sobressaia apenas o suficiente para que o vapor limpe o papel. A dobra inferior do pacote, devido ao grampo, segurará firmemente a extremidade do recipiente. Um pedaço de fita adesiva colado sobre o recipiente e com cada extremidade da fita presa ao pacote garantirá que o recipiente não se mova.

É necessário encher o recipiente antes de colocá-lo no papel de fósforos. Ele é preenchido comprimindo as paredes do recipiente para excluir o ar e colocando a ponta, com o orifício, no líquido antes de liberar a pressão. Um recipiente deste tamanho conterà e liberará prontamente quarenta gotas (2 cc) de líquido.

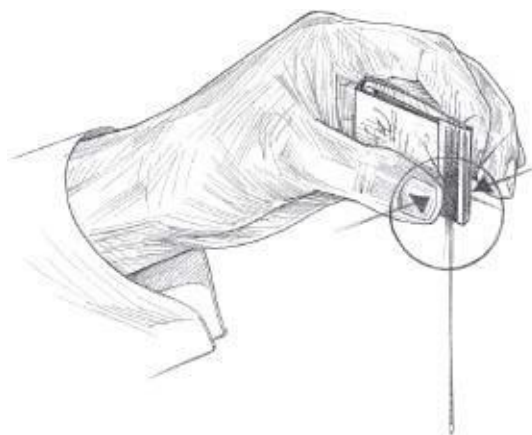
A maneira mais certa de forçar todo o líquido para fora do recipiente é pressionar, soltar e pressionar uma segunda vez. É claro que, ao liberar a pressão, apenas a pressão suficiente é removida para que o tubo possa se expandir e sugar o ar. Pressão suficiente está contida para manter um aperto firme no papel dos fósforos. Provavelmente a melhor forma de segurar o papel dos fósforos de modo a exercer pressão sobre o recipiente é com o polegar na face do pacote e o primeiro e o segundo dedos no verso. A alça está ao longo do lado esquerdo do pacote (onde o recipiente está escondido) e o pacote é segurado de forma que a ponta do recipiente aponte diretamente para baixo.

Como é possível ver o recipiente no lado esquerdo aberto do pacote, deve-se tomar cuidado para nunca virar esse lado para que fique dentro da visão de qualquer espectador. Desde que nenhum espectador esteja atrás do artista, ele pode abrir a tampa da partida da maneira normal e arrancar uma partida. Caso, no momento da manobra, haja um espectador em posição de ver o recipiente quando a tampa for aberta, é aconselhável quebrar, mas não arrancar, um fósforo na extrema direita do o pacote. Será possível tirar esse fósforo do lado do pacote e fazer com que pareça uma coisa natural a fazer.



Maneira de segurar o papel dos fósforos de forma a exercer pressão sobre todo o recipiente e direcionar adequadamente a expulsão do conteúdo.

Phil Franke



Phil Franke

Uma quantidade considerável de experimentos deve ser feita em particular para ver como o papel dos fósforos pode ser melhor manuseado como fósforos, bem como para forçar a saída do líquido. Tais experimentos também são necessários para aprender como apontar o fluxo de líquido com precisão.

Alguns indivíduos podem ficar perturbados porque o recipiente pode ser visto no lado esquerdo aberto do papel de partidas se esse lado estiver voltado para os espectadores. Se isso for um risco mental, é bem possível colocar o recipiente no centro do pacote para que os fósforos o escondam em ambos os lados. Isso é feito removendo o grampo de arame e tirando todos os fósforos. Em seguida, dois grampos são colocados, verticalmente, na aba enquanto os fósforos estão fora. Cada grampo é três oitavos

de uma polegada do lado do pacote. Em cada lado do pacote são colocados seis fósforos (três na frente e três na última fila). Os fósforos são mantidos no lugar por fita adesiva ao redor dos fósforos internos e colados na parte de trás do papel. Neste caso, o fundo do recipiente de polietileno é cortado em cada lado para que haja um ponto central. O buraco está no ponto. Uma pequena ranhura é cortada no fundo do pacote e a ponta do recipiente é empurrada através desta ranhura.

Embora esta segunda maneira de esconder um recipiente em um papel de fósforo permita uma maneira mais aberta de manusear o pacote, aumenta o esforço necessário para forçar a saída do líquido e uma prática preliminar considerável.

De qualquer forma, é absolutamente imprescindível ter um papel duplicado de fósforos, menos um recipiente, e que possa ser trocado pelo pacote preparado.

A rotina de atuação é quase idêntica à do truque feito com o papel de fósforos ao qual está presa uma pílula. A única diferença é que o sachê precisa ficar um pouco mais sobre a boca do copo, pois leva mais tempo para ejetar o líquido do que para soltar a pílula. No entanto, o líquido se misturará instantaneamente com a bebida enquanto pode haver um intervalo até que a pílula se dissolva.

Existem várias outras maneiras como o tubo de polietileno pode ser formado em pequenos recipientes que podem ser facilmente escondidos. As diferentes maneiras de ocultar contêineres exigirão diferentes rotinas para usá-los. Eles também precisarão de histórias diferentes para mascarar seu uso.

Não é necessário que o escritor conceba uma história a ser contada para cobrir a ação de uso de cada recipiente, pois o leitor poderá adequar melhor sua própria história às circunstâncias da atuação. Ele só precisa lembrar que a história tem que ser racional e simples. Histórias elaboradas devem ser evitadas, pois as complicações são o que causa dúvidas. Por “racional” entende-se fazer os detalhes da história concordarem. Por exemplo, um leão não pode ser pego em uma ratoeira, nem uma armadilha de leão é útil para capturar um rato. É bastante razoável pegar um rato em uma ratoeira e um leão em uma armadilha de leão. É necessário que o narrador de uma história esteja ciente de como funciona a ratoeira, ou armadilha do leão, de sua história. Não é essencial para a aceitação da história que ele tenha realmente usado qualquer tipo de armadilha, mas ele deve saber como eles são usados. Em outras palavras, os detalhes da história devem estar corretos, embora a história em si possa ser totalmente falsa. Os caprichos de uma superimaginação serão aceitos como fatos, desde que o narrador da história não dê uma topada verbal e caia porque seus detalhes estavam incorretos. Como isso invariavelmente é verdade, um mentiroso sábio usará o mínimo de detalhes possível e terá certeza da exatidão de cada detalhe que usar.

Uma história descomplicada, por mais distante que esteja da verdade, será

aceitável desde que é dito com convicção. Contar uma história com convicção é apenas uma questão de agir como se a história fosse gospel. A palavra-chave, é claro, é atuar, mas é fácil agir como se alguém acreditasse em uma história se pensou nos detalhes para poder contá-la sem hesitar ou se atrapalhar com uma palavra. Aqui, novamente, a preparação é essencial.

O uso correto e incorreto de detalhes ao contar uma história não factual é um pouco confuso. Se é absolutamente verdade que o grande perigo de contar uma mentira se deve ao uso de detalhes, também é verdade que os detalhes podem dar um grau considerável de plausibilidade a uma história, sempre desde que não sejam tantos que tornem a história difícil de seguir, mas os detalhes devem ser factuais ou incontrovertidos.

Claro, ao fazer um truque, pode não ser necessário desviar-se da verdade e é melhor quando esta é a situação. Pode ser que tudo o que precisa ser dito é se perguntar em voz alta se vai chover – ou parar de chover conforme a situação. Mas a essa altura o leitor deve estar bem familiarizado com a ideia básica de que tudo o que é dito é dito apenas para manter a atenção do espectador longe do que o performer está fazendo. Contanto que o leitor entenda o propósito e o método, ele nunca deve ter dificuldade com as palavras.

Um recipiente com oito ou dez gotas pode ser preso no verso de uma moeda do tamanho de uma moeda. Este recipiente é feito achatando um pedaço de tubo de polietileno e cortando a extremidade de modo a fazer um círculo de 180 graus. Depois que a extremidade redonda foi selada, um orifício é feito na ponta do arco. Em seguida, o tubo é achatado para que a outra extremidade possa ser arredondada e selada. O recipiente acabado deve ser de forma oval e parecido com uma letra maiúscula O comum impressa. Este recipiente é anexado ao centro do verso de uma moeda. Deve ser fixado de forma que o recipiente fique alinhado com o desenho na face da moeda e com o furo no recipiente na parte inferior do desenho. Isso possibilita, olhando para o rosto, saber como segurar a moeda para direcionar corretamente o líquido ao soltá-la.

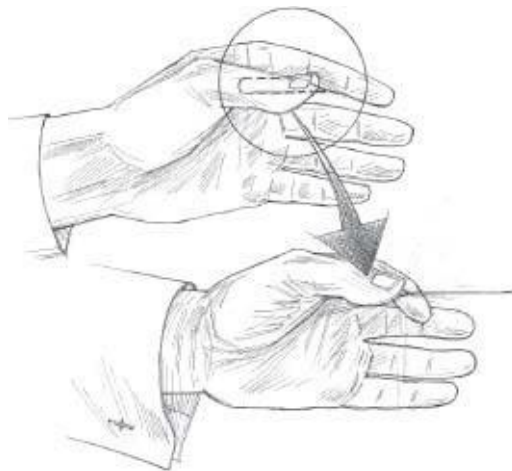
Um recipiente preso a uma moeda pode ser usado sempre que for natural manusear moedas.

Um recipiente adequado para conter de duas a cinco gotas pode ser pequeno o suficiente para ficar escondido entre o dedo indicador e o polegar e sem precisar de nenhum portador. A posição natural para uma mão relaxada é com os dedos curvados em direção à palma e com a ponta do polegar tocando o primeiro dedo. Alguns indivíduos podem não colocar o polegar e o dedo indicador em contato quando estão naturalmente relaxados. No entanto, mesmo essas pessoas descobrirão que o polegar e o indicador quase se encontram e suas mãos ainda parecem naturais quando o polegar e o indicador são tocados. Em tal posição, um pequeno recipiente pode ser mantido

bastante invisível entre a bola do polegar e o lado do dedo indicador. O recipiente é transportado em um bolso lateral do casaco ou da calça até que seja necessário. O recipiente é colocado na posição correta pelos dedos enquanto ainda está no bolso.

O líquido é espremido para fora do recipiente enquanto se faz um gesto em conexão com o que está sendo dito. O que é dito depende da situação e é irrelevante, desde que seja natural gesticular no momento. Nenhuma regra pode ser estabelecida sobre se o recipiente deve ser segurado com a mão direita ou esquerda. A mão que deve ser usada é aquela que o performer acha mais natural para fazer gestos. Obviamente, o recipiente é transportado no bolso do lado da mão que o utilizará.

Os recipientes podem ser de duas formas. Ambos devem ser experimentados pelo performer para descobrir qual se adapta melhor aos seus dedos. Uma forma é circular e tem cerca de meia polegada de diâmetro. Enquanto muitos acharão essa forma a mais prática de usar, ela tem uma desvantagem. Isso é saber a localização exata da abertura. Isso pode ser remediado com um corte ou saliência em frente à abertura. Por toque, o corte ou saliência pode ser localizado e o recipiente colocado na posição correta enquanto a mão ainda está no bolso.



Mostrando como o polegar e o primeiro dedo mascaram o recipiente à medida que ele é espremido.

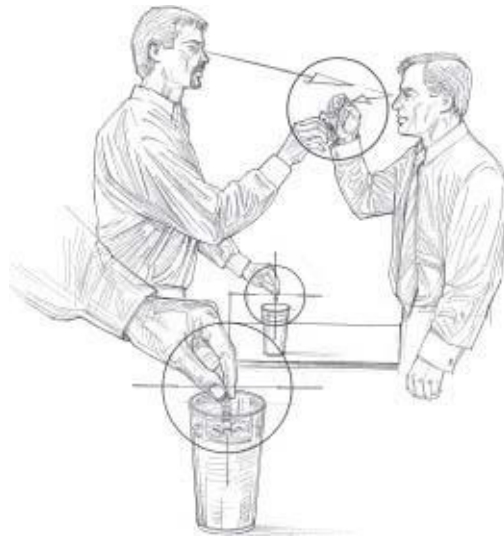
Phil Franke

O outro recipiente é feito em forma de cunha com o topo arredondado. A cunha tem cerca de uma polegada de comprimento e um quarto de polegada de diâmetro em sua parte mais larga.

O furo é feito na ponta da cunha. Com esta forma, o recipiente pode ser recolhido instantaneamente na posição correta.

Com ambos os recipientes, a abertura deve estar voltada para a ponta do

dedão. Isso significa que as costas da mão estão voltadas para o teto no momento em que o líquido é liberado.



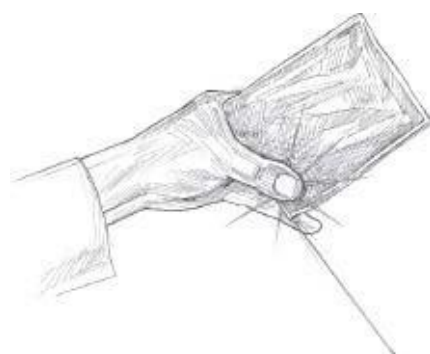
Mão esquerda abaixada para ação enquanto o cigarro é oferecido e o contato visual é ativado.

Phil Franke

Ainda outro recipiente usando o princípio da pressão para liberar o líquido pode ser feito para quantidades de até 5 cc. Quando feito de tubos de três oitavos de polegada, o recipiente terá que ter pelo menos três polegadas e meia de comprimento. Esse recipiente pode ser escondido no bolso de uma carteira (ou carteira) e colocado perto da dobra central. A parte superior do recipiente é cortada em ângulo reto com as paredes laterais e selada. O fundo é cortado em um ângulo que tem sua ponta em uma parede. O buraco é feito neste ponto. No fundo do bolso da carteira é feito um pequeno corte para que a ponta extrema do recipiente possa ser empurrada para baixo através desta fenda. Com um recipiente escondido desta forma, a carteira pode ser aberta e utilizada de forma normal. Quando a carteira é fechada e espremida ao longo da borda da dobra, o líquido será ejetado em um fluxo na parte inferior da carteira. Este método de transportar líquido de tal quantidade tem várias vantagens e, em algumas circunstâncias, uma grande desvantagem. Para ejetar todo o líquido, é necessário apertar e soltar, apertar e soltar o recipiente várias vezes. Isso faz com que a liberação do líquido demore mais do que algumas situações permitem.



Mostrando como o container pode estar escondido em uma carteira.  
Phil Franke



Mostrando como o contêiner é espremidopara descarregar o líquido.  
Phil Franke



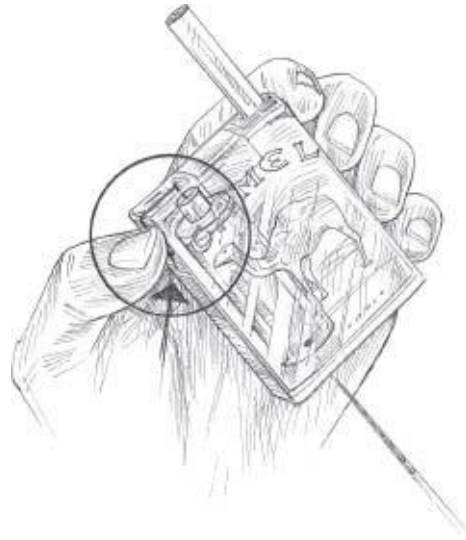
Recipiente rígido mostrando a rolhano topo ao qual o fio está ligado. A rolha fecha a saída de ar superior. O orifício de saída está no centro do fundo do recipiente.  
Phil Franke

Um método muito mais rápido de liberar 3 a 10 cc de um líquido faz uso de um recipiente rígido. As farmácias usam frascos de plástico que são excelentes para esse fim. Este tipo de frasco é redondo e tem um corpo de peça única com três quartos de polegada de diâmetro e duas polegadas de comprimento. A parede externa na parte superior é rebaixada para que um copo de plástico deslize e sele a parte superior. O plástico é fácil de perfurar e, portanto, um frasco de plástico é muito melhor do que um de vidro. No centro do fundo do frasco é feito um furo. O buraco não deve ser menor que um décimo sexto de uma polegada e não maior que três dezesseis avos. Outro furo deve ser feito na parte superior da tampa. Este furo pode ser feito de um oitavo a um quarto de polegada de diâmetro. Uma rolha deve ser cortada para caber no orifício da tampa.

Através deste orifício é forçado um pedaço de fio de linho pesado (ou linha de peixe fina). Um grande nó é feito no fio na parte inferior do furo. O objetivo do nó é evitar que o fio se solte da rolha.

Uma vez que o recipiente foi perfurado e a cortiça encaixada e rosqueada, ele é preenchido com o líquido. Um recipiente deste tamanho conterá 10 cc de líquido. Devido à pressão atmosférica, o líquido permanecerá no recipiente enquanto a rolha estiver colocada na tampa. No instante em que o fio é puxado, a cortiça será retirada e o líquido sairá pelo buraco no fundo.

Para esconder e ainda usar tal recipiente, ele pode ser colocado em um maço de cigarros. Para preparar o maço de cigarros, o lacre na parte superior é cuidadosamente aberto com uma faca. Em seguida, o topo é desdobrado e todos os cigarros removidos. O recipiente é colocado dentro da embalagem, na vertical e em uma das extremidades. Uma marca é feita no fundo da embalagem para coincidir com o furo no fundo do recipiente. O recipiente é removido e um orifício um pouco maior do que o do recipiente é cortado no fundo do maço de cigarros. O recipiente é devolvido ao pacote. Em seguida, é feita uma fenda na parte superior do papel (a continuação da lateral) que se dobra sobre a parte superior da embalagem. Através desta ranhura o fio é passado de forma que fica pendurado ao longo da lateral da embalagem. Tantos cigarros são devolvidos às embalagens quantos forem necessários para preencher o espaço deixado pelo recipiente. Os cigarros não são embalados tão firmemente como quando o maço foi aberto pela primeira vez, mas apertados o suficiente para parecer que apenas um cigarro foi removido. Em seguida, o papel na parte superior da embalagem é dobrado novamente e o selo recolocado no lugar. Depois que a cola tiver a chance de secar, uma parte do topo (no final com os cigarros) é arrancada.



Mostrando como o contêiner está oculto no pacotede cigarros. A miniatura puxa o nó na extremidade exposta da linha para soltar a rolha. O furo é feito no fundo do maço de cigarros para corresponder ao furo no recipiente.

Phil Franke

A embalagem deve agora parecer uma que foi aberta e um cigarro removido. O fio é amarrado de modo a formar um grande nó bem na borda do topo. Depois que o furo for feito, qualquer linha excedente deve ser cortada. Ao pegar este nó com a unha do primeiro dedo, o fio pode ser puxado para baixo na lateral da embalagem. Fazer isso puxa a rolha e libera o líquido, que escorrerá pelo orifício no fundo da embalagem. Na hora de puxar o fio, é melhor segurar o maço de cigarros com o polegar do lado do maço e o segundo, terceiro e dedinho do outro lado. Um maço preparado desta maneira pode ser estendido para que um espectador possa pegar um cigarro.

Ao preparar a rotina e a história que a acompanha para uso com este contêiner, deve-se ter em mente que levará um segundo e um quarto para que 5 cc saiam por um orifício de um oitavo de polegada e o dobro desse tempo para liberar 10 cc. Um orifício maior acelerará a liberação do líquido, mas mais som será ouvido à medida que o fluxo maior atingir a superfície da bebida.

O recipiente que acabamos de descrever libera seu conteúdo líquido por gravidade e não por força. De muitas maneiras, essa liberação é a mais confiável. Pode ser usado em muitas outras formas. Por exemplo, pode ser usado em um recipiente disfarçado de cigarro. O orifício de ventilação arrolhado está de um lado na parte superior do recipiente. O cigarro é composto pelo recipiente embrulhado em papel de cigarro e encimado por um pequeno pedaço de um cigarro real. A rolha pode ser mantida fora da vista facilmente e

com a mesma facilidade. Esta é apenas uma das inúmeras maneiras de esconder recipientes de líquidos feitos para liberação por gravidade. Eles podem estar escondidos em quase tudo que pode ser carregado no bolso.



Mostrando como a miniatura pode remover a rolha do respiradouro do recipiente no cigarro.

Phil Franke

A liberação da gravidade é aproximadamente tão rápida quanto a liberação de pressão e é menos barulhenta. Além disso, requer menos manipulação. No entanto, em quantidades muito pequenas de líquido - ou seja, dez gotas ou menos - a liberação de pressão é mais satisfatória. O método indicado para um determinado artista depende muito do que ele pode usar com mais confiança e facilidade.

## **V. Remoção Sub-reptícia de Objetos**

As páginas anteriores vêm detalhando a realização de vários truques em que o performer acrescenta secretamente algo ao que se sabe estar presente, e sem que o espectador, ou espectadores, estejam cientes de qualquer adição. Nas páginas seguintes serão detalhados os truques em que as ações secretas do performer são as de subtração ao invés de adição. Parece que tudo o que precisa ser feito seria reverter as regras para abaixar e conhecer as regras para pegar. Provavelmente isso geralmente seria verdade em eventos normais, mas não é

verdade na execução de um truque. A trapaça só pode ser realizada quando o normal é contornado. As dificuldades de atuação são causadas pelo malandro ter que fazer atos inusitados enquanto aparentemente, em suas ações, ele não se desviou de forma alguma do normal. Como já foi apontado, o sucesso de um truque é em grande parte devido à maneira do executante.

Colocar secretamente seu relógio no bolso de outra pessoa é, tecnicamente, apenas um pouco mais fácil do que secretamente tirar um relógio do bolso de outra pessoa. No entanto, o primeiro ato tem poucos riscos mentais e no segundo são múltiplos. Em parte, isso se deve a advertências desde a infância sobre o erro de tomar a propriedade de outra pessoa. Em parte, deve-se à constatação de ter em sua posse a prova tangível do ato. Não só é mais abençoado dar do que receber, mas é muito mais fácil ser indiferente a isso.

A ação de pegar algo secretamente tem quatro perigos. A primeira é pegar o objeto sem ser observado. A segunda é guardar o objeto sem chamar a atenção. A terceira é tentar evitar que alguém perceba imediatamente que algo está faltando. Quando, no entanto, essas três coisas foram realizadas com sucesso, o performer precisa ter pouco medo do quarto perigo - o de ser procurado e, por causa da presença do objeto, descoberto.

Obtendo o objeto e secretandosão feitas simultaneamente na maioria dos casos.

Além disso, eles são feitos sob a cobertura psicológica. No entanto, porque com objetos diferentes, técnicas variadas e combinações de técnicas são necessárias, pois os objetos variam em tamanho, forma e peso, os métodos de coleta e secreção devem ser estudados separadamente.

O primeiro ponto em pegar um objeto secretamente é tornar a tarefa o mais fácil possível. Portanto, o performer deve chegar o mais próximo possível do objeto.

Isso não significa apenas que é necessário menos movimento do braço para alcançar o objeto, mas possibilita o uso do corpo como tela. Para tornar natural estar perto do objeto a ser apanhado, o performer deve ter o hábito de ficar perto do que quer que esteja olhando ou da pessoa com quem está falando. Sem tentar de forma alguma dar o efeito com os olhos, ele deve agir como um míope, ou seja, como se estivesse mais à vontade estando de perto.

Tendo arranjado para estar em uma posição facilmente para pegar o objeto, o próximo ponto é quando pegá-lo. Aqui, novamente, como em todos os outros truques, o timing adequado é de extrema importância. E por “tempo” entende-se quando a ação deve ser feita e não a velocidade da ação.

O momento adequado inclui a consideração de ações preparatórias. As “ações preparatórias” são de dois tipos. Uma é a ação sem sentido que fará com que o

espectador a ignorá-lo quando é feito com um propósito. Por exemplo, o homem que leva as mãos nos bolsos do casaco sempre que não as está usando não atrairá atenção quando as recoloca nos bolsos no momento em que tem na mão um artigo que deseja colocar no bolso. Claro, entende-se que o artigo é aquele que ele pode segurar escondido em sua mão fechada para que não seja visto. A outra ação preparatória é a de fazer parte de um movimento abertamente para diminuir a quantidade de movimento que deve ser feito secretamente. Por exemplo, um homem deseja tirar sua carteira do bolso interno direito do casaco sem ser visto fazendo isso. A ação preparatória seria agarrar as lapelas de seu casaco. Os dedos se dobravam e iam para dentro do casaco, enquanto as palmas das mãos ficavam contra a superfície das lapelas um pouco mais altas que o topo do bolso. É evidente que em tal posição o homem estaria instantaneamente pronto para segurar o casaco com a mão direita para que o bolso fosse fácil de entrar. Também é óbvio que a mão esquerda teria muito pouca distância para percorrer para chegar ao bolso. Segurar as lapelas dessa maneira é um gesto normal e não chama a atenção. E, no entanto, não apenas vários pés de movimento para a mão esquerda foram realizados abertamente, mas a mão direita está em posição de facilitar a operação secreta quando ela precisa ser feita. É evidente que em tal posição o homem estaria instantaneamente pronto para segurar o casaco com a mão direita para que o bolso fosse fácil de entrar. Também é óbvio que a mão esquerda teria muito pouca distância para percorrer para chegar ao bolso. Segurar as lapelas dessa maneira é um gesto normal e não chama a atenção. E, no entanto, não apenas vários pés de movimento para a mão esquerda foram realizados abertamente, mas a mão direita está em posição de facilitar a operação secreta quando ela precisa ser feita.

Aproximar-se do que deve ser apanhado secretamente é uma ação preparatória.

Ficar em pé de forma que o corpo fique virado para facilitar e encurtar o movimento é outra. Ao planejar qualquer truque, todo o pensamento sobre a possibilidade de ações preparatórias é bem gasto. Não considerar e aprender tais ações prejudica o executor grande e desnecessariamente.

Antes de entrar em como pegar um objeto secretamente e guardá-lo, é bom estudar as possibilidades de onde o objeto deve ser escondido. Qualquer homem naturalmente pensaria primeiro, e corretamente, em seus bolsos. No

casaco e nas calças usuais, um homem tem nove bolsos e, se usa colete, tem quatro bolsos adicionais. Nem todos os treze bolsos podem ser facilmente usados. O bolso do relógio e os dois bolsos do quadril nas calças são difíceis de entrar rapidamente e os movimentos de fazê-lo são desajeitados. Os bolsos superiores do colete também são inadequados para qualquer objeto que não seja muito plano. Os bolsos laterais do casaco, por uma protuberância reveladora, revelarão a presença de qualquer objeto volumoso. E a ação de colocar qualquer coisa nos bolsos laterais do casaco ou nos bolsos laterais das calças faz com que os cotovelos fiquem para trás das costas do corpo.

O bolso interno do casaco pode ser usado para muitos objetos e de forma bastante indetectável.

O bolso externo do casaco geralmente é fácil de usar. Ambos os bolsos podem ser usados sem tirar os cotovelos de sua posição normal. Ambos

podem ser mantidos abertos para facilitar a colocação de algo dentro deles, enfiando um lenço até o fundo do bolso. Os bolsos inferiores do colete são bons para uso com objetos bem pequenos, pois também podem ser alcançados com pouco movimento.

Primeiro será considerado o uso dos bolsos regulares. Posteriormente serão mencionadas outras formas de ocultar objetos sobre a pessoa.

Para delinear uma rotina que dará o padrão básico para tomar algo secretamente, vamos considerar uma situação suposta. A localidade é uma fábrica. O objeto desejado é de metal e do tamanho e peso aproximado de um isqueiro e é um de vários números em uma bancada de trabalho. O trapaceiro é um visitante sendo mostrado pela fábrica por um membro da equipe.

Em primeiro lugar, se for possível fazê-lo, o visitante deve demonstrar muito mais interesse pelo modo como a fábrica funciona do que pelo que está sendo feito – aparentemente seu interesse está nas máquinas e não no produto. Essa atitude permite que todos os tipos de perguntas inócuas sejam feitas sobre o eixo aéreo, ou a maneira como uma máquina é aparafusada ao piso ou a relação de transmissão, ou o comprimento total das máquinas e perguntas semelhantes. Tais perguntas naturalmente fazem tanto o guia quanto o visitante olharem para cima em um momento, para baixo ou para os lados em outro. Quanto mais os olhos de uma pessoa puderem ser direcionados em várias direções, maior será a facilidade com que as coisas podem ser feitas sem atrair atenção.

Nem todo interesse deve ser demonstrado nas ferramentas de fabricação. Algum interesse também deve ser demonstrado no produto, mas apenas no que se refere à fabricação. Por exemplo, uma pergunta como “esta peça é feita de uma haste de aço de uma polegada, não é?” permite que a peça seja retirada, embora o interesse seja direcionado para a fabricação e não para o produto.

A suposição agora é que, depois de vários passos no progresso da fabricação terem sido mostrados, o guia e o visitante chegaram ao banco sobre o qual estão vários exemplos do objeto do qual um deve ser retirado. O objeto é apanhado com a mão esquerda como alguma questão de método (nenhum interesse deve ser mostrado no objeto) é perguntado. A resposta deve ser ouvida com todas as indicações de interesse enquanto, ao mesmo tempo, o objeto é recolocado no banco. Observe que ele é colocado de volta no banco, mas os dedos ainda mantêm a aderência.

No instante em que a resposta é dada - permitindonão espere – uma pergunta deve ser feita sobre a máquina – “naquela extremidade” – “essas engrenagens acima” – ao mesmo tempo apontando com a mão direita para o ponto mencionado. Conforme os olhos do guia vão na direção indicada, a mão esquerda pega o objeto e o coloca no bolso.

O bolso usado depende da situação exata. Se ninguém está de pé para

à esquerda do performer e o guia está à sua direita, o trickster pode usar a calça esquerda ou o bolso externo do casaco esquerdo. Se ele puder ser observado fazendo isso, ele pode descobrir que o bolso interno direito do casaco pode ser alcançado com um movimento menos óbvio.

Se for usado o bolso da calça ou do casaco lateral, seria bom colocar a mão direita no bolso correspondente e deixar ambas as mãos nos bolsos momentaneamente. A razão é que quando ambas as mãos são colocadas nos bolsos, a ação se torna uma de descansar as mãos e não atrai a atenção. As mãos devem ir para bolsos opostos; ou seja, são usados os dois bolsos das calças, ou os dois bolsos laterais do casaco, mas nunca um bolso da calça e um bolso do casaco. Este fato é importante sempre que for necessário entrar em um bolso. O uso simultâneo de bolsos opostos não atrai a atenção.

Se o objeto é colocado no bolso interno do casaco e o performer sente que a ação não foi observada, ele não precisa fazer mais nada. Se ele sente que há a menor chance de que tenha sido notado, ele traz um lápis que havia sido preso na borda do bolso. Ele usa o lápis para desenhar, fazer anotações ou apenas como ponteiro. Claro, ele deve estar preparado para esta situação tendo um lápis no bolso antes de ir para a fábrica. No entanto, este é o tipo de detalhe que nunca incomoda a pessoa capaz de avançar.

De acordo com o esquema acima, deveria ter sido possível para o trapaceiro ter embolsado um objeto sem que ninguém tivesse observado a ação. Mas isso só poderia ser verdade desde que houvesse tantos objetos idênticos na bancada que um a menos não seria perceptível. Seria bastante evidente, se houvesse apenas três desses objetos no banco quando o visitante chegasse, que apenas dois permaneceriam quando o visitante saísse. Ou seja, seria evidente para um trabalhador em pé em seu banco, embora o guia não tivesse contado o número duas vezes. Se fosse possível mover os outros objetos para posições alteradas, e havia cinco, ou mais, para começar, mesmo o operário de bancada não notaria a ausência de um. As pessoas parecem incapazes de estar cientes de números acima de quatro, exceto quando especificamente obrigados a contar. Por outro lado, por causa da maneira, às vezes, como os objetos são dispostos, quando um dos números é tirado, o padrão é quebrado e a ausência do objeto é notada. Na situação em que há um arranjo uniformemente espaçado de objetos removidos, é possível remover um objeto e, variando o espaçamento de vários dos objetos restantes, alterar o padrão para que pareça ininterrupto. Esse rearranjo de padrão não pode ser feito instantaneamente, embora geralmente possa ser feito muito rapidamente. Por exemplo, foram o padrão é possível remover um objeto e variar o espaçamento de vários dos objetos restantes para alterar o padrão para que pareça ininterrupto. Esse rearranjo de padrão não pode ser feito instantaneamente, embora geralmente possa ser feito muito rapidamente. Por exemplo, foram o padrão é possível remover um objeto e variar o espaçamento

de vários dos objetos restantes para alterar o padrão para que pareça ininterrupto. Esse rearranjo de padrão não pode ser feito instantaneamente, embora geralmente possa ser feito muito rapidamente. Por exemplo, foram o padrão

OOOOO

AXB

O OO O

seria muito evidente se o objeto X fosse retirado. Mas se os objetos A e B fossem movidos respectivamente para a direita e para a esquerda, o espaçamento novamente sendo uniforme e regular, a ausência do objeto X não seria perceptível.

Se as condições fossem tais que o performer estivesse sozinho com o guia e houvesse uma pilha ou caixa cheia de pequenos objetos idênticos, a tarefa de segurar um fica mais fácil. Em tal situação, não há necessidade de considerar uma ação sendo vista por outra pessoa, nem de haver uma chance de alguém notar uma redução na quantidade de objetos. Nessas condições, a rotina seria ou pegar o objeto enquanto a atenção do guia estava distraída ou esperar até que o guia se virasse para chamar a atenção para outra parte da loja. Neste último caso, o performer deve ficar o mais próximo possível do guia e usar seu corpo como escudo entre o guia e o objeto a ser apanhado. Isso requer primeiro, ficar perto do objeto para que possa ser facilmente alcançado, segundo, em pé de forma que seu corpo fique entre o objeto e o guia, e terceiro, com uma mão e um braço completamente livres para tocar o guia. Embora anteriormente tenha sido observado que, em geral, é desaconselhável tocar em outra pessoa, em alguns casos, uma exceção parcial pode ser feita. A outra pessoa pode ser tocada desde que pareça acidental. Ficar de pé e caminhar perto do guia torna perfeitamente natural parecer estranho. O braço é estendido e toca o guia ostensivamente apenas para não bater nele. Tal gesto permite, na verdade, girar o corpo do guia para que ele não tenha condições de ver o objeto apanhado, e mesmo que não seja possível girar o corpo do guia, o ato de desequilibrá-lo o impede de pensar no que performer está fazendo com a outra mão. tendo uma mão e um braço completamente livres para tocar a guia. Embora anteriormente tenha sido observado que, em geral, é desaconselhável tocar em outra pessoa, em alguns casos, uma exceção parcial pode ser feita. A outra pessoa pode ser tocada

desde que pareça acidental. Ficar de pé e caminhar perto do guia torna perfeitamente natural parecer estranho. O braço é estendido e toca o guia ostensivamente apenas para não bater nele. Tal gesto permite, na verdade, girar o corpo do guia para que ele não tenha condições de ver o objeto apanhado, e mesmo que não seja possível girar o corpo do guia, o ato de desequilibrá-lo o impede de pensar no que performer está fazendo com a outra mão. em alguns casos, uma exceção parcial pode ser feita. A outra pessoa pode ser tocada desde que pareça acidental. Ficar de pé e caminhar perto do guia torna perfeitamente natural parecer estranho. O braço é estendido e toca o guia ostensivamente apenas para não bater nele. Tal gesto permite, na verdade, girar o corpo do guia para que ele não tenha condições de ver o objeto apanhado, e mesmo que não seja possível girar o corpo do guia, o ato de desequilibrá-lo o impede de pensar no que performer está fazendo com a outra mão. em alguns casos, uma exceção parcial pode ser feita. A outra pessoa pode ser tocada desde que pareça acidental. Ficar de pé e caminhar perto do guia torna perfeitamente natural parecer estranho. O braço é estendido e toca o guia ostensivamente apenas para não bater nele. Tal gesto permite, na verdade, girar o corpo do guia para que ele não tenha condições de ver o objeto apanhado, e mesmo que não seja possível girar o corpo do guia, o ato de desequilibrá-lo o impede de pensar no que performer está fazendo com a outra mão. O braço é estendido e toca o guia ostensivamente apenas para não bater nele. Tal gesto permite, na verdade, girar o corpo do guia para que ele não tenha condições de ver o objeto apanhado, e mesmo que não seja possível girar o corpo do guia, o ato de desequilibrá-lo o impede de pensar no que performer está fazendo com a outra mão.

Nessa situação, uma vez que o objeto é apanhado, o performer coloca a mão no bolso – aquele mais próximo da posição da mão no momento, que seria o bolso lateral da calça ou do casaco. Se tiver certeza de que a ação de embolsar não foi testemunhada, o executor pode retirar a mão. Caso contrário, no momento em que ele estiver livre para fazê-lo, a outra mão também deve ser colocada no bolso.

Ainda outra situação supõe que uma variedade de objetos seja colocada em um banco, prateleira ou balcão. Nessa suposição, seria natural que o performer manuseasse os objetos. Nesse caso, torna-se possível tomar um dos objetos por um processo de confusão. A confusão é provocada inteiramente

através da sequência da rotina e do timing das ações. Esta rotina pode ser feita com apenas quatro objetos diferentes, embora se torne mais fácil quando há mais, como será visto pela experimentação, uma vez que a rotina com quatro objetos é memorizada e praticada. Por uma questão de clareza, chamaremos os objetos de A, B, C e D. O objeto C é aquele que o performer deseja pegar. As etapas da rotina serão numeradas.

1. O objeto A é apanhado com os dedos da mão esquerda. Ele é mantido na altura do peito para melhor vê-lo. Depois de um momento de exame, ela é pega pelos dedos da mão direita, virada (usando a mão direita) e novamente pelos dedos da mão esquerda. A mão direita volta à sua posição normal.
2. A mão direita pega o objeto C e, à medida que a mão direita está sendo levantada, a mão esquerda substitui A. O objeto C recebe um exame mais curto do que o A.
3. A mão esquerda pega B enquanto a mão direita desce com C. Aqui está o ponto crucial. À medida que a mão direita se move para “substituir” C, o objeto é movido nos dedos para que possa ser segurado entre a palma e o segundo, terceiro e mindinho. Mantidos assim, o polegar e o primeiro dedo ficam livres.
4. O objeto B parece ser de pouco interesse e é colocado no chão quase assim que é apanhado. A duração do exame é determinada pelo tempo que leva para pegar o objeto D com o polegar e o indicador da mão direita. No instante em que D é agarrado, a mão esquerda substitui B. A mão esquerda se move mais rapidamente ao colocar B do que a mão direita ao trazer D para exame.
5. O mais rápido possível, mas sem solavancos ou exibição aparente de velocidade, a mão esquerda se aproxima da mão direita e segura D. Quando a mão esquerda segura D com firmeza, a mão direita cai para o lado. Assim que a mão direita fica imóvel, a mão esquerda substitui D.
6. Ambas as mãos são colocadas em seus respectivos bolsos laterais - casaco ou calça, o que for mais natural. O objeto C, é claro, vai para o bolso direito com a mão.

Mesmo a essa distância, o escritor pode ouvir o leitor dizer: “Mas isso é prestidigitação?” E tecnicamente o leitor está correto. Mas todo o escritor sempre

prometido é que o leitor nunca seria solicitado a fazer qualquer ato manual que não fizesse regularmente. Ele muitas vezes guarda alguns de seus trocos da maneira descrita quando coloca uma moeda em um balcão. A diferença é apenas mental, pois ele tem outras moedas na mão. Mas ele não precisa se preocupar com o truque para a complicação da rotina de “pegar – largar” e sua confusão resultante para um observador esconderá a ação. Na verdade, a rotina é tão confusa que o performer é capaz de se surpreender, desde que tenha praticado até que possa realizá-la sem hesitação, quando encontra o objeto em seu bolso.

Para revisar a base para pegar um objeto sem ser visto fazendo isso: 1. Quando nenhum espectador está olhando por motivos próprios ou usando uma rotina que direciona a atenção para outro lugar. 2. Usando o corpo como tela. 3. Usando uma rotina que mascara a ação pela confusão.

Além dos bolsos usuais de um terno comum, existem dois bolsos especiais que podem ser de grande utilidade e possuem vantagens que os bolsos usuais não possuem. Ambos devem ser maiores que os bolsos comuns, ou seja, de maior capacidade. Ambos podem ser usados com menos movimento do braço do que o necessário para os bolsos usuais. Sendo incomum, a existência de nenhum bolso é suspeita.

Em primeiro lugar será descrita a construção das bolsas e depois a forma como são utilizadas.

Um bolso é feito para entrar na frente das calças. A boca do bolso tem cerca de doze polegadas de largura. O bolso é tão profundo quanto a distância do cós da calça até a virilha. O fundo do bolso é arredondado de forma côncava, ou seja, é mais profundo nos cantos (que vão para as pernas da calça) do que no centro. Uma bainha de meia a três quartos de polegada de profundidade é feita em ambos os lados da parte superior. Uma fita longa o suficiente para dar a volta ao corpo do artista e amarrar é passada pela bainha de um lado. Um espartilho de aço largo é passado pela bainha do outro lado e costurado no lugar. A razão para o aço é que ele mantém o bolso reto e, sendo flexível, se curva para se ajustar ao corpo. O lado com o aço é fixado (com alfinetes) na parte interna do cós da calça. Um método alternativo e melhor é costurar quatro botões no cós das calças e fazer as casas de botão correspondentes na parte superior da bolsa. Neste caso, as casas de botão são colocadas horizontalmente na bolsa e acima do aço. A fita é amarrada firmemente ao redor do corpo e, assim, mantém o outro lado da bolsa firmemente contra o corpo. Este bolso pode ser usado quando um casaco é ou não usado, mas não pode ser usado quando um colete é usado.



Despejar objeto na calçabolso. Observe como a mão esquerda segura o cós da calça longe do corpo.

Phil Franke

O outro bolso está localizado sob o braço esquerdo dentro do casaco. Este bolso também tem uma boca larga que é fixada em ambos os lados. No entanto, neste bolso a boca é vertical. O bolso tem a forma triangular como um pedaço de torta com a boca do bolso onde a crosta lateral da torta estaria. Este bolso também pode ser abotoado ou preso por alfinetes de segurança. A boca do bolso é presa ao casaco de um lado e ao colete ou camisa do outro lado. A ponta do triângulo também está presa ao casaco.



Jogando o objeto no bolso dentro do casaco. Observe como a mão esquerda segura o casaco longe do corpo para que a boca do bolso fique aberta.

Phil Franke

Ficará claro que se as calças forem puxadas para longe do corpo com um bolso, ou o casaco puxado para longe do corpo com o outro, o bolso será aberto. Enquanto uma mão puxa a calça, a outra despeja o objeto a ser escondido nela. A razão para o padrão côncavo do fundo do bolso é que o objeto colocado no bolso vai parar na perna da calça, onde há mais espaço para ele.

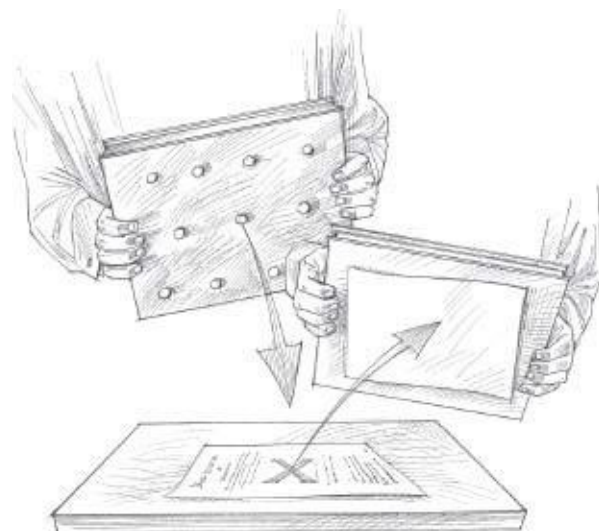
Da mesma forma, ficará claro que o outro bolso será mantido aberto quando o casaco for puxado para longe do corpo com a mão esquerda. Isso faz com que seja apenas uma questão de jogar o objeto dentro do casaco para que ele entre no bolso. Embora o termo arremesso seja usado, ele pretende significar apenas um pequeno movimento do pulso que não causa movimento no braço ou no corpo.

Até agora, todas as notas foram sobre pegar secretamente um pequeno artigo de três dimensões apreciáveis e ter algum peso. Embora alguns dos métodos mencionados também sejam adequados para pegar uma carta dentro de um envelope de tamanho comum e, às vezes, até mesmo um envelope de tamanho ofício, existem métodos melhores para pegar um pedaço de papel plano.

Um desses métodos pode ser usado desde que seja irrelevante como o papel pode ser dobrado, desde que seja embolsado. A principal dificuldade em dobrar papel é que a ação é barulhenta. O papel dobrável tem um som de estalo distinto e carregado.

Um papel tamanho carta deve ser amassado ou dobrado para ficar do tamanho de um bolso. Amassar papel faz muito mais barulho do que dobrá-lo. No entanto, amassar é de longe o método mais rápido de reduzir seu tamanho. Desde que haja ruído suficiente quando a ação ocorre, como em uma fábrica, o amassamento do papel pode ser indicado. Claro, uma vez que um papel é amassado, ele nunca pode ser achatado para ficar como estava em seu estado original. A menos que o papel seja devolvido, esse fato não tem importância.

Provavelmente, a maneira mais fácil de pegar um papel de uma mesa ou outra superfície plana é usando um livro. “Livro” significa qualquer coisa que tenha várias páginas e inclua uma revista, bloco de anotações ou jornal. Se for um jornal, deve ser dobrado uma ou duas vezes a mais de acordo com seu tamanho, pois isso não apenas torna o manuseio mais fácil, mas aumenta sua rigidez.



Mostrando como pinceladas de cera em uma superfície rígida pegam o papel.

Phil Franke

Na parte de trás do livro (ou outro objeto de papel) são pressionadas várias pinceladas de uma cera especial. Parece ao escritor que neste ponto deste artigo deve ser totalmente desnecessário mencionar que a cera é afixada antes do encontro e na solidão. As pinceladas de cera são colocadas no livro no padrão das manchas em um dez de ouros em um baralho de cartas. Este padrão garantirá a coleta de qualquer tamanho de papel.

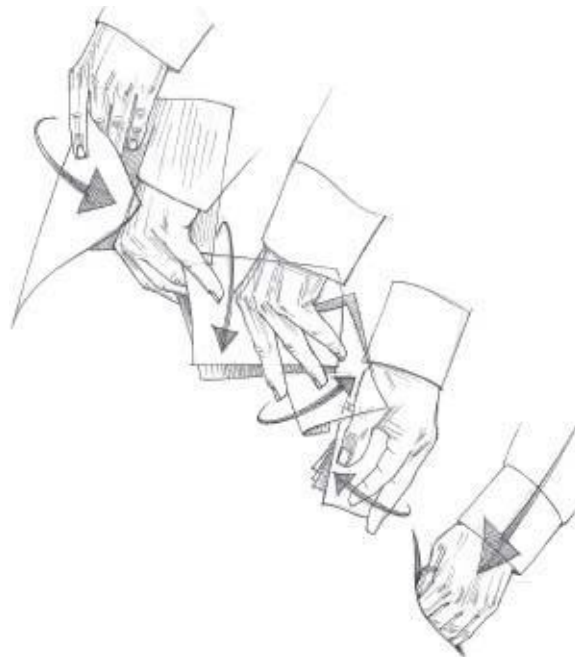
O livro é colocado no papel a ser apropriado e pressionado. A cera irá aderir ao papel e o papel será retirado com o livro quando for recolhido. Tudo o que precisa ser feito é lembrar de carregar o livro de forma que o lado com o papel fique voltado para o chão ou contra o corpo do performer. A cera especial pode ser obtida da mesma fonte que lhe deu este papel.

Uma palavra é adicionada sobre dobrar papel secretamente. É quase impossível dar detalhes completos por escrito, mas se o leitor pegar um pedaço de papel enquanto lê as instruções abaixo, ele não achará difícil de entender.

Primeiro, antes de dar o método, deve-se notar que para dobrar o papel secretamente, deve ser feito com uma mão. Segurar um papel em uma mão no ar torna quase impossível dobrá-lo. Mas não só não é necessário segurar o papel longe do corpo, como não deve ser feito assim, pois o primeiro objetivo é esconder o papel.

Agora, tendo o papel, talvez na mão esquerda que o pegou da mesa, traga-o contra o lado da coxa. Com os dedos da mão será

foi possível dobrar o papel e pode ser dobrado pressionando o papel contra a coxa. Feita essa dobra, segue-se o mesmo procedimento para fazer uma terceira. Com três dobras, o papel tem apenas um oitavo do tamanho original. Torna-se um décimo sexto do tamanho original com uma quarta dobra - um tamanho certamente pequeno o suficiente para ser guardado no bolso, mesmo que o papel original seja extra grande e o bolso extraordinariamente pequeno. Sugeriu-se que o leitor experimentasse as sugestões acima. Ele achará muito mais fácil de fazer do que imagina. O fato de a dobra ser feita contra a coxa tem a vantagem adicional de que a dobra pode ser feita dessa maneira com menos ruído do que em qualquer outra. Nenhuma tentativa deve ser feita para ter dobras uniformes ou vincos apertados, pois nenhum deles tem importância.



Mostrando etapas sucessivas de dobrar uma grande folha de papel de modo a torná-la pequena o suficiente para se esconder na mão. As ilustrações mostram a maneira como o papel é dobrado com uma mão pressionando a coxa.

Phil Franke

A ação de dobrar o papel, conforme as circunstâncias, é ocultada pela mesa em que o performer está sentado, ou por ele virar o corpo se estiver de pé.

Resumindo os métodos para pegar algo secretamente, eles dependem de esconder a ação pela direção da atenção do espectador, uma tela física,

julgar o momento em que nenhuma atenção será prestada, confusão provocada por uma rotina ensaiada propositadamente complicada, ou por uma ajuda mecânica como um livro preparado com adesivo. Esses métodos podem ser combinados de várias maneiras além das sugeridas nos exemplos. Por exemplo, a cera do livro pode ser usada para pegar um pedaço de metal chato e não muito pesado. As rotinas sugeridas estão sujeitas a todo tipo de modificações dependendo da natureza do objeto a ser captado. No entanto, embora as rotinas sugeridas funcionem, é essencial experimentar quaisquer modificações para saber se uma rotina funcionará da maneira como foi alterada. Se isso acontecer, deve ser praticado. Se isso não acontecer, outras alterações devem ser tentadas até que um método viável seja encontrado e então deve ser praticado.

Por causa da importância do que é dito no momento da tomada real, bem como na preparação para fazê-lo, é de extrema importância pensar de antemão em uma variedade de coisas para dizer. Tentar inventar tópicos de conversa no calor do momento sempre é difícil e fazer tal tentativa enquanto a mente está focada em uma ação complicada é praticamente impossível.

Suficientes assuntos podem ser descobertos antes do tempo para que o performer descubra que ele não está sem palavras, não importa a situação que surja. Não é necessário descobrir frases exatas e memorizá-las. Só é necessário ter considerado um número suficiente de tópicos distrativos para que a mente não fique sem assuntos sobre os quais falar. Algumas pessoas imaginam que têm a capacidade de sair de qualquer situação, não importa o quão incriminadora seja. Mesmo se alguém tiver uma habilidade tão rara, é muito melhor não confiar muito nela. E aqueles que estão dispostos a planejar e ensaiar com cuidado e pensamento devem ter pouca preocupação sobre como sair de uma situação ruim, pois não haverá tal situação.

## **VI. Aspectos Especiais da Decepção para Mulheres**

Enquanto grande parte da generalidade de conselhos e observações preliminares com os quais este manual começou também se aplicarão à seção seguinte, muito não. Isso ocorre porque o material anterior foi escrito exclusivamente para uso de homens e as notas abaixo são escritas para uso de mulheres.

Embora o escritor seja um homem, ele não tem a ideia de que as mulheres careçam de quaisquer talentos que os homens possam possuir. No entanto, como grande parte de seu treinamento, suas roupas e seus modos não são os dos homens, as mulheres devem usar métodos diferentes para realizar truques do que os usados pelos homens.

Pode ser bom dar exemplos de alguns tipos dessas diferenças masculino-feminino. Homens estendem a mão, palma para baixo, para pegar algo oferecido,

enquanto as mulheres estendem a palma da mão para cima para receber o que é oferecido. Este é um dos inúmeros exemplos de treinamento ou da imitação natural que uma criança faz de seus pais e avós. Pelos botões do lado esquerdo dos casacos femininos, as roupas femininas são diferentes das masculinas. A principal diferença, no que diz respeito à trapaça, entre as roupas de homens e mulheres são os bolsos – seu tamanho, tipo, número e localização. Por causa dessas diferenças nos bolsos, as mulheres nunca podem usar seus bolsos da maneira casual como os homens usam os seus.

É uma questão de modos masculinos os homens servirem as mulheres em público e uma questão de maneiras femininas para as mulheres tornarem tais esforços masculinos fáceis para os homens realizarem. Interpondo um comentário triste, é quase limitado a manifestações públicas de que homens podem ser encontrados atendendo mulheres. Em público, até um velho ajuda uma mulher a vestir o casaco em um restaurante. Um homem acenderá o cigarro de uma mulher. Um homem tira uma cadeira de uma mesa para uma mulher sentar. Essas, e uma variedade de atenções igualmente não árduas que os homens prestam às mulheres, não são recíprocas. As mulheres não costumam fazer essas coisas para os homens. Se eles fizessem qualquer uma dessas coisas, as mulheres chamariam a atenção para si mesmas e os trapaceiros nunca deveriam fazer nada para atrair atenção. As páginas seguintes são dedicadas a descrições de métodos para as mulheres fazerem exatamente os mesmos truques que nas páginas anteriores foram descritos para a execução dos homens.

Antes de estabelecer descrições quanto ao método, deve-se afirmar com ênfase que os métodos que as mulheres podem usar para esses truques não são nem mais difíceis nem mais fáceis de fazer do que os métodos descritos para os homens. Ou seja, os métodos da mulher têm o mesmo grau de dificuldade para as mulheres que o método dos homens para os homens. Mais uma vez, deve-se enfatizar que as mudanças necessárias não têm nada a ver com capacidades, mas apenas com costumes sociais. Um homem faz um trabalho demorado e desajeitado de abotoar o casaco de uma mulher que ele mesmo tem que vestir. Aliás, uma mulher não é muito habilidosa em abotoar o casaco de um homem que ela tem que vestir.

Há alguns outros pontos preliminares adicionais a serem mencionados. As mulheres têm que variar sua técnica na execução de alguns truques de acordo com o assunto, seja um homem ou outra mulher. Detalhes serão dados em cada truque descrito, observando essas diferenças. Aqui, novamente, as mudanças são necessárias por causa do costume social.

Foi afirmado em uma página inicial que a trapaça depende basicamente de uma maneira de pensar e que tal pensamento não deve violar os costumes ou costumes do espectador. Para uma mulher fazer alguma ação que uma mulher normalmente não faria, violaria os costumes e costumes pelo menos por ser

incomum, e o incomum atrairá atenção que o trapaceiro deve evitar. Não é suficiente para a mulher trapaceira nunca realizar uma ação que pareça não feminina para um

homem; ela também nunca deve fazer nada que pareça incomum para outra mulher. Em outras palavras, uma mulher trapaceira, para ser bem-sucedida, deve sempre agir como uma mulher e nunca fazer nada no caminho do homem. É claro que isso não deve ser interpretado como uma sugestão de ser feminino, mas simplesmente não ser masculino em ações ou maneiras.

As mulheres não são tão propensas a relaxar em suas cadeiras quanto os homens e, portanto, não precisam se preocupar em evitar essa atenção que prende a fraqueza. Mas as mulheres ficam inquietas, embora tenham suas próprias maneiras de fazê-lo. Acariciar constantemente o cabelo, tocar brincos ou ações femininas semelhantes atraem a atenção do indivíduo e não devem ser feitas.

Anteriormente neste manual havia instruções para os homens seguirem para parecerem estúpidos. Uma forma dessa técnica muito valiosa para a pose da mulher é que ela simplesmente não entende do assunto. Ela tenta parecer vazia em vez de burra. Isso não é nada difícil quando se trabalha na frente de um homem ou homens.

A razão para isso é (e senhoras, devemos encarar) que os homens nunca ficam surpresos quando uma mulher não sabe alguma coisa. Há uma grande exceção a esse respeito, pois os homens esperam que suas esposas conheçam todos os tipos de assuntos. Observar essa exceção é meramente acadêmico, pois os maridos não serão objeto da trapaça aqui descrita.

Embora a pose de falta de conhecimento seja prontamente aceita como fato por um homem, tal pose pode ser suspeitada por outra mulher. Este ponto é verdadeiro também para uma demonstração de timidez, timidez ou modéstia virginal. Um homem aceitará quase qualquer grau de tais artimanhas, enquanto outra mulher trabalhará mais obstinadamente para se certificar da correção de sua opinião. Mesmo quando um homem é suspeito, ele ainda pode ser facilmente enganado. É infinitamente mais difícil ter sucesso com um truque diante de uma mulher suspeita. A resposta óbvia é: não faça nada para deixar a mulher desconfiada.

Este próximo ponto é colocado com hesitação, e não porque haja qualquer questão de sua validade. O enredo de um truque deve ser mais curto e direto quando mostrado a uma mulher. A hesitação em mencionar este fato deve-se à inferência que pode ser feita de que as mulheres têm menor poder de concentração. Esta inferência o escritor não aceita. Por muitos anos de experiência, o escritor sabe a veracidade da afirmação e sua explicação, verdadeira ou falsa, é que um homem está mais inclinado a seguir passo a passo e uma mulher provavelmente pensa à frente. Tal como acontece com todas as afirmações gerais, esta nem sempre é verdadeira e existem exceções masculinas e femininas. No entanto, é tão geral que é aconselhável agir sempre como se não existissem exceções.

O primeiro truque descrito para os homens é com uma pílula que é

transportada em um papel, ou caixa de fósforos. Como as mulheres geralmente não acendem um fósforo para segurar o rosto de um homem

cigarro, este método não pode ser usado por uma mulher. Não é recomendado nem mesmo para uma mulher usar quando outra mulher é o assunto porque não é um ato geralmente feito.

Enquanto os fósforos são eliminados, a técnica exata descrita pode ser usada com o estojo de um espelho de bolso muito pequeno. A pílula é anexada à parte inferior do estojo. O espelho dentro do estojo é colocado na frente do sujeito e o espelho retirado do estojo e entregue à pessoa. O espelho e o estojo são transportados na bolsa dentro de uma caixa aberta, como descrito anteriormente. Até que o espelho embutido seja retirado da bolsa, nada é dito a respeito dele. Assim que o espelho é empurrado para a frente, o trapaceiro diz: “Use este espelho. Há algo no canto do seu olho esquerdo.” À medida que a pessoa pega o espelho, a mão esquerda da performer é trazida de volta ao seu corpo e, em trânsito, a pílula é retirada e jogada no copo ou xícara.

Será óbvio que manipulativamente o truque é precisamente o mesmo que um homem faria com os fósforos. Psicologicamente, também, é muito parecido. É um ato gentil e cortês tentar ajudar alguém prestes a receber um corpo estranho em seu olho, assim como é gentil acender o cigarro de outra pessoa. É bastante irrelevante que o corpo estranho seja imaginário, pois mesmo que o sujeito diga: “Não vejo nada”, é aceitável assegurar-lhe que ele deve tê-lo afastado.

Uma mulher prontamente pode usar os truques descritos para os homens, nos quais carteiras, cadernos e blocos de papel são usados como porta-pílulas.

As mulheres acharão muito fácil segurar as pílulas na base do terceiro e do mindinho, conforme descrito na seção masculina. No entanto, uma mulher nunca deve tentar fazer esse truque usando luvas ou se estiver acostumada a usar uma quantidade de creme para as mãos. Tanto as luvas quanto o creme tornam o desempenho incerto.

Mesmo que uma mulher ache fácil manusear uma pílula manualmente e seja capaz de ensaiar uma pílula muito pequena, o truque não deve ser tentado com uma pílula muito pequena. A razão para isso é que a excitação provocada pelo desempenho real é capaz de deixar as mãos úmidas. Um comprimido minúsculo é difícil de liberar porque a umidade o faz aderir à carne.

As moedas não são suportes adequados para pílulas quando uma mulher está se apresentando.

No entanto, a mesma ideia geral pode ser seguida mostrando fotos em um pequeno medalhão - a pílula está presa na parte de trás do medalhão. Em certas circunstâncias, o monograma em um compacto pode servir como desculpa para mostrar o compacto. A pílula estaria no fundo do compacto. Invertendo a posição da pílula, é possível mostrar o nome do fabricante, ou a marca registrada na parte inferior do compacto.

Como os cosméticos não são usados por todas as classes de mulheres em todos os países,

é possível utilizar seus recipientes apenas onde seria uma coisa natural a fazer. Novamente, deve-se enfatizar que apenas aquelas ações que são aceitáveis localmente são permitidas para uma mulher trapaceira. As maneiras das mulheres são mais restritivas e rígidas do que as dos homens. É essencial que uma mulher trapaceira se informe de todos os tabus do distrito em que vai operar. Um homem deve ter esse conhecimento, mas é imperativo que uma mulher saiba dessas coisas.

Ao manusear sólidos em pó, uma mulher achará fácil manusear dois dos recipientes de lápis descritos anteriormente. O tubo de papel simulando um lápis não deve ser usado por uma mulher. Nenhuma alteração precisa ser feita nos lápis de madeira, exceto que eles devem ser mais curtos do que os comprimentos sugeridos para os homens usarem. Há duas razões para fazer os lápis mais curtos. Uma razão é que um lápis curto pode ser transportado mais facilmente em uma bolsa. A outra razão é que os homens esperam que uma mulher carregue apenas um toco de lápis, se ela carregar um.

As instruções sobre a maneira como os homens devem usar lápis carregados em seus truques são as mesmas para as mulheres. No entanto, há dois pontos que podem muito bem ser alterados. A primeira ocorre porque é mais difícil trocar lápis na bolsa do que no bolso. O outro ponto se deve à crença masculina de que nenhuma mulher pode desenhar um diagrama tão claro quanto um homem.

Nenhum desses pontos levanta qualquer dificuldade real, mas ambos devem ser levados em consideração.

Se os lápis carregados forem bem feitos, não há razão para que sejam trocados por lápis normais no início do truque, pois podem ser manuseados com segurança pelo sujeito e sem despertar suspeitas.

Na verdade, a única razão pela qual foi sugerido que a troca fosse feita nas instruções para homens é que evita um risco psicológico para o performer se ele não permitir que o lápis carregado saia de sua posse.

Um homem quase certamente alterará qualquer diagrama que uma mulher tenha desenhado para fazer uma pergunta. Um homem responderá a uma pergunta à sua maneira e achará necessário adicionar ou alterar o esboço para dar sua resposta. Como este é geralmente o caso, é bom aceitar que isso vai acontecer. Isso não altera em nada o desempenho do truque, pois se o homem tiver seu próprio lápis, provavelmente o usará, mas nenhuma dificuldade surgirá, mesmo que ele pegue emprestado o lápis carregado. No caso de o lápis carregado ser emprestado, a execução do truque é ligeiramente atrasada até que o lápis seja devolvido. Em seguida, o trapaceiro, fingindo rever a explicação dada pelo homem, prossegue na execução do truque conforme descrito anteriormente.

A razão pela qual uma mulher não pode usar o lápis de tubo de papel é que ela não pode emprestá-lo, pois embora esse lápis tenha a aparência de um lápis

genuíno, não parece

como um. No entanto, se a mulher trapaceira tiver habilidade para desenhar com algum grau de habilidade, é possível até mesmo usar o lápis de tubo de papel. Isso porque o assunto dos vestidos femininos é um dos quais o homem não reivindica um conhecimento exaustivo e não desejará redesenhar o esboço. É possivelmente mais difícil trazer roupas para uma conversa casual, especialmente se o homem for comparativamente um estranho. Isso pode ser feito para mostrar por que um vestido de algum estranho do outro lado da sala era caro ou barato, feito em casa ou comprado em loja. Sendo homem, o escritor provavelmente está enfatizando o ponto errado, e muito provavelmente algum outro ponto sobre as roupas do estranho seria mais natural para uma mulher fazer em seu esboço, mas a ideia é boa.

Todas as sugestões acima em relação aos truques com sólidos em pó são feitas para uma mulher trapaceira usar quando o assunto é um homem. Quando o assunto é uma mulher, as conversas seriam diferentes, embora as manipulações fossem as mesmas. Uma mulher não estaria apta a fazer outra pergunta mecânica e seria particularmente improvável que ela fizesse um diagrama ao fazer a pergunta. Uma mulher raramente esboça um mapa com o propósito de pedir direções a outra mulher. Um homem aceita essas coisas como banais, mas elas seriam incomuns o suficiente para uma mulher atrair atenção. É possível que uma mulher peça um endereço e, depois de anotá-lo, leia-o para ter certeza de que está correto. O lápis pode ser usado pelo trapaceiro para apontar o número ou a ortografia, a fim de perguntar se está escrito corretamente. Também é possível que uma mulher esboce roupas, plantas baixas para a disposição de móveis, designs de joias, etc., para outra mulher. Embora essas coisas sejam possíveis, é verdade que desenhar não é uma ajuda tão comum para conversar com mulheres quanto com homens. Embora incomum, o desenho ou a escrita podem ser usados entre as mulheres quando as palavras por si só não expressam uma ideia ou para não precisar depender da memória.

Basta conduzir a conversa para que o uso do lápis se torne imprescindível.

Nesse tipo de truque, uma mulher tende a se mover mais rapidamente do que um homem. Como a rapidez não só torna o truque menos certo na mira, mas também muito mais provável de ser notado, as mulheres precisam ter um cuidado especial ao praticar o movimento lento. A prática deve ser feita com movimentos muito lentos porque o desempenho real sempre será feito mais rapidamente do que no ensaio.

No que diz respeito aos movimentos de braços e mãos de uma mulher, há um ponto de naturalidade que causa dificuldade em algumas mulheres. Será lembrado que a naturalidade do movimento é a melhor cobertura para qualquer ação que tenha de ser feita secretamente. Algumas mulheres ficam “agitadas” em suas ações manuais quando são obrigadas a fazer algo que não desejam que sejam vistas. O efeito de vibração de seus gestos é causado por uma tendência a

extras e desnecessários. Na prática, esses movimentos extras podem ser eliminados facilmente concentrando-se apenas em quais ações são

essencial. Para aquelas mulheres cujas mãos estão constantemente em movimento, um ou dois movimentos extras no momento em que o truque é executado provavelmente não atrairá atenção, mas mesmo essas pessoas se beneficiarão fazendo seus truques da maneira mais simples e direta.

Nas instruções para homens, foi sugerido que um homem poderia se levantar de sua cadeira para alcançar uma grande mesa. Mesmo que a ação não exija ficar em pé, mas apenas levantar um pouco da cadeira, não é algo que uma mulher deva fazer, a menos que o assunto seja outra mulher.

Normalmente, em um restaurante, a mulher está sentada na cadeira mais protegida. Frequentemente, isso significa que o lugar da mulher à mesa é mais difícil de entrar e mais difícil de sair. Uma mulher raramente pode escolher onde ela gostaria de se sentar. Ela recebe a cadeira que, pelo menos em teoria, é preferível. A “sede de honra” muitas vezes, por sua própria posição, torna a trapaça mais difícil, se não totalmente impossível. Por outro lado, muitas vezes as mesas para dois são dispostas de forma que o homem e a mulher se sentam lado a lado, o que facilita a trapaça. É permitido que uma mulher mencione que ela preferiria uma determinada mesa se ela pudesse avistar uma adequada para seus propósitos ao entrar no restaurante. Uma vez que uma mesa é escolhida, é muito evidente exigir a mudança para outra mesa.

Vários dos métodos sugeridos para mascarar recipientes de líquido nos truques descritos para homens são totalmente inadequados para mulheres. Recipientes escondidos em pastas de fósforos ou em maços de cigarros não podem ser usados. Tampouco se pode usar uma carteira masculina, pois nenhuma mulher carregaria tal coisa. O uso de moedas também é eliminado como máscaras para os recipientes. Todos esses métodos não devem ser usados por mulheres porque dependem de material ou ações que não são femininas.

Alguns dos métodos que os homens podem usar podem ser usados pelas mulheres. Por exemplo, os pequenos recipientes (com capacidade para duas a cinco gotas) que são mantidos entre o dedo indicador e a ponta do polegar serão fáceis de usar. Deve-se tomar cuidado para que esses recipientes tenham tamanho e formato que possam ser escondidos pelos dedos. Eles devem ser feitos especialmente para mãos femininas, que são menores que as mãos dos homens.

É muito melhor levar esses recipientes fora da bolsa. Se a mulher estiver vestindo uma jaqueta com bolso lateral (não é fácil acessar o bolso do peito), o recipiente pode ser carregado no bolso. No caso de não haver paletó e sem bolso, pode ser possível fazer um pequeno bolso que será escondido por um babado ou trança na blusa ou na camisa. Tal bolso muitas vezes pode ser feito por alguns pontos corretamente colocados. Deve-se tomar cuidado para garantir que o bolso fique escondido mesmo quando a pessoa estiver andando ou sentada. Deve-se também ter o cuidado de ter o bolso de tal tamanho e em tal localização que o recipiente seja

disponível instantaneamente e sem atrapalhar. Se o traje for tal que não seja possível transportar o recipiente em um bolso normal ou especial, é possível carregá-lo na bolsa. A desculpa (nunca mencionada) de pegar um lenço permite pegar o recipiente também. Nesse caso, é melhor pegar o recipiente na hora de pegar o lenço do que na hora de devolvê-lo à bolsa. Se a mulher estiver sentada de forma que seu colo não possa ser visto de qualquer ângulo, é possível tirar o recipiente de seu esconderijo algum tempo antes de usá-lo e deixá-lo no colo até que seja necessário.

As histórias que são contadas para distrair a atenção do movimento das mãos são deixadas para o leitor elaborar. Além do que foi estabelecido anteriormente na seção dedicada aos artistas masculinos, o único conselho adicional é que a mulher deve ter certeza de que a história não viola nenhum costume feminino.

Um ardil simples pelo qual uma mulher pode entregar algo a um homem sem suscitar qualquer suspeita é desembaraçar uma corrente. Uma corrente como a usada para pendurar um pingente, medalhão ou símbolo religioso no pescoço geralmente é feita de elos muito pequenos. Tal corrente pode ser atada em um emaranhado de modo que se torne bastante difícil de endireitar. Quando o emaranhado é feito para evitar que o pingente seja retirado, é mais natural segurar o pingente ao entregar a corrente para outra pessoa. Isso traz as duas mãos do trapaceiro para perto da pessoa solicitada a desembaraçar a corrente. Uma mão entrega a corrente com nós, mas a outra, pelo menos momentaneamente, mantém o pingente.

A mão que segura o pingente, provavelmente a mão esquerda seria mais natural, pode segurar um recipiente de líquido também. O pingente pode até ser usado como máscara.

Outra possibilidade é ter o pingente embrulhado em um pedaço de papel de seda ou lenço. Um recipiente de líquido pode ser fixado na parte inferior do papel ou pano e ficar em uma posição fácil de usar. Um recipiente de líquido nunca deve ser anexado ou mesmo dentro de um pingente. A curiosidade da maioria das pessoas as faz espiar.

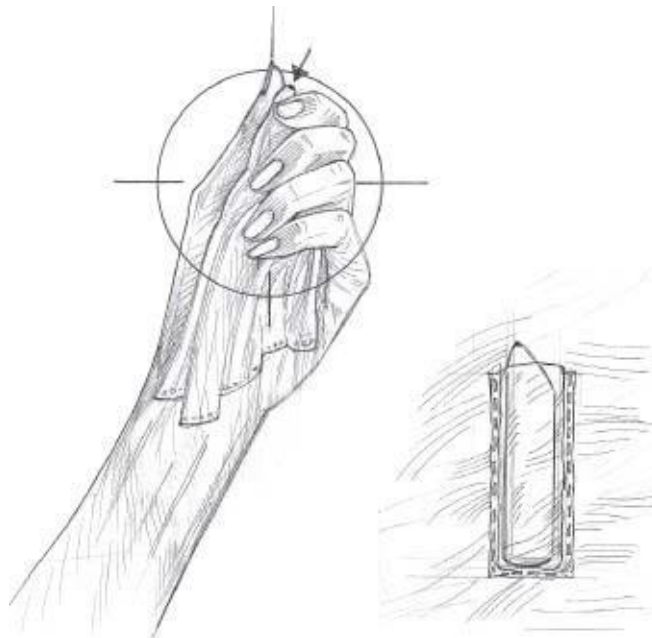
Provavelmente a melhor cobertura para um recipiente é um lenço. Muitas mulheres seguram regularmente lenços nas mãos. Isso é tão geralmente verdade que a ação não suscita qualquer suspeita. Algumas mulheres amassam o lenço em uma bola, enquanto outras o seguram pelo centro e permitem que as bordas fiquem penduradas abaixo da mão. Um lenço pode ser segurado de qualquer maneira e ainda assim ser uma cobertura perfeita para um recipiente. Há três detalhes para entender ao usar um lenço para tal finalidade: 1. como prender o recipiente ao lenço; 2. a forma como o lenço é retirado do bolso ou da bolsa; 3. a forma como o recipiente é esvaziado.

O recipiente deve ser colocado com a saída no centro do lenço. Bem no centro do lenço um pequeno buraco deve ser cortado

no pano para que a ponta do recipiente possa ser empurrada. Em seguida, o recipiente deve ser costurado em um bolso no lenço. O bolso pode ser feito dobrando parte do lenço sobre o recipiente, ou adicionando um pedaço de material similar. O último método é sugerido apenas quando o lenço é de tamanho tão pequeno que não há material suficiente para uma dobra. O bolso deve ser tão apertado ao redor do recipiente que não possa haver movimento. Isso é necessário para que apenas a ponta do recipiente se estenda pelo corte no tecido. A ponta deve se estender apenas o suficiente para que o pano não obstrua a ejeção do líquido e isso significa apenas que a abertura está livre do material. Um centímetro de trinta segundos além do tecido será suficiente.

Quando o lenço é retirado do bolso (ou bolsa) é o momento de colocar o recipiente na posição adequada para que o líquido possa ser liberado. Para que isso seja feito facilmente, é necessário que o lenço tenha sido colocado no bolso (ou na bolsa) em uma posição que possibilite essa ação.

A maneira como o lenço é segurado na mão varia de acordo com a pessoa que faz o truque. Dependerá do tamanho do lenço, do tamanho da mão da pessoa, do tamanho do recipiente usado e da maneira que o performer achar mais natural segurar um lenço. Essas coisas só podem ser aprendidas através da experimentação. Duas coisas são necessárias. Primeiro, o recipiente deve ser segurado de modo que o líquido possa ser ejetado para baixo quando a mão for mantida em posição natural. Em segundo lugar, deve-se tomar cuidado para que nenhuma parte do lenço cubra a boca do recipiente e, assim, interfira no fluxo do líquido.



Mostrando como uma mulher pode segurar o lenço para que o recipiente escondido possa ser usado. O bolso interno deve ser costurado para posicionar a ponta do tubo na abertura do lenço.

Phil Franke

Usar o lenço como máscara para um recipiente de líquido requer que haja uma desculpa razoável para que a mão que segura o lenço se mova sobre o objeto no qual o líquido deve entrar. Isso pode ser feito entregando um cardápio ao sujeito da brincadeira ou passando o açucareiro, o prato de pão, etc. Ambas as mãos devem ser usadas na operação de passagem, mas a mão com o lenço (sugerida a mão esquerda) libera o objeto passado antes que a outra mão seja removida.

A capa de lenço é muito prática, mas precisa de considerável experimentação por parte do intérprete e um pouco mais de prática do que a maioria dos outros métodos. No entanto, pode ser usado quando nenhum dos outros métodos é prático.

Mulheres de vez em quando carregam pequenas “bolsas” de brocado, petit point, camurça, etc.

A memória masculina do escritor (em tais assuntos, sem dúvida, a masculinidade imprecisa) é que essas bolsas são chamadas de “bolsas de noite”. Contanto que o tempo, o lugar e a garota tornem tal bolsa um complemento esperado, pode ser usado com vantagem para segurar um recipiente de líquido. O recipiente é costurado na posição dentro do saco de modo que a boca do recipiente saia por um orifício minúsculo no canto inferior do saco.

Um saco é adequado para um recipiente que deve ser pressionado para ejetar o líquido ou um recipiente rígido do qual o conteúdo é liberado pela remoção de uma rolha. Este último tipo de contêiner foi descrito em uma seção anterior deste manual. Naquela época, foi sugerido esconder o recipiente em um maço de cigarros. Quando tal recipiente está escondido em um saco, o fio preso à rolha passa pela parte superior do material do saco. Uma pequena conta é amarrada ao fio do lado de fora da bolsa. O objetivo da conta é ter algo que possa ser visto e facilmente agarrado para que a rolha possa ser liberada sem atrapalhar. Caso a bolsa seja de um material ou desenho que torne o cordão perceptível, há duas alternativas. Uma é costurar um número de contas na bolsa onde essa decoração adicional seria mantida. A outra é passar a linha através do material até a parte externa da bolsa e, em um ponto a cerca de meia polegada de distância, passar a linha de volta pela bolsa e prendê-la na superfície interna da bolsa. Isso fará com que um laço de linha fique plano contra a superfície externa do saco que, deslizando uma unha sob o laço, facilita puxar o fio e, assim, remover a rolha. O fio usado deve ser extra

forte para evitar qualquer chance de quebrá-lo. A linha de linho geralmente chamada de “linha de tapete” (às vezes chamada de “linha de sapato” ou “linha de botão”) é adequada. Quando um fio de uma cor correspondente é usado, ele é invisível, e mesmo uma cor contrastante não pode ser notada e, quando notada, não tem sentido.

A vantagem do uso de um saco de noite para segurar um recipiente é que um recipiente de grande capacidade pode ser usado. Como essas bolsas estão sempre na mão, quando não são deixadas no colo, não despertam nenhum interesse na mão. Pode ser mais fácil usar os sacos enquanto estiver perto de uma tigela de ponche ou cafeteira, se a ocasião for tal que tenha essas coisas. No entanto, não deve haver dificuldade em usá-lo enquanto estiver sentado à mesa. Aqui, novamente, o escritor, sendo incapaz de saber ou mesmo de adivinhar todas as circunstâncias e situações em que os truques podem ser executados, deve deixar muitos detalhes para o maior conhecimento do artista da ocasião em particular.

Ao terminar esta seção, seria bom enfatizar, repetindo, vários pontos relativos às mulheres trapaceiras. O ponto principal e principal é que uma mulher trapaceira nunca deve ser vista fazendo qualquer coisa que não seja natural para uma mulher fazer no local onde o truque é realizado. Ela deve tirar vantagem de qualquer uma das idéias equivocadas que os homens nutrem sobre as mulheres, porque ajudar uma pessoa a se enganar deixando-a seguir suas falsas crenças é a maneira mais fácil de enganar. É muito mais fácil cutucar do que empurrar (mesmo quando a cutucada é verbal) e muito menos aparente. Não importa que tipo de mulher seu papel exija que ela aja, a mulher trapaceira deve ser um exemplo calmo, e não agitado, desse tipo. Finalmente, não importa a velocidade de seu discurso, ela deve se lembrar de fazer seus gestos deliberados.

## **VII. Remoção Sub-reptícia de Objetos por Mulheres**

Pegar secretamente pequenos objetos é mais fácil, em muitos aspectos, para uma mulher do que para um homem. Isso ocorre porque as mulheres são menos propensas a obedecer à advertência da infância de “olhar com os olhos e não com as mãos”. Possivelmente, essa característica é o que torna as mulheres compradoras tão cuidadosas – as mulheres não apenas olham, elas inspecionam. Como o manuseio é uma parte tão necessária para obter a posse de um objeto, é uma grande vantagem poder manusear o objeto abertamente sem ter que dar uma explicação ou dar qualquer razão para a ação.

Por outro lado, as roupas femininas restringem o número de lugares onde um objeto pode ser escondido de forma rápida e secreta. Dependendo do tipo

de traje, as mulheres não têm bolsos ou têm muito poucos. E os bolsos das mulheres sempre são do tamanho e da construção errados e nos locais errados para esconder um objeto facilmente e

rapidamente. Além disso, como os bolsos das mulheres são quase invariavelmente de pequena capacidade, eles comportam apenas os menores objetos. Esses fatos não tornam a tarefa de secretar um objeto sobre a pessoa de uma mulher impossível de forma alguma, mas mostram que uma mulher deve usar métodos diferentes daqueles disponíveis para os homens. Eles também indicam que uma mulher raramente achará possível esconder outros objetos além de pequenos.

A dificuldade ligada a qualquer descrição de como os bolsos óbvios em trajes femininos, ou os escondidos, podem ser usados é causada por modas em constante mudança. À medida que a moda muda, também os bolsos mudam em localização, tamanho e forma. Claro que existe a possibilidade de que o estilo não permita nenhum tipo de bolso. Embora as sugestões a seguir sobre bolsos não possam ser todas seguidas e, em muitos casos, nenhuma possa ser usada, vale a pena mencioná-las nos momentos em que servirão.

Há cinco peças de mulheres-vestuário em que às vezes podem ser encontrados bolsos. Esses cinco artigos de vestuário são saias, blusas, jaquetas, casacos e cintos. Os bolsos agora referidos são aqueles que são claramente visíveis para os outros, ou seja, nem secretos nem ocultos. Esses bolsos, tanto em localização quanto em design, são feitos mais para fins decorativos do que utilitários. Pelas razões expostas acima, poucos são úteis na trapaça. No entanto, alguns podem ser alterados para serem úteis sem alterar sua aparência externa.

Os bolsos da saia, embora ocasionalmente colocados nos quadris, geralmente ficam na frente. Os bolsos frontais raramente são grandes o suficiente para serem úteis como são, mas muitas vezes podem ser feitos de serviço. Será possível com a maioria destes bolsos fazer uma abertura na parte inferior do bolso através do material da saia. A esta abertura pode ser costurado um tubo de seda (ou outro material de pouca fricção). Este tubo pode dar ao bolso capacidade suficiente para o tornar útil. No entanto, isso depende do tecido da saia. O tweed, ou material similarmente pesado que não seja puxado para fora do formato pelo peso no bolso, permitirá o alargamento do bolso. O material mais fino requer outro tratamento. Para materiais finos, o tubo de seda deve se estender até um bolso dentro da saia. Pode ser que este bolso possa ser preso a uma anágua ou anágua, mas provavelmente será mais prático pendurar um bolso com fitas no cóis da saia. A praticidade de tal bolso depende do desenho da roupa e particularmente de sua plenitude. Esse bolso interno também pode ser usado em saias sem bolsos visíveis, mas com tranças profundas o suficiente para esconder uma pequena abertura. É claro que deve-se tomar cuidado para que o bolso interno fique pendurado de modo a não fazer protuberâncias visíveis. Esses bolsos podem ser feitos e foram feitos e usados com sucesso. deve-se levar em conta que o bolso interno ficará pendurado de modo a não fazer protuberâncias visíveis. Esses bolsos podem ser feitos e foram

feitos e usados com sucesso. deve-se levar em conta que o bolso interno ficará pendurado de modo a não fazer protuberâncias visíveis. Esses bolsos podem ser feitos e foram feitos e usados com sucesso.

Fazer tal bolso só pode ser o resultado da engenhosidade, habilidade e conhecimento femininos. Obviamente, não é um projeto para um homem sem instrução.

Os bolsos das blusas, por causa de onde são colocados, não são adequados para trapaças. Esses bolsos são muito difíceis de alcançar de forma indetectável e, além disso, seu conteúdo é óbvio.

Bolsos de jaqueta, quando não sobre os quadris, às vezes podem ser usados como estão. Se isso não for possível, raramente há como alterá-los. De vez em quando, será prático usá-los cortando uma abertura no material da jaqueta e fazendo um bolso entre o material e o forro. Também é possível com alguns casacos fazer bolsos no interior.

Esses bolsos devem ficar mais ou menos na cintura e isso, claro, não pode ser feito com uma roupa justa.

Que os casacos só podem ser usados em certos climas é muito óbvio. No entanto, nas ocasiões em que podem ser usados, são mais úteis, pois seus bolsos costumam ser grandes e pesados o suficiente para servir sem qualquer alteração. Os casacos também permitirão que bolsos internos especiais sejam adicionados e usados. Alguns casacos têm bolsos internos, mas geralmente não são colocados onde possam ser usados facilmente em truques.

Alguns cintos são projetados com bolsos que podem ser usados. Outros cintos podem ter bolsos adicionados no interior que serão encontrados à mão. Ocasionalmente, cintos podem ser usados para cobrir a abertura de um vestido que é a boca de um bolso escondido.

As mulheres podem usar lenços para enganar de uma maneira que um homem nunca poderia fazer. Os lenços são usados em conjunto com uma bolsa. A razão pela qual as mulheres podem usar lenços em truques é que as mulheres costumam carregar um lenço nas mãos que nenhuma atenção é atraída para essa ação. O lenço é usado como uma cobertura física real para aquele objeto que deve ser escondido e carregado. Como acontece com todos os truques, há uma sequência de ações que devem ser memorizadas para enganar o espectador. Entre parênteses, note-se que é sempre aconselhável assumir que há um espectador assistindo. Essa precaução evitará a chance de ser pego fazendo alguma ação de forma abrupta na crença de que ninguém estava olhando.

A rotina, fazendo uso de um lenço, é a seguinte. Um lenço é retirado da bolsa. Facilitará as coisas ter o lenço já desdobrado quando foi enfiado na bolsa. Quando o lenço está na mão, é usado imediatamente após o fechamento da bolsa. No inverno, um olho pode ser limpo com o pano, e no verão, a testa pode ser acariciada. É razoável após qualquer uma dessas ações continuar segurando o lenço. A menos que a pessoa esteja obviamente resfriada, seria mais natural devolver o lenço à bolsa depois de limpar o nariz.

Feita esta manobra preliminar, o lenço é tomada com a mão esquerda. Neste momento seria bom, se fácil de fazer, segurar o

centro do lenço no punho e deixe os quatro cantos pendurados. Pode até ser natural segurar um canto do pano e deixar o resto do lenço pendurado. Aliás, essas ações devem ser feitas, se possível, um pouco antes do momento em que o lenço é usado para a malandragem. Isto é para que a concentração total possa ser feita em fazer o truque.

Neste ponto, a consideração deve ser dada ao estilo da bolsa. Se for uma que possa ser pendurada no braço, a alça da bolsa deve estar sobre o antebraço esquerdo - mais ou menos na metade do caminho entre o pulso e o cotovelo. Se não for um saco, deve ser segurado (com o cotovelo dobrado) entre o antebraço esquerdo e o corpo. Em ambos os casos, será óbvio que o braço esquerdo deve ficar parado ou a bolsa cairá. Segurar a bolsa de qualquer maneira significa que qualquer retirada que for feita deve ser feita com a mão direita. Pode-se supor, por exemplo, que o objeto a ser eliminado é qualquer coisa até o tamanho de uma caixa de fósforos de segurança. Agora, por favor, siga atentamente os sete passos a seguir:

- a. O objeto é pego com a mão direita e olhado.
- b. (Embora na verdade este seja um passo duplo, deve ser feito de forma contínua como se fosse apenas um.) O objeto é colocado na mão esquerda para que a mão direita possa pegar a carteira que “aparentemente” está escorregando. Este movimento é variado de acordo com o estilo da bolsa. Se for do tipo que fica presa entre o antebraço e o corpo, a bolsa é movida até a axila e aí agarrada. Se for do tipo com alça, é retirado do braço esquerdo e segurado pela alça na mão direita.
- c. À medida que o movimento da bolsa está ocorrendo, a mão esquerda amassa o lenço ao redor do objeto.
- d. O lenço é trocado para a mão direita. Neste movimento deve ser possível concluir cobrindo completamente o objeto com o lenço.
- e. A mão esquerda (ainda fechada como se estivesse segurando alguma coisa) é largada na mesa da qual o objeto foi retirado.
- f. A mão esquerda recupera o lenço “carregado” já que a mão direita faz algum movimento natural com a bolsa.
- g. Após um intervalo de aproximadamente um minuto, o lenço é recolocado na bolsa. Devido à possibilidade de precisar de um lenço para qualquer finalidade normal logo após o truque ter sido feito, é aconselhável estar preparado para tal situação colocando outro lenço na outra extremidade da bolsa.

Lendo o acima, podemos pensar, mas onde está o truque? Por que alguém deveria se confundir com ações tão simples. Existem duas razões. A principal é que cada ação feita parece natural e lógica. A outra razão é que há três objetos (objeto, lenço e bolsa) e duas mãos para observar. Por causa da naturalidade das ações, elas não exigem observação atenta e requer muita atenção para acompanhar a localização de três objetos em duas mãos em movimento. Mais uma vez, deixe-se notar que nenhuma rapidez deve ser usada. As mãos se movem lentamente, mas seu movimento é contínuo. Essa rotina deve ser cuidadosamente praticada em particular até que a sequência de movimentos seja uma segunda natureza.

Nada foi dito sobre o uso de nenhum dos esconderijos tradicionais das mulheres – ponta da meia e frente do vestido. Isso ocorre porque, na maioria dos casos, nenhum deles pode ser usado discretamente. Além disso, seja por causa do traje ou da anatomia, em nenhum lugar um objeto de qualquer tamanho ou peso pode ser escondido. No entanto, use um ou ambos os locais como esconderijos quando o artigo ou artigos a serem levados forem adequados e a situação tornar viável o seu uso.

Como foi observado anteriormente, não há maneira certa ou errada de fazer um truque. Se funcionar e for simples de fazer, é um bom truque. Muitas vezes é necessário alterar o desempenho de um truque de alguma forma devido às circunstâncias do momento, porque as condições parecem suspeitas. Isso porque há, quase invariavelmente, algum detalhe que não foi levado em consideração e que vai denunciar o truque. Resumindo, e novamente, nada garante o sucesso de um truque como um planejamento adequado.

É de se esperar que as mulheres que lêem esta seção aceitem, neste caso, as declarações de um homem como sendo autorizadas. A trapaça é um campo no qual os homens têm sido ativos e bem-sucedidos há muito tempo. Ou seja, tiveram sucesso aqueles homens que seguiram os métodos testados. Esses métodos foram descobertos através de séculos de tentativa e erro. Sempre foi impossível saber se um método será enganador, exceto pelo desempenho real e, portanto, é imperativo que um trapaceiro adere aos métodos testados. O uso de métodos testados requer apenas conhecimento, preparação e prática, e paciência para adquiri-los. Confie nisso, senhoras, e não em suas mentes brilhantes.

## **VIII. Trabalhandocomo uma equipe**

Tudo nas páginas anteriores foi escrito para a realização de truques pelo homem ou mulher trabalhando sozinho. As sugestões a seguir são feitas para aquelas ocasiões em que o trapaceiro está na companhia de um colega.

Embora ambos possam ser capazes de trapaçás, é sábio em qualquer truque que um seja o executante e o outro o assistente. Em um segundo truque, é bem possível que os papéis sejam invertidos e o trapaceiro se torne o assistente. Mas em um truque sempre deve haver uma pessoa que toma as decisões sobre quando, onde e como. O assistente deve seguir o exemplo do trapaceiro.

Naturalmente, existem três combinações de equipes que trabalham com malandragem. Pode haver dois homens, um homem e uma mulher, ou duas mulheres. Isso é mencionado porque, assim como a composição de uma equipe varia, também varia o papel do assistente. Na maioria dos casos, o trabalho do assistente é auxiliar atraindo a atenção dos espectadores antes, durante ou após a execução do truque, de acordo com o momento em que for mais necessário. Naturalmente, o que o assistente faz, e em que ponto da performance sua ação ocorre, é decidido e praticado com antecedência. Quando o assistente faz a sua parte depende de um sinal dado pelo malandro. (Os tipos de sinal serão descritos abaixo.) O que é feito geralmente depende se o assistente é um homem ou uma mulher.

Embora o acima tenha assumido que o trapaceiro e o assistente fossem conhecidos, até mesmo amigos, pode haver ocasiões em que os dois sejam considerados, pelos espectadores, totalmente estranhos. Em tais circunstâncias, métodos adicionais podem ser usados.

Antes de entrar no porquê e no que o assistente faz, seria melhor dizer quando o truque deve ser feito. Como é o trapaceiro que deve estar pronto para a execução do truque, é ele quem decide quando o truque deve ser feito. Ele então sinaliza ao assistente de sua prontidão. Este deve ser um sinal físico e não verbal. Sinais verbais muitas vezes precisam ser adiados para não interromper uma pessoa que está falando, e são quase impossíveis de planejar para não parecer muito incongruentes quando falados. Sinais físicos podem ser dados a qualquer momento e devem parecer perfeitamente naturais e, portanto, ações que não atraem a atenção. Alisar uma sobrancelha, puxar o lóbulo de uma orelha ou ação semelhante é um bom sinal. O assistente é obrigado a ver a ação, pois é alto

— uma ação na altura da mesa pode ser negligenciada, a menos que o assistente fique olhando para o trapaceiro, o que, é claro, ele não deve fazer. A ação do sinal, embora deva ser completamente natural, não pode ser qualquer coisa que o trapaceiro possa fazer inconscientemente. O assistente não age imediatamente após o sinal ser dado, mas somente após um intervalo prescrito ou seguindo alguma ação do trapaceiro de acordo com as exigências da manobra específica a ser executada.

Normalmente, o trapaceiro reconhece ter percebido o sinal piscando os olhos, acariciando o queixo ou de alguma outra maneira previamente combinada. Após o sinal ter sido reconhecido, tanto o trapaceiro quanto o assistente sabem que o outro está pronto para assumir seu papel.

O tipo de ajuda que um assistente pode dar varia com o tempo que a ajuda é prestada.

A ajuda antes da execução de um truque é de dois tipos gerais.

- a. O assistente, seja pela fala ou pela ação, “prepara o palco” para a performance. Como exemplos: O assistente traz à tona o assunto dos desenhos de certas moedas. O trapaceiro tira moedas do bolso para ver se o assistente está correto. O trapaceiro mostra uma moeda para a vítima e executa o truque com uma moeda e uma pílula, conforme descrito em uma seção anterior deste manual. Este tipo de abertura de conversação pode ser usado por um homem ou uma mulher. Da mesma forma, o assistente tira um maço de cigarros do bolso e oferece cigarros a todos na festa. Isso torna natural que o trapaceiro acenda um fósforo para oferecer luz aos vizinhos e faça a mágica da pílula no pacote de fósforos.

Há duas vantagens em fazer o truque dessa maneira. A primeira é que o trapaceiro não foi o único a trazer a ideia de outro cigarro e, segundo, ele teve tempo suficiente para se preparar com o pacote de fósforos preparado. Essa ação, se os homens estivessem presentes, seria feita apenas quando um homem é o assistente, pois seria menos natural que uma mulher oferecesse cigarros a um grupo misto. No entanto, seria completamente natural que uma mulher oferecesse cigarros a outras mulheres e que uma segunda mulher (a trapaceira) oferecesse uma luz.

A maneira mais frequente de um assistente ajudar antes do truque é verbalmente. Por exemplo, o assistente pode trazer à tona o assunto sobre o qual o diagrama, ou esboço, é desenhado (para o truque com o lápis carregado). O papel do mago, ao desenhar o diagrama, é que ele não consegue entender a descrição e pede à vítima que revise o esboço com ele. Neste caso, o assistente pode ser homem ou mulher, mas o trapaceiro (pelas razões apresentadas anteriormente) deve ser um homem. Outra forma que o ajudante pode ajudar antes de um truque é manifestar grande interesse em ver uma fábrica (ou algum outro lugar quando o truque a ser realizado é adquirir algum objeto secretamente). O papel do trapaceiro é de desinteresse e ele se junta à festa “só” para ser um bom esportista. Como ele não tem interesse em fábrica ou produtos (ou qualquer outra coisa), O trapaceiro, no entanto, deve agir com o mesmo cuidado como se estivesse sozinho e o foco de todas as atenções.

b. A segunda maneira que um assistente pode ajudar antes da apresentação é ser aquele que carrega as propriedades pelas quais o truque é executado. Exemplos são: O trapaceiro descobre que não tem fósforos, ou que lhe falta um lápis, ou que deseja um cigarro. O ajudante empresta ao trapaceiro o que ele deseja e, nem é preciso dizer, seria o papel de fósforos preparado, ou lápis, ou maço de cigarros. Há duas vantagens em trabalhar desta forma. A primeira é que um objeto emprestado “deve” ser inocente e exatamente o que parece ser, e a segunda é que tanto antes quanto depois do truque (pois os objetos emprestados são devolvidos) o trapaceiro não tem os itens do truque consigo. .

Embora exija bastante prática para fazer o ato parecer acidental, um assistente pode chamar a atenção de todos para si mesmo derramando sua bebida (café, vinho ou água), ou fazendo com que todos os fósforos de um pacote se acendam ao acender um . Uma ação de prender a atenção desse tipo por parte do assistente permite que o trapaceiro faça muitas ações sem ser observada. O mesmo resultado pode ser obtido pelo assistente ficando com raiva e batendo na mesa. Isso requer mais do que a habilidade média de atuação por parte do assistente. Além disso, há muitas ocasiões em que essa técnica seria inadequada, principalmente porque em um local público atrairia a atenção geral do grupo. No entanto, o método é notado por causa de sua eficácia nos momentos em que pode ser usado.

Pode haver momentos em que uma mulher pode pegar algo sem ser observada, o que seu companheiro masculino não poderia fazer. A mulher então passaria o objeto para o homem secretar. A transferência naturalmente dependeria do local onde ocorreria, do tamanho e da forma do objeto, e também da forma como o homem estava vestido. Os três métodos gerais que podem ser usados são: 1. a mulher pode passar o objeto para a mão do homem; 2. a mulher pode colocar o objeto em algo (como um chapéu) que o homem depois pegará; 3. a mulher pode colocar o objeto diretamente em um dos bolsos do homem.

Naturalmente, em cada um desses métodos, o homem estaria ciente do que a mulher pretendia fazer e, portanto, estaria em condições de ajudá-la, desviando a atenção de sua ação. Se for usado o primeiro método (isto é, passar o objeto da mão da mulher para a mão do homem), o homem tem que cooperar segurando sua mão para poder imediatamente aceitar o objeto e, ainda, segurar sua mão em uma posição onde a mulher pode alcançá-lo discretamente. Isso significaria que o homem mantinha a mão ao lado do corpo em uma posição normal ou nas costas sobre as nádegas. A mulher chegaria o mais perto do

homem quanto possível antes de passar o artigo para ele. Ao fazer esse movimento, a mulher (é claro com a cooperação do homem) usaria o corpo do homem como uma tela para esconder a ação da pessoa com quem o homem estava falando. Ao receber o artigo, o homem o colocava no bolso. Ele não faria isso a menos que as circunstâncias fizessem com que nenhum movimento pudesse ser visto até que a mulher se afastasse. Ele usaria aquele bolso que, na situação, poderia alcançar com mais facilidade. Se for utilizado o segundo método, é porque não seria natural que o homem ou a mulher se aproximassem.

À medida que surgem tais situações, este método é dado. O método é sugerido apenas onde nenhum outro meio pode ser usado. O trabalho do homem é deixar seu chapéu, sobretudo, envelope grande, etc., em um ponto onde ambos os sexos são permitidos. Ele ainda deve ter o cuidado de pegar o que foi “carregado” para não divulgar, nem deixar cair o próprio objeto. O trabalho da mulher, depois de obter o objeto, é ter algum motivo para se aproximar dos bens do homem. Isso pode ser feito deixando alguns pertences dela aos quais é natural que ela precise ir (como um lenço) ao lado do artigo que o homem colocou. É desaconselhável ir aos pertences do homem mesmo com uma desculpa aparentemente legítima, como tirar um maço de cigarros do bolso do sobretudo do homem. Esse tipo de ação tende a ser lembrado e provavelmente conectará o homem e a mulher muito de perto para o sucesso completo do truque.

Ao usar o terceiro método, as chances de detecção são muito pequenas. O método só pode ser usado, no entanto, quando o homem estiver usando roupas que tenham bolsos que a mulher possa usar prontamente. Esses bolsos são os bolsos laterais de sobretudos e jaquetas. Quando o homem não estiver vestindo nenhum casaco, pode ser possível também usar um bolso da calça. Claro, isso só pode ser feito com um objeto bem pequeno e com um homem cuja anatomia não se sobressaia e cujas calças sejam amplas. Facilitará as coisas se o bolso for mantido parcialmente aberto com um lenço amassado no fundo do bolso.

Embora esses métodos sejam sugeridos para serem usados por uma mulher como trapaceira e um homem como assistente (e são quase impossíveis de usar quando os papéis do homem e da mulher são invertidos), eles têm outros usos. Há momentos em que podem ser usados por dois homens e momentos, também, quando adequados para duas mulheres. O método de passar mão a mão e o método de colocar o objeto diretamente no bolso do assistente também podem ser usados em todas as combinações de trapaceiro e assistente em uma rotina de ação retardada. Ação atrasada significa que a transferência não é feita no momento da aquisição do objeto. No momento em que o objeto é levado, o trapaceiro o esconde em um bolso onde está facilmente disponível. Mais tarde, o objeto é passado para o assistente. Isso pode ser feito mais facilmente em

uma multidão. O método é

particularmente bom quando acredita-se que o trapaceiro e o assistente sejam estranhos. Também é útil quando é necessário que o trapaceiro permaneça, mas quando o assistente pode deixar o local.

Outro meio de passar um objeto secretamente de uma pessoa para outra pode ser usado de várias maneiras por homens e mulheres. A grande vantagem deste método é que o contato entre duas pessoas é feito abertamente. Um objeto é entregue abertamente por uma pessoa para outra. O objeto passado é a capa para o objeto secreto que troca de mãos. O objeto de cobertura pode ser quase qualquer coisa, desde que seja maior do que o que esconde e seja algo que possa ser facilmente segurado por uma mão. Um livro ou revista é adequado para usar como exemplo de capa. O livro é agarrado com o polegar em cima e os dedos embaixo.

O livro, na verdade, é segurado entre o polegar e o terceiro e o mindinho. O objeto secreto é segurado pelo primeiro e segundo dedos, pressionando-o contra o verso do livro. Quem recebe o livro usa as duas mãos, palmas para cima e com as pontas dos dedos de uma mão apontando para as da outra. Assim que o receptor sente o objeto escondido, ele o pressiona contra o livro com os dedos da mão que melhor pode segurá-lo. A outra mão segura o livro. Depois que a transferência foi concluída e o doador se mudou, o objeto secreto é embolsado assim que a ação for conveniente e não for aparente. O objeto de cobertura pode ser um prato, uma caixa de cigarros, um bloco de papel ou uma infinidade de outras coisas. A tarefa de nenhum dos dois é difícil, mas ambos devem praticar as ações para poder realizá-las naturalmente. Este método será útil tanto quando a parte do assistente é dar ao trapaceiro algo que ele precisará para o seu truque quanto quando o trapaceiro quiser se livrar de algo entregando ao assistente.

O principal risco em realizar a passagem secreta de um objeto da maneira descrita é psicológico. Quando o primeiro conhecimento do receptor de que lhe será dado o objeto é no momento em que o toca, ele encontrará grande dificuldade em controlar seus reflexos involuntários. Quando a pessoa está ciente de que está secretamente para receber o objeto, não haverá movimento reflexo. Portanto, é essencial que, seja por meio de um pré-arranjo entre o passador e o receptor ou por um sinal dado e reconhecido antes da passagem, o receptor saiba que a ação deve ocorrer.

No que diz respeito aos sinais, deve-se notar que nenhum sinal é feito duas vezes durante uma sessão. A repetição de qualquer sinal, não importa quão discretamente natural possa ser, é capaz de atrair a atenção. Além disso, ter dois ou mais sinais com o mesmo significado garante que não haverá ocasião em que um ou outro não possa ser dado.



Passar um objeto ao abrigo de outro. A posição das mãos do passador e do receptor torna a troca fácil, certa e imperceptível.

Phil Franke

Outro uso para os sinais é quando uma pessoa espera ou espera ter um assistente, mas não conhece a identidade desse indivíduo. Aqui, é claro, é de extrema importância que o assistente confirme que o sinal foi observado antes que qualquer ação ocorra.

Os sinais mencionados acima são apenas para indicar estar preparado para a ação ou para estabelecer a identidade e o último é apenas uma adição do primeiro. Quando um sinal é indicado para designar uma das várias opções possíveis, é necessário um código. O melhor código é uma combinação de sinal físico e contagem. Em sua operação o sinalizador, ao realizar suas ações, passa a contar em sua mente. Ele conta lenta e uniformemente. O receptor, ao notar o sinal, também conta em sua mente na mesma velocidade. O emissor, ao chegar ao número que deseja sinalizar, dá um sinal de parada e o receptor sabe que o número do código é, por exemplo, nove. Naturalmente, este sistema requer prática, mas é muito mais fácil do que parece e é completamente indetectável. A única dificuldade é que as duas pessoas aprendam a contar na mesma velocidade. Nos velhos tempos dos negativos de baixa velocidade, os fotógrafos contavam os segundos repetindo a palavra chim-pan-zee após cada numeral. Dessa forma, os fotógrafos aprenderam a julgar de um a dez segundos com precisão. Fazer o intervalo entre números de maior comprimento torna mais fácil para duas pessoas contarem em uníssono. Por exemplo, repetindo, “um chimpanzé grande, dois chimpanzés grandes, três...”, dois

as pessoas acharão muito fácil aprender a contar em uníssono. Por este meio, qualquer um dos dez planos pré-estabelecidos pode ser transmitido indetectavelmente de uma pessoa para outra sem fala. Como os numerais acima de dez têm duas ou mais sílabas e eliminam o mesmo tempo na contagem e é mais fácil memorizar limitar um código numerado a grupos de dez, esse sistema vai apenas de um a dez. Caso sejam necessárias mais de dez variantes, é aconselhável ter grupos um, dois, três, etc., e cada grupo composto por dez itens. Ter mais de um grupo requer que um sinal também seja dado para indicar qual grupo está sendo usado. Isso é feito com uma pequena variação no sinal de “parar de contar” ou na maneira como a mão é segurada entre os sinais. Não há razão para que o sinal de partida e o sinal de parada não possam ser idênticos. Se for um gesto natural e imperceptível, como alisar uma sobrancelha, não há razão para que não possa ser repetido alguns segundos depois. Somente em uma ocasião posterior é aconselhável alterar o sinal.

Onde devido a luz inadequada, ou outros motivos, não for possível dar um sinal de “visão”, o código de contagem pode ser utilizado por um som para iniciar e parar a contagem. O som tem que ser aquele que pode ser feito com facilidade e naturalidade e que não cause surpresa a quem o ouve. Entre esses sinais sonoros estão mover o pé no chão (mais fácil de fazer sentado), bater quatro vezes o cigarro em algo duro, como uma mesa ou caixa de fósforos (o quarto toque é o sinal para começar a contar), limpar a garganta ou, onde a empresa é permissiva e a pessoa tem o controle, um arrote. Cada um desses sinais pode ser repetido para o sinal de parada de contagem, exceto batendo no cigarro e isso pode ser feito riscando um fósforo. Existem inúmeros outros sons adequados para sinais e aqueles fornecidos são apenas tipos de amostra.

Deve-se ter muito cuidado ao designar os sinais para tê-los de modo que não peguem o receptor de surpresa e, assim, atrasem o início de sua contagem. Como a contagem é invisível, não há como o remetente saber se foi feito corretamente pelo destinatário. Não é como um passe incompleto no futebol, que é, de acordo com o seu lado, tão agradável ou terrivelmente óbvio.

Tanto para os sinais que são apenas uma ajuda aos esforços cooperativos. O ponto principal em duas pessoas trabalhando juntas é o grau de unidade com que o trabalho pode ser feito. O sucesso é alcançado pelo trabalho habilidoso em dueto – dois solistas, não importa o quão talentosos, estão fadados a ter problemas.

Neste trabalho não há nada que exija que o casal cooperante seja semelhante em sexo, tamanho, maneiras ou temperamento — contanto que não haja nada que interfira em seu trabalho em equipe. Muitas vezes, indivíduos diferentes, neste trabalho, descobrirão que suas diferenças facilitarão sua tarefa e que um complementa o outro.

No campo da trapaça, é necessária mais prática para garantir o sucesso no trabalho em equipe do que o necessário para uma pessoa trabalhando sozinha. O trabalhador solteiro, às vezes, achará possível e indicado mudar de ritmo, ou mesmo fazer alguma mudança de procedimento. No trabalho em equipe, onde a segunda pessoa não pode saber o que está na mente da primeira pessoa, tais mudanças interfeririam no fato da segunda pessoa saber quando e como desempenhar sua parte. Essa dificuldade será eliminada um pouco seguindo a regra de que em cada truque um deve ser o executante e o outro o assistente. No entanto, a prática é necessária, pois como na dança, onde cabe ao homem liderar e à mulher seguir, é preciso prática para ser um bom parceiro.

No entanto, como foi observado muitas vezes nestas páginas, o principal é entender exatamente o que deve ser feito e como deve ser feito. Ter esse conhecimento reduz o tempo de ensaio no trabalho em equipe, assim como para o indivíduo.

## Sinais de reconhecimento

O problema é que A e B, que precisam trabalhar juntos, não se conhecem nem têm descrições para se reconhecerem. Uma variação do problema é que apenas um conhece o outro.

O problema está envolvido por causa das muitas condições que devem ser consideradas. É possível que A e B possam se encontrar e conversar. Também é bem possível que seja aconselhável nunca se encontrar. A pode ser de um estrato social totalmente diferente (por função ou fato), de modo que haveria poucos lugares onde A e B poderiam ir. Pode ser que por causa do trabalho de um (como um garçom), seja fácil ou impossível que a reunião ou identificação ocorra no local do trabalho. Muitos empregos limitariam materialmente as horas durante as quais o trabalhador poderia se ausentar para estar em outro local.

Outras condições também devem ser consideradas. Se A chegar a um aeroporto, trem ou estação de ônibus, pode ser necessário que B seja capaz de reconhecer A à distância e instantaneamente. Isso exigiria algum sinal ou sinal visível à distância e ainda não perceptível para os desinformados. Quase as mesmas condições se aplicariam se A e B se cruzassem na rua ou em uma praça ou parque público.

Outras placas e sinalizações poderiam ser melhores se o contato fosse feito no saguão de um prédio comercial, em um museu, galeria ou biblioteca. Ainda outros meios de identificação podem servir para a reunião em um restaurante, bar ou loja. É claro que nenhuma variação de roupa poderia ser usada no encontro entre dois banhistas em uma praia pública.

Em cada uma dessas situações, e em outras que vierem à mente, será lembrado que enquanto A deve reconhecer B, também é necessário que B identifique

R. E cada um deve ter uma forma de saber que o outro fez a identificação.

Como o problema tem tantas variações, é óbvio que deve haver diferentes meios de identificação disponíveis para atender às diferentes condições.

O dispositivo de sinalização mais óbvio pode ser chamado “O Crisântemo na Técnica de Casa de Botão”. Naturalmente, tal flor na lapela raramente seria adequada, mas exemplifica as qualificações que tal dispositivo de sinalização deve ter. Primeiro, uma flor na casa de botão não é uma prática incomum dos homens

em todos os lugares. Em segundo lugar, pode ser visto instantaneamente. Terceiro, tem cor e a cor atrai a atenção. Uma alternativa à cor é a diferenciação em tamanho. (Um crisântemo certamente é maior do que qualquer flor normalmente usada.) Quarto, por si só, o uso de uma flor não tem sentido. (Entretanto, no caso das flores, qualquer flor específica carece da qualificação básica de disponibilidade em qualquer lugar e em qualquer estação do ano.)

Pareceria melhor paradividem os métodos de sinalização em duas classificações:

aqueles para serem usados à distância e aqueles para uso próximo.

Considerando que todo método que ocorre a este escritor para a distância também pode ser usado para close-up, há vários métodos de close-up que têm uma sutileza que os torna admiráveis para esse propósito e podem servir a uma gama mais ampla de usos que a maioria dos métodos de distância.

Para sinalização à distância (exceto manual) são variações de vestimenta. Estes devem ser permitidos para não atrair a atenção e ainda claramente visíveis à distância para o observador conhecedor. Uma pena multicolorida em uma faixa de chapéu é um dispositivo desse tipo. Tais penas são geralmente usadas e a distinção visível, mas não perceptível, estaria na combinação de cores usadas. Uma gravata feita de material de um tom específico, ou com uma combinação de cores incomuns, pode ser usada. Amarrar uma gravata (de quatro na mão ou arco) com um nó incomum não pode ser visto à distância, mas pode ser usado de perto. Uma torção em um nó é facilmente vista por qualquer pessoa que esteja procurando e dificilmente será observada por qualquer outra pessoa. Mesmo quando notado, é atribuído ao erro e não à intenção. Variações no laço de uma faixa de chapéu também são fáceis de fazer e passarão despercebidas por quem não estiver especialmente procurando por ela. Aqui novamente, porém, a mudança no arco não pode ser vista a grande distância.



Variações de fitas e laçosem um pacote tornam-se sinais de reconhecimento secretos.

## Phil Franke

Carregando um pacote que é, para usar o termo da loja de varejo, “embrulhado para presente” pode ser visto à distância. O papel especial e/ou a cor da fita ou cordão podem ser vistos a uma distância incrível. Naturalmente, a situação teria que ser tal que levar um presente fosse natural e teria que haver um presente no pacote para a chance de ser aberto. Em vez de embrulhar o pacote para presente, pode-se usar papel comum e o papel é mantido fechado por vários elásticos coloridos e largos. Ou os elásticos podem ser colocados ao redor do pacote de maneira prescrita. Em vez de um pacote, um livro pode ser usado e mantido fechado pelos elásticos. Outra maneira de usar um livro seria cobri-lo com um papel protetor, como é comumente feito com livros escolares.

A tinta (invisível, exceto quando são usados óculos coloridos especiais) em embalagens, embalagens de livros ou etiquetas de bagagem pode ser vista à distância. O valor especial dessa tinta é que informações adicionais podem ser fornecidas escrevendo uma letra ou número de código grande.

Gesso de corte, esparadrapo, band-aids ou qualquer cobertura semelhante para cortes são um excelente dispositivo de sinalização. Pode ser usado no rosto em qualquer local onde se possa cortar ao fazer a barba, ou em quase qualquer parte das mãos, ou, ao nadar, no tornozelo ou no pé. A localização da fita, seu tamanho e sua forma podem ser usados para modificar o sinal, ou para torná-lo mais definido que é um sinal. Em alguns casos, pode ser necessário que a fita cubra um corte real na carne. Exceto por esse ponto, o método tem todas as vantagens possíveis e é útil à distância e de perto.

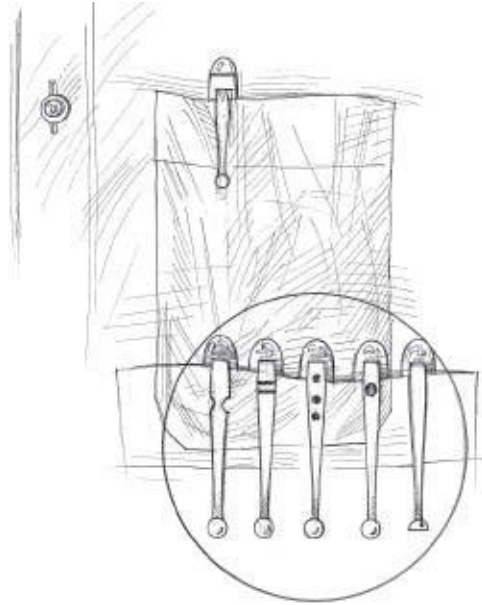
Embora alguns dos sinais a seguir também possam ser usados para distâncias consideráveis, a maioria é para uso próximo.

Pode ser bom salientar que a ausência de algo muitas vezes é um sinal tão útil quanto pode ser encontrado. A falta de um colete ou botão de manga, falta de cadarço no sapato de operário, ou laços diferentes, a ausência de um laço na fita de um chapéu, uma alça em apenas uma das pontas de uma mala, são exemplos de coisas faltantes que não atraem atenção, mas aparentemente estão ausentes para quem procura tal discrepância. Deve-se tomar cuidado para eliminar apenas os objetos, pois é mais improvável que a coincidência encontre faltando involuntariamente no vestuário ou equipamento de outra pessoa.

Cortar uma borracha na ponta de um lápis em forma de cunha ou ponta é um bom sinal de meia distância. O lápis, apontado para baixo, ficaria preso no bolso do paletó ou da camisa.

Outro sinal de meia distância seria a marcação de linha colorida de um lenço deixado saindo do bolso do peito. Tais fios são comumente

usado em muitas partes do mundo por lavanderias como identificação. Um monograma colorido em um lenço pode ser notado facilmente. Em qualquer caso, a cor usada seria o fator importante.



Phil Franke

Botões de lapela de organização, por causa de suas variações em forma, design e cor, são identificados de forma rápida e fácil. É claro que eles raramente, ou nunca, poderiam ser usados para o propósito em consideração, mas a ideia geral pode ser seguida com cliques de caneta e lápis. A ponta do clipe que sai do bolso é alterada para ser identificável. Isso pode ser feito arquivando o clipe para mudar sua forma, fazendo um ou mais furos nele ou colorindo-o com esmalte - tinta ou lacre colorido. Naturalmente, um clipe especialmente projetado é ainda melhor, pois seu padrão distinto pode ser tão sutil. Em outra página, há sugestões de designs para alterar cliques do tipo padrão.

Os cliques também podem ser feitos de uma variedade de objetos de metal facilmente obtidos. Por exemplo, um “ejetor de cravos” vendido em farmácias pode ser transformado em um clipe por aquecimento e dobra. O buraco é preenchido com lacre colorido. O custo — dez centavos pela ferramenta.

Nos casos em que A e B podem chegar a cerca de 4,5 metros um do outro, os cadarços são um excelente dispositivo de sinalização. Existem várias maneiras de usar cadarços e nenhuma delas será notada, desde que os cadarços sejam tratados de forma idêntica em ambos os sapatos.

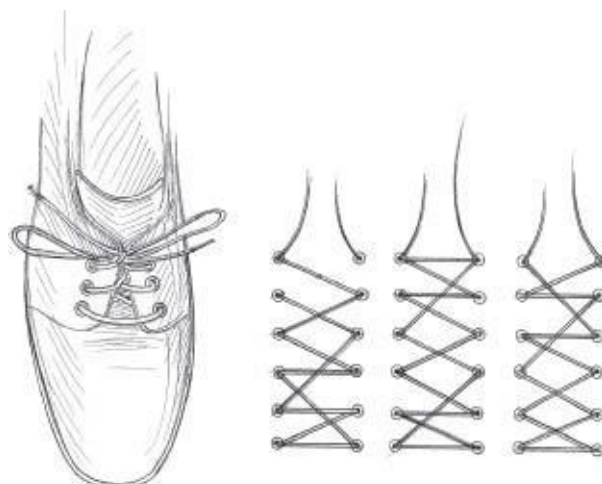
A primeira sugestão é fazer o cadarço correr como um fio duplo por

os ilhós mais próximos do peito do pé, ou seja, em direção aos dedos. Primeiro, o cadarço é cortado ao meio. Em seguida, a ponta de um cadarço é empurrada de dentro do sapato para cima através de um orifício, atravessando o peito do pé e descendo pelo orifício oposto. A ponta da outra metade é tratada da mesma maneira, mas é iniciada do lado oposto. Enquanto as pontas cortadas ainda estão fora do sapato, cada uma é amarrada, com um nó corrediço, ao redor do outro cadarço. As pontas dos cadarços são então desenhadas de modo a ter os dois nós dentro do sapato e cada um por um dos ilhós. (Veja a ilustração.) O sapato é amarrado da maneira normal. Para quem procura tal possibilidade, a renda dupla é fácil de distinguir. Ele nunca será visto por alguém que não esteja particularmente procurando por ele. Embora não seja notado, é sem razão, exceto para consertar um cadarço quebrado, onde os sapatos foram examinados.

Como os cadarços são inseridos nos sapatos de três maneiras padrão, qualquer desvio nessas maneiras torna-se útil para sinalização. Em outras páginas há ilustrações das formas padrão de amarrar os sapatos e várias maneiras pelas quais os sapatos poderiam ser amarrados, mas nunca são. Nenhum desses caminhos alternativos atrairá a atenção, mas cada um é muito óbvio para quem procura por tal sinal.

Usar um desses padrões de cadarço é uma excelente maneira de identificar uma pessoa. Como existem vários desses padrões, informações adicionais podem ser fornecidas pela escolha do padrão usado. “Tenho informações para você.” “Vou seguir sua instrução.” “Eu trouxe outra pessoa.” O que precisa ser dito não é para este escritor sugerir – apenas os meios para dizê-lo.

A alteração do design (como com os cadarços) atrai quase tanto a atenção da pessoa que o procura quanto a cor. Outra variante de design é usar um botão diferente em uma camisa ou colete. Embora os botões assim usados possam ser diferentes dos outros botões visíveis de várias maneiras aceitáveis, o uso de um botão de tamanho diferente é provavelmente a melhor variação e, em geral, esse botão é mais fácil de obter. O botão deve ser um pouco maior (ou menor) que os outros botões. Quando em uma camisa, e uma gravata é usada, a gravata deve ser uma que não cubra pelo menos dois botões. A diferença de tamanho é conhecida por comparação. Se alguém de fora percebesse um botão de tamanho estranho - o que é muito improvável - ele pensaria que o usuário simplesmente não tinha um botão correspondente para substituir um que ele havia perdido.



Variações de amarrar um cadarço podem ser usadas para sinalização.  
Phil Franke

Assim como as calças, como muitos homens as usam, seriam de comprimento para esconder os cadarços quando a pessoa está de pé, o uso ocupacional de um avental pode esconder os botões do colete. Nenhum desses sinais pode ser usado em todas as ocasiões, mas ambos são muito bons nos momentos em que podem ser usados.

Outra variação de vestuário semelhante é o uso de um ilhó em um orifício de fivela de um cinto que não possui essa proteção de metal em nenhum dos outros orifícios.

O velho truque de colegial de enfiar uma tachinha no calcanhar de um sapato também pode ser útil em algumas ocasiões. É algo que pode ser adquirido acidentalmente e para evitar a possibilidade de uma tachinha inadvertida estar no calcanhar da pessoa errada, a tachinha usada para o sinal deve ser presa em um local especificado no calcanhar direito. Encontrar uma tachinha em um determinado local, no calcanhar direito, em um determinado dia, em um determinado local e hora, de uma segunda pessoa seria pedir muita coincidência.

Um método de atrair a atenção, e feito para esse propósito óbvio, é gritar. “Oi, Pete”, ou “Aya, Pedro”, ou qualquer ligação desse tipo é feita com o propósito óbvio de chamar a atenção da pessoa chamada. Se o interlocutor estiver com três quartos de vista para a pessoa cuja atenção ele realmente deseja atrair, em vez do Pete imaginário, o grito servirá ao seu propósito e sem conectar as duas pessoas. Naturalmente, assim que a chamada for feita, o interlocutor deve acenar uma saudação para o Pete imaginário, e naturalmente, deve haver vários homens naquela direção, para que ninguém possa saber da inexistência de Pete. Este meio de atrair a atenção só é possível onde há uma multidão, como em uma estação ferroviária, mas se a multidão fosse grande o suficiente, poderia ser a única maneira rápida. O nome usado

deve ser encontrado de alguma forma em todos os idiomas e de certa forma ser algo como o “Hey Rube” que as pessoas de circo usam para emergências.

O reconhecimento do reconhecimento é o mais importante, pois, caso contrário, nenhuma das pessoas poderia ter certeza de que a outra notou seu sinal. Além disso, seria mais seguro se o reconhecimento do reconhecimento também fosse reconhecido. Se isso fosse feito, cada pessoa estaria certa da consciência do outro de sua presença.

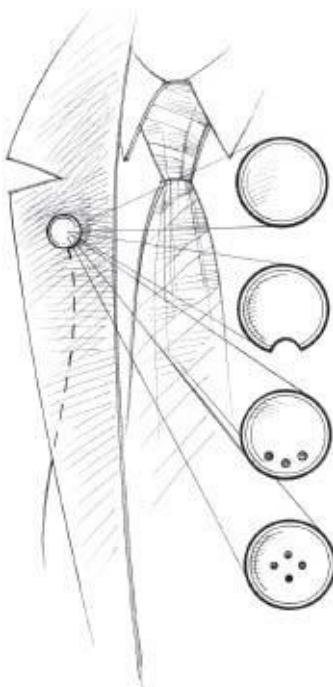
À distância, o ato de esfregar a nuca sob a gola pode ser visto facilmente. Parece ser um ato muito natural e não atrai a atenção, mas é algo que quase nunca é feito. Observe que não está coçando a nuca, mas esfregando com as pontas dos dedos e com os dedos retos.

A uma curta distância, os sinais de fumar ou beber podem ser usados para reconhecimento. Pode ser melhor sinalizar um número designado se tais sinais forem usados.

Onde o contato é entre garçom e cliente, ou funcionário e cliente, o reconhecimento pode ser pelo cliente pedindo algo incomum, mas não muito estranho. Ou o garçom poderia oferecer um serviço ou item que seria o sinal de reconhecimento. Em cada caso, o sinal seria verbal, mas sem significado especial, exceto para as pessoas que o ouvissem.

O reconhecimento pode ser tocar no botão especial, clipe, cadarço, etc. por quem tem o sinal original. O reconhecimento pode usar uma variedade maior de métodos naturais do que seria viável para os sinais originais. Tudo o que é necessário é que sejam simples, rápidos e naturais.

Um tipo comum de botão é feito com um olho, afixado a uma haste, que se projeta da parte de trás do botão. Esses botões sempre são usados para uniformes e, frequentemente, em sobretudos e outras roupas. Esses botões geralmente são feitos de plástico.



Um botão de casaco pode ser facilmente marcado para transmitir um sinal.  
Phil Franke

Esse botão pode ser usado no caseado da lapela do casaco. Um cordão é amarrado ao botão e o cordão desce até o bolso do peito do casaco. Na outra ponta do cordão deve ser fixado um relógio, chave, estojo de óculos ou qualquer outro objeto que seja de fácil acesso e que seria uma desvantagem para o seu dono caso fosse perdido. Esse botão não é diferente daqueles feitos comercialmente para esse uso.

Um botão, como um desses, pode ser visto a uma distância razoável e, portanto, é útil para fins de identificação. Ao arquivar ou perfurar um desses botões, informações adicionais podem ser fornecidas. (Veja o esboço.)

Os botões de metal podem ser deixados com o acabamento (geralmente latão ou cromo) dado na fábrica ou podem ser coloridos com tinta esmalte. Os botões de madeira podem ser deixados como madeira natural, ou podem ser tingidos ou pintados. Botões de plástico podem ser comprados em uma variedade bastante ampla de cores.

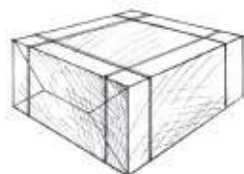
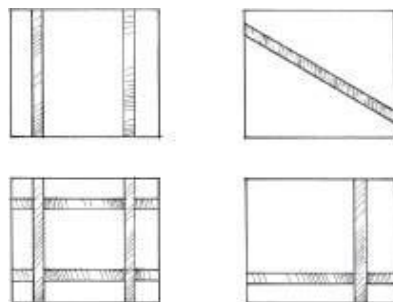
O tamanho do botão, sua cor e seu design podem ser usados para chamar a atenção de quem está olhando.

Esses botões também podem ser usados por mulheres para fins de identificação. Um método seria usar o botão como um enfeite – um pedaço de fita poderia ser puxado pelo olho e todo o “botão e laço” preso do outro lado do pano com um alfinete de segurança. Em material com trama solta, os fios de

o pano pode ser afastado o suficiente para que o olho atravesse o pano sem causar nenhum dano. Novamente, o botão (desta vez menos a fita) seria mantido no lugar com um alfinete de segurança. O botão, seja de metal brilhante ou de cor adequada, pode ser uma atraente peça de enfeite de fantasia. O botão também pode ser empurrado através de um buraco feito em uma bolsa e usado com uma corda segurando uma chave de porta - o botão ficaria do lado de fora da bolsa.

Laços de fita (sem o botão) pode ser usado para fins de ornamentação (assim como identificação) por mulheres. Os laços geralmente são usados no decote ou, como uma flor, logo abaixo do ombro. Para este propósito especial, o laço deve ser de fita de determinada cor, ou cores, e amarrado de uma maneira observável diferente. (Veja esboços de duas maneiras de amarrar a fita.) Uma pulseira de fita também pode ser usada. Aqui, também, a cor ou cores da fita e a forma como o nó é feito são os meios de identificação. Muito cuidado deve ser tomado quando a identificação da fita é usada por uma mulher para que o homem saiba o que está procurando. Se fosse um encontro de mulher para mulher, essa dificuldade não existe. Os homens não visualizam uma reverência dupla (ou qualquer outro tipo) da descrição de uma mulher. A maioria dos homens também não tem ideia de cores a partir dos nomes das cores pelas quais as mulheres os identificam. O conhecimento dos homens em geral sobre as cores limita-se em grande parte às cores dos semáforos, às cores da escola e às que não gostam. Então meninas, ajudem-nos.

Faixas largas de borracha em torno de um pequeno pacote embrulhado, ou em torno de um livro, podem ser vistas a uma distância de quinze metros. O padrão formado pelo número de faixas e a forma como elas são colocadas ao redor do objeto podem fornecer informações adicionais. (Veja os esboços.) Deve-se notar que o livro usado é desembulhado e não pode ser de uma cor tão escura ou um desenho complicado que os elásticos se tornem invisíveis.



Elásticos em torno de um enroladopacote foram úteis para sinalização.  
Phil Franke

Esse tipo de pacote também pode ser carregado por um homem, embora com um homem possa, embora seja improvável, ser notado porque é uma maneira um tanto elaborada de fazer um pacote.

O gesso de corte e a fita do cirurgião sugeridos para uso por homens podem ser usados por mulheres mediante adaptações. Um Band-Aid pode ser usado no dedo ou no dorso da mão. Em vez de fita adesiva no rosto, uma mulher pode usar manchas de beleza. Se forem usados pontos de beleza, deve haver uma compreensão definida de sua (ou sua) localização. Pode ser bom também ter um tamanho e design específicos decididos. O design pode ser um oval em vez de um círculo. Não deve ser uma borboleta, ou coração, ou outro padrão que por causa de seu desenho atrairia a atenção.

Várias das idéias sugeridas para uso por homens também podem ser usadas por mulheres.

Muitos não podem. Nenhuma mulher estaria certa de passar despercebida se esfregasse a nuca. Um homem poderia empurrar o chapéu para a parte de trás da cabeça para reconhecer ter recebido um sinal. E tal ação com um homem passaria despercebida, pois é bastante natural. Para uma mulher empurrar o chapéu para trás da cabeça seria um ato tão fantástico que todos olhariam.

Brincar com um colar ou pulseira, por outro lado, é para uma mulher semelhante à maneira como um homem brinca com uma corrente de relógio. Normalmente, para as coisas que um homem faz naturalmente, há ações-contrapartes que uma mulher pode fazer naturalmente. Mas é preciso ter em mente que poucas dessas ações são idênticas.

Nenhuma tentativa deve ser feita para conhecer e procurar todos os vários sinais e códigos sugeridos nestas páginas. O que foi estabelecido são apenas sugestões. Alguns podem ser considerados inutilizáveis como dados, alguns podem ser adaptados e feitos de uso, e alguns podem ser úteis apenas para iniciar uma tendência de pensamento em direção a métodos utilizáveis. O ponto é que o que quer que seja usado deve ser decidido muito antes de ser necessário. Cada detalhe, então, deve ser estudado e totalmente compreendido por todos que possam ser chamados a usar o método. Qualquer material que seja bem sucedido é bom. O sucesso dependerá das pessoas, e quando um dos elementos é uma pessoa, não pode haver certeza de sucesso a menos que essa pessoa tenha pleno conhecimento e compreensão. Ninguém pode ter certeza de que possui tal conhecimento e compreensão até que tenha realmente experimentado o método para sua satisfação e sob circunstâncias calmas. No uso real, há muitas distrações para tentar lembrar detalhes não memorizados.

## NOTAS

1. João Marcos, *A busca pelo candidato da Manchúria* (Nova York: WW Norton & Company, 1979), p. 204.
2. O complexo da sede da Agência Central de Inteligência, o George Bush Center for Intelligence, está localizado em Langley, VA. Ver [www.cia.gov/about-cia/todays-cia/george-bush-center-for-inteligencia/index.html](http://www.cia.gov/about-cia/todays-cia/george-bush-center-for-inteligencia/index.html)
3. Grupo de Estudo Especial, JH Doolittle, Presidente, Relatório sobre o Encoberto *Atividades da Agência Central de Inteligência* (desclassificado), 30 de setembro de 1954, pp. 6-7.
4. Henry Kissinger, discurso da Universidade de Georgetown, maio de 2008.
5. Para uma explicação das tintas secretas, ver Robert Wallace e H. Keith Melton, *Spycraft: The Secret History of the CIA's Spys from Communism to Al-Qaeda* (New York: Dutton Books, 2008), pp. 427–437.
6. Arthur C. Clarke, *Perfis do Futuro* (Nova York: Harper & Row, 1962).
7. A conscientização pública sobre os perigos da “guerra mental” surgiu depois que o romance de Richard Condon de 1959, *The Manchurian Candidate* (Nova York: McGraw-Hill), tornou-se um filme de sucesso em 1962. como um assassino comunista em um plano para derrubar o governo dos EUA.
8. Allen Dulles, “Brain Warfare,” Discurso na Conferência Nacional de Ex-alunos do Conselho de Pós-Graduação da Universidade de Princeton, Hot Springs, VA, 10 de abril de 1953.
9. Alguns dos conceitos do MKULTRA foram parcialmente pesquisados pelo Escritório de Serviços Estratégicos na Segunda Guerra Mundial e mais tarde em programas autorizados da CIA, como o “Projeto Bluebird” (1950) e o “Projeto Alcachofra” (1951), que estudava controle mental, interrogatório e modificação de comportamento. Veja John Waller, “The Myth of the Rogue Elephant Interred,” *Studies in Intelligence*

22:3 (Washington, DC: Inteligência Central Agência, 1978), p. 6.

10. Declaração preparada do Almirante Stansfield Turner na Audiência Conjunta Diante do Comitê Seletor de Inteligência e do Subcomitê de Saúde e Pesquisa Científica do Comitê de Recursos Humanos, Senado dos Estados Unidos, 95º Congresso, 1ª Sessão, 3 de agosto de 1977. O DCI agrupou os 149 subprojetos do MKULTRA em quinze categorias. Entre eles estavam (1) pesquisa sobre modificação de comportamento, aquisição e teste de drogas e administração clandestina de drogas, (2) mecanismos financeiros e de cobertura para cada um dos subprojetos, (3) subprojetos, dos quais 33, financiados pelo MKULTRA guarda-chuva, mas não relacionados a modificação comportamental, drogas ou toxinas. A pesquisa do polígrafo e o controle da atividade animal foram exemplos oferecidos. O processo de eliminação gradual de todos os projetos MKULTA exigiu vários anos.
11. Veja o Projeto MKULTRA, o Programa de Pesquisa em Modificação Comportamental da CIA: Audiência Conjunta Diante do Comitê Seletor de Inteligência e o Subcomitê de Saúde e Pesquisa Científica do Comitê de Recursos Humanos, Senado dos Estados Unidos, 95º Congresso, 1ª Sessão, 3 de agosto de 1977 Publicado pelo US Government Printing Office, 1977, p. 69. Veja também  
H. Keith Melton, *Armas e equipamentos especiais da CIA: dispositivos de espionagem da Guerra Fria* (Nova York: Sterling Publishing, 1993), p. 115.
12. No site do Projeto Frank Olson ([www.FrankOlsonProject.org/Documents/DeepCreekMemo.html](http://www.FrankOlsonProject.org/Documents/DeepCreekMemo.html)) são imagens de dois documentos supostamente encontrados em uma gaveta da escrivaninha da casa da família que parecem ser o convite original da CIA para o encontro de Deep Creek em 1953.
13. Associated Press, “Family in LSD Case Gets Ford Apology”, New York Times Magazine, 22 de julho de 1975. Essas ações não encerraram permanentemente o caso e o promotor público da cidade de Nova York reabriu a investigação em 1998. Ver Carta do Assistente de Nova York Promotor Distrital Stephen E. Saracco ao Gabinete do Conselho Geral, CIA, 1º de maio de 1998.
14. Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, *A Espada e o Escudo: O Arquivo Mitrokhin e a História Secreta da KGB* (Nova York: Basic Books, 1999), pp. 358-359.
15. Ibid.
16. Ibid., pp. 359, 361. O dispositivo havia sido produzido na inteligência

laboratório de armas secretas do serviço em Khozyaistvo Zheleznovo. O próprio Khokhlov se tornaria alvo de uma tentativa da KGB em 1957 de envenená-lo usando tálio radioativo - selecionado na crença de que se degradaria e não deixaria vestígios da causa de sua morte.

17. Ibid., pág. 361. Para fotos de armas de assassinato da KGB, veja H. Keith Melton, *The Ultimate Spy Book* (New York: DK Publishing, 2002), pp.182–187. Operações soviéticas de assassinato continuou durante a Guerra Fria, e em 1978, a KGB forneceu a infame arma guarda-chuva de ricina ao serviço de inteligência búlgaro (DS) para a operação em Londres que matou o dissidente Georgi Markov.
18. “Colby revelou que a agência em 1952 iniciou um programa de pesquisa super-secreto, codinome MKNAOMI, em parte para encontrar contramedidas para armas químicas e biológicas que poderiam ser usadas pela KGB russa. O ex-diretor da CIA Richard Helms relatou que um agente da KGB usou dardos envenenados e spray venenoso para assassinar dois líderes de libertação ucranianos na Alemanha Ocidental. A CIA também queria encontrar um substituto para a pílula L de cianeto, a cápsula suicida usada na Segunda Guerra Mundial. O cianeto leva até 15 minutos para funcionar e causa uma morte dolorosamente dolorosa por asfixia.” “Of Dart Guns and Poisons”, *Time*, 29 de setembro de 1975.
19. Ibid.
20. Ibid. O artigo cita Charles Sweeny, que é identificado como ex-engenheiro do Departamento de Defesa e testemunhou sua participação em testes conjuntos entre a CIA e o Departamento de Defesa na década de 1960.
21. MKULTRA Briefing Book, Agência Central de Inteligência, janeiro de 1976; lançado em 1999.
22. Para obter uma lista das substâncias, veja “The Exotic Arsenal”, *Time*, 29 de setembro de 1975.
23. Larry Devlin, *Chefe da Estação, Congo* (Assuntos Públicos, Nova York, 2007), pp. 94–95. Lumumba foi posteriormente executado pelas autoridades de Katangan, veja “Correspondent: Who Killed Lumumba-Transcript”, BBC, 36.00.57.
24. Roger Morris, “Lembre-se: Saddam era nosso homem. A Tyrant 40 Years in the Making”, *New York Times*, 14 de março de 2003.
25. MKULTRA Briefing Book, Agência Central de Inteligência, janeiro de 1976.

## 26. “Ata da Reunião do Grupo Especial (Aprimorado) em Operação

Mangusto em 4 de outubro de 1962.” procurador dos EUA o general Robert Kennedy e o diretor da CIA John McCone estavam presentes. Documento original na Biblioteca Gerald R. Ford.

27. Comitê seletivo do Senado dos EUA para estudar operações governamentais com respeito às atividades de inteligência, supostas conspirações de assassinato envolvendo líderes estrangeiros: um relatório provisório, 94º Congresso, 1ª sessão (Relatório do Senado Número 94-465), 20 de novembro de 1975, p. 71.
28. Ibid., p. 72.
29. Ibid.
30. David Atlee Phillips, *The Night Watch* (Nova York: Atheneum, 1977), p. 91.
31. Warren Hinkle e William Turner, *O Peixe é Vermelho: A História da Guerra Secreta Contra Castro* (Nova York: Harper & Row, 1981), pp. 30–31, e Senado dos Estados Unidos, *Alegada conspiração de assassinato envolvendo líderes estrangeiros*, p. 73.
32. David Wise e Thomas B. Ross, *O Estabelecimento de Espionagem* (Nova York: Random House, 1970), p. 130.
33. Senado dos EUA, *supostas conspirações de assassinato envolvendo líderes estrangeiros*, p. 85. 34. Ibid., pp. 85-86.
35. Ibid.
36. Ibid., pp. 88-89. Blackleaf-40 é um concentrado comercialmente disponível de sulfato de nicotina usado para horticultura e contendo 40 por cento de nicotina alcalóide como parasiticida. (Veja Saunders *Comprehensive Veterinary Dictionary*, 3ª edição.) O plano era que Cubela (codinome AMLASH), um médico, preparasse a caneta com veneno depois de retornar a Cuba. Em vez de continuar com o plano em um momento em que a segurança pessoal de Castro estaria no limite após o assassinato do presidente Kennedy, Cubela descartou a caneta em Paris.
37. *Compilação semanal de documentos presidenciais*, volume 12 (23 de fevereiro de 1976), p. 15.
38. Ben Robinson, *MagiCIA: Vida Secreta de John Mulholland* (Lybrary.com, 2008), p. 84, afirma que Mulholland chamou a atenção da CIA “por causa do encontro cara a cara da agência com um suposto psíquico” e que ele poderia ajudar a CIA como seu melhor crítico consultor.

em sua busca pelo

“poderes ilimitados da mente”. O obituário do New York Times de 26 de fevereiro de 1970 para John Mulholland faz referência a seus livros sobre magia, apresentações em mais de quarenta países e shows de caridade para a Sra. Franklin D. Roosevelt.

39. O obituário de Mulholland no New York Times cita que seu primeiro livro, *Beware of Familiar Spirits*, uma exposição de médiuns e adivinhos fraudulentos, foi publicado em 1938. Seus livros posteriores incluíram *Quicker Than the Eye*, *Story of Magic*, *The Art of Illusion*, e em 1967, *A Mente Mágica*. Veja “John Mulholland, Magician and Author, 71, Dies”, *New York Times*, 26 de fevereiro de 1970.
40. Documento MKULTRA 4–29. Carta para Dr. Sidney Gottlieb, 10 de abril de 1973.
41. MKULTRA Briefing Livro, pág. 13.
42. Robinson, *Magician*, p. 88. Robinson reimprime uma carta em papel timbrado da Chemophyl de Grifford (Gottlieb) para Mulholland datada de 3 de maio de 1953. Uma confirmação do nome de capa do Dr. Gottlieb é encontrada em um recibo nos papéis do autor do escritório do TSS Budget em julho de 1953 para um pagamento de trezentos dólares para Mulholland como parte do Subprojeto 4 e contém o nome datilografado Sherman C. Grifford. As iniciais SG eram as mesmas para Sidney Gottlieb e Sherman Grifford.
43. Robinson, *Mago*, pág. 169. As iniciais comuns de SG para Sherman Granger/Sidney Gottlieb permaneceram consistentes.
44. *Ibid.*, pp. 98-99.
45. Memorando para o Registro, Projeto MKULTRA, Subprojeto 34, Agência Central de Inteligência, Documento MKULTRA 34–46, 1º de outubro de 1954.
46. Memorando para o Registro, “Definição de uma Tarefa sob MKULTRA Subprojeto 34”, Agência Central de Inteligência, Documento MKULTRA 34–39, 25 de agosto de 1955.
47. Memorando para Registro, “MKULTRA, Subprojeto 34–39”, 20 de junho de 1956.
48. Michael Edwards, “A Esfinge and the Spy: The Clandestine World of John Mulholland,” *Genii: The Conjurors' Magazine*, abril de 2001.
49. Marks, *The Search for the Manchurian Candidate*, p. 204.

50. Não classificadoMemorando da CIA datado de 23 de janeiro de 1977, nos arquivos do autor.

51. Marks, *The Search for the Manchurian Candidate*, p. 219.
52. Evan Thomas, *The Very Best Men: Four Who Dared: The Early Years of the CIA* (New York: Simon & Schuster, 1996), p. 212.
53. “John Mulholland, mágico e Autor, 71, Morre.”
54. Joseph Treaser, “CIA Hired Magician in Behavior Project”, *Novo York Times*, 3 de agosto de 1977.
55. Eduardo, “A Esfinge e o Espião: O Mundo Clandestino de John Mulholland.”
56. Ibid.
57. Robinson, *MagiCIA*, p. 136. Robinson comentou que, embora apenas 46 por cento do manual original tenha sido tornado público, sua posse das notas manuscritas originais de Mulholland e o rascunho do manual da coleção Milbourne Christopher permitiram que ele “juntasse quais informações o governo reteve da inspeção pública .”
58. John Mulholland, “Algumas Aplicações Operacionais da Arte da Decepção”, 1953.
59. Jim Steinmeyer, *Hiding the Elephant: How Magicians Invented the Impossible and Learned to Disappear* (Nova York: Carroll & Graf, 2003), p. 80.
60. Dariel Fitzkee, *Magic by Misdirection* (Pomeroy, OH: Lee Jacobs Publication, 1975), p. 69.
61. Um “dead drop” é uma forma segura de comunicação impessoal que permite que o agente e o manipulador troquem materiais (dinheiro, documentos, filmes, etc.) sem um encontro direto. Dead drops eram “operações cronometradas” nas quais o pacote descartado permanecia em um local por apenas um curto período de tempo até ser recuperado pelo agente ou pelo manipulador.
62. Henrietta Goodden, *Camuflagem e Arte: Design e Decepção em Guerra Mundial 2* (Londres: Unicorn Press, 2007), p. 34.
63. Boyer Bell e Barton Whaley, *Cheating and Deception* (New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1991), pp. 78-80.
64. Os novos motores diesel Grey Marine 671 aumentaram a velocidade dos barcos de

três a quinze nós para operações de infiltração. Veja Wallace e Melton, *Spycraft*, p. 281. Fotografias dos juncos modificados são mostradas no segundo suplemento de fotos da *Spycraft* seguindo a p. 358.

65. Em uma entrevista de 1998, Tony Mendez comentou que as equipes de vigilância da KGB, confrontadas com a escolha entre “acreditar em seus olhos” – e assim admitir que haviam perdido de vista seu alvo de vigilância da CIA – ou racionalizar o lapso de vigilância como sendo inconsequente, invariavelmente escolhiam o último.
66. Apresentação de Tony e Jonna Mendez no International Spy Museum, Washington, DC, 27 de outubro de 2008.
67. Benjamin Weiser, *Uma Vida Secreta: O Oficial Polonês, Sua missão secreta e o preço que ele pagou para salvar seu país* (Nova York: Public Affairs, 2000), pp. 74–75.
68. *Ibid.*, p. 77.
69. *Ibid.*
70. Os autores refizeram cada uma das histórias de Hanssen e identificaram locais mortos e notaram suas semelhanças. A maioria dos locais parecia fornecer acesso rápido a partir de um local de estacionamento próximo, boa “cobertura” da folhagem e, após chegar aos locais, excelente visibilidade das trilhas que levam a eles.
71. A eventual prisão de Hanssen em 21 de fevereiro de 2001, não foi resultado de má gestão de palco ou ofício desleixado, embora ele fosse certamente culpado do último. Em uma entrevista com Melton em dezembro de 2007, o oficial aposentado da CIA Brian Kelley contou que Hanssen se tornou complacente. Ele foi observado ao atender suas gotas mortas por duas senhoras de seu bairro que estavam andando pelo parque nas primeiras horas da manhã e o viram deitado de bruços em uma passarela no parque perto de sua casa em Viena, Virgínia. O incidente não foi relatado antes de sua prisão e, na época, as mulheres pensaram que Hanssen estava envolvido em uma transação de drogas. O oficial de inteligência aposentado Victor Cherkashin, o primeiro manipulador da KGB para Robert Hanssen e Aldrich Ames, alega que as informações sobre o espião foram fornecidas pela primeira vez por um oficial sênior aposentado do SVR, criptônimo VINGADOR. De acordo com Cherkashin, essa informação levou a CIA a Ames, e depois a outro oficial aposentado da KGB, que deu a eles os arquivos KGB/SVR sobre Hanssen em novembro de 2000. Veja Cherkashin, *Spy Handler: Memoir of a KGB Officer: A verdadeira história do homem que recrutou Robert Hanssen e Aldrich Ames* (New York: Basic

Livros, 2005), p. 251.

72. Antonio J. Mendez, *O Mestre do Disfarce: Minha Vida Secreta na CIA* (Nova York: Morrow, 1999), pp. 140-141.
73. Entrevista de Keith Melton em Moscou com Yuri Kobaladze, julho de 1995. Kobaladze era um ex-oficial de inteligência da KGB na rezydentura de Londres e trabalhava para Gordievsky. Kobaladze tornou-se o primeiro assessor de imprensa do SVR após o colapso da União Soviética e foi promovido ao posto de general.
74. Entrevista de Keith Melton com Oleg Gordievsky em 4 de julho de 1995, em sua residência nos arredores de Londres, Inglaterra.
75. Para uma explicação ilustrado truque das “rolhas intransitáveis”, veja:<http://magic.about.com/od/libraryofsimletricks/ss/magiccorks.htm>.
76. Tony Mendez, “A Classic Case of Deception”, Centro para o Estudo da Inteligência, Agência Central de Inteligência, [www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/winter99-00/art1.html](http://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/winter99-00/art1.html).
77. Harry Kellar foi o principal mágico de palco no início de 1900. Citado da revisão de Jim Steinmeyer de *The Master of Disguise: My Secret Life in the CIA* por Antonio Mendes. Estudos em Inteligência, [www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-inteligência/kent-csi/docs/v46ila09p.htm](http://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-inteligência/kent-csi/docs/v46ila09p.htm).
78. Weiser, *Uma Vida Secreta*, p. 66.
79. Veja a foto, Melton, *The Ultimate Spy Book*, p. 79.
80. Melton entrevista em maio de 2008 com ex-oficial disfarçado discutindo exemplos aprendidos no Reino Unido de operações infiltrando membros suspeitos do IRA.
81. Mendez contou os conselhos dados a ele no início de sua carreira na CIA, conforme citado na revisão de Jim Steinmeyer de *The Master of Disguise: My Secret Life in the CIA* por Antonio Mendes. Estudos em Inteligência, [www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/docs/v46ila09p.htm](http://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/docs/v46ila09p.htm).
82. O termo walk-in é usado por profissionais de inteligência para se referir a uma ampla gama de voluntários, como walk-ups, write-ins ou call-ins.

83. Em 1968, não existia nenhuma categoria do Oscar para reconhecer “maquiagem

efeitos.” John Chambers recebeu prêmio honorário por seu trabalho de maquiagem no filme de 1968 *Planeta dos Macacos*. Consulte Banco de dados de filmes de variedades, <http://www.variety.com/review/VE1117794029.html?categoryid=31&cs=1>. Uma das máscaras que Chambers criou para *Planet of the Apes* foi emprestada por Tony Mendez ao International Spy Museum em Washington, DC, onde está exposta na seção de disfarces da “Spy School”.

84. Como o FBI identifica um traidor geralmente não é explicado, mas na maioria das vezes as dicas vêm de desertores ou de operações de contra-espionagem para penetrar nos serviços de inteligência opostos. O agente especial do FBI Earl Edwin Pitts, o ex-funcionário da NSA Robert Lipka e o tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA George Trofimoff foram todos vítimas de tais “dicas” e de sua própria ganância.
85. Dong-Phuong Nguem, “Trofimoff, 75, sentenciado à vida na prisão por espionagem”, *St. Petersburg Times*, 28 de setembro de 2001.
86. Existem outras teorias para explicar a passagem de Houdini pela parede. Walter Gibson e Morris Young fornecem uma descrição e ilustração (*Houdini on Magic* [Nova York: Dover, 1953], p. 221) mostrando a parede de tijolos sobre um tapete. Houdini é retratado espremendo-se sob a parede no espaço frouxo criado quando um alçapão subjacente é aberto para fazer o tapete ceder. Para a explicação de Adams sobre o truque usando uma técnica diferente, veja [blog.modernmechanix.com/2008/03/13/exposing-houdinis-tricks-of-magic/?Qwd=.%2FModernMechanix%2F11-1929%2Fhoudinis\\_tricks&Qif=houdinis\\_tricks\\_0.jpg&Qiv=thumbs&Qis=XL#qdi](http://blog.modernmechanix.com/2008/03/13/exposing-houdinis-tricks-of-magic/?Qwd=.%2FModernMechanix%2F11-1929%2Fhoudinis_tricks&Qif=houdinis_tricks_0.jpg&Qiv=thumbs&Qis=XL#qdi)
87. *Ibid.*
88. No filme *O Prestígio*, de 2006, o mágico parece alcançar o impossível, o do transporte humano pelo palco. Apenas nas cenas finais é explicado que usar um irmão gêmeo idêntico invisível criou a ilusão.
89. Antonio e Jonna Mendez, *Spy Dust: Two Masters of Disguise Reveal the Tools and Operations that Helped Win the Cold War* (Nova York: Atria Books, 2002), pp. 254–273. Esses oficiais técnicos aposentados da CIA e ex-chefes de disfarce relatam uma detalhada transferência de identidade e exfiltração de um casal (codinome ORB e sua esposa) de Moscou. O relato deles sobre a fuga provavelmente é higienizado para salvaguardar a identidade dos indivíduos envolvidos.
90. Para uma descrição do desenvolvimento do JIB, veja Wallace e Melton, *espionagem*, págs. 130–131. O ex-oficial de inteligência Edward Lee Howard, que

tinha completado treinamento clandestino para um posto em Moscou, foi demitido pela CIA em 1983 e depois traiu segredos para a KGB. Em 1985, enquanto morava no Novo México, Howard empregou um JIB caseiro para escapar da vigilância do FBI e fugiu para Moscou. Veja *Spycraft*, pp. 154–155.

91. Palestra inédita de Keith Melton, “The Evolution of Tradecraft”, apresentada pela primeira vez em 2001.
92. O arquivo de Keith Melton tem a Segunda Guerra Mundial fotografias do British Inter-Services Research Bureau com a camuflagem de vaca-borracha aberta para mostrar a equipe de dois homens, assim como fechada.
93. Kenneth Silverman, *Houdini!: A Carreira de Ehrich Weiss* (Novo York: HarperCollins, 1996), pp. 99-100.
94. *Ibid.*
95. William Kalush e Larry Sloman, *A vida secreta de Houdini: a criação do primeiro super-herói da América* (Nova York: Atria Books, 2006), pp. 132–133.
96. *Ibid.*, p. 133.
97. Um dedo oco adicional foi usado como ocultação na palma da mão.
98. Kalush e Sloman, *A Vida Secreta de Houdini*, p. 133.
99. *Ibid.*, pp. 97-99.
100. *Ibid.*, p. 100.
101. *Ibid.*, p. 233.
102. Clayton Hutton, *Segredo Oficial* (Londres: Max Parish, 1960), pp. 2–3.
103. *Ibid.*, pág. 5.
104. *Ibid.*, pág. 7.
105. *Ibid.*, p. 287.
106. MRD Foot e James Langley, *MI9: Fuga e Evasão* (Londres: Bodley Head, 1979), pp. 34-35.
107. Eventualmente, a segurança alemã soube dos fios da direita e o MI9 mudou para um ajuste de pressão. A guerra terminou antes que os guardas alemães tomassem conhecimento da evolução final do design. Veja H. Keith Melton, *OSS Especial*

*Armas e Equipamentos: Dispositivos de Espionagem da Segunda Guerra Mundial*(Nova York: Sterling Publishing, 1991), p. 113.

108. Foot e Langley, MI9: Fuga e Evasão, p. 109.
109. O sapato Mokana usava um salto oco como ocultação para ferramentas de fuga. Ver: Will Goldston, *Tricks and Illusions for Amateur and Professional Conjurers* (Londres: George Routledge & Sons), 1920, pp. 138, 140. Ver também Kalush e Sloman, *The Secret Life of Houdini*, p. 179.
110. Kalush e Sloman, *A Vida Secreta de Houdini*, p. 179.
111. Charles Fraser-Smith, *A Guerra Secreta de Charles Fraser-Smith* (Londres: Michael Joseph, 1981), capa.
112. Hutton, *Segredo Oficial*, suplemento fotográfico seguinte pág. 48.
113. Charles Connell, *The Hidden Catch* (Londres: Elek Books, 1955), fotografia anterior p. 65.
114. Veja o artigo de Steranko, *Genii: The Conjurers' Revista*, outubro de 1964.
115. Kalush e Sloman, *A Vida Secreta de Houdini*, p. 179.
116. H. Keith Melton, *Armas e equipamentos especiais da CIA: dispositivos de espionagem da Guerra Fria*(Nova York: Sterling Publications, 1993), p. 106. Leatherman é uma multiferramenta comercialmente disponível. Veja: <http://www.leatherman.com/multi-ferramentas/default.aspx>.
117. Kalush e Sloman, *A Vida Secreta de Houdini*, pp. 178, 181.
118. Melton, *Armas Especiais da CIA*, p. 75.
119. *Ibid.*, p. 72.
120. Eddie Sachs, *Sleight of Hand: A Practical Manual of Legerdemain* (Londres, LU Gill 1885), p. 2, “Anteriormente, os conjuradores apareciam vestidos com longas túnicas e chapéus altos e pontudos, ambos cobertos com sinais e símbolos místicos. Robert Houdini, a quem podemos considerar o pai da conjuração moderna, sendo o primeiro a atuar no agora convencional vestido de noite. Essa inovação teve o efeito de aumentar a genuinidade do desempenho, pois era fácil esconder grandes artigos sob um manto esvoaçante, como o usado anteriormente; mas o terno justo não oferece nenhum meio de ocultação - para as mentes da platéia, pelo menos.

121. Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 228–229, descreve um sobretudo feito sob medida para esconder um dispositivo de espionagem que um oficial da CIA carregou por semanas até ter a oportunidade de instalar o bug.
122. Fitzkee, *Magia por desorientação*, pág. 87.
123. As Operações Especiais Britânicas, Executivo (SOE) criaram coletes e vários estilos de cintos de dinheiro na Segunda Guerra Mundial para esconder pilhas de dinheiro ou pequenos equipamentos. A roupa especial camuflava a “carga” em bolsos projetados para caber na parte inferior das costas do usuário na parte superior do tórax para evitar a detecção. Para fotografias veja: Mark Seaman, *Secret Agent's Handbook: The WWII Spy Manual of Devices, Disguises, Gadgets, and Concealed Weapons* (Guilford, CT: The Lyons Press, 2001), pp. 138–139, 143.
124. Ao jogar a caixa de fósforos no chão pelo casaco, Jacob podia negar que a havia recuperado do local de lançamento. No entanto, a distinção era de pouca importância, pois, sem que ele soubesse, a KGB havia fotografado secretamente todas as suas ações no local do lançamento. Jacob foi detido e declarado persona non grata (PNG'd) da Rússia. Para uma foto de vigilância da KGB de Jacob prestes a limpar a queda, veja Wallace e Melton, *Spycraft*, seção de fotos na página seguinte. 166 e pp. 28–30.
125. Goldston, *Truques e Ilusões*, págs. 138, 140; Kalush e Sloman, *A Vida Secreta de Houdini*, p. 179.
126. Veja Melton, *Ultimate Spy*, pp. 107, 159, para fotos. Em uma entrevista em março de 2009, o oficial de contra-inteligência aposentado do Serviço de Segurança da RCMP, Dan Mulvenna, relatou um incidente segundo o qual os canadenses no início da década de 1970 colocaram secretamente um transmissor no calcanhar do sapato de um oficial da StB enquanto ele estava na quadra de tênis. Técnicos, J-Operations ou J-OPS, substituíram o salto de seu sapato, que ele acreditava estar bem guardado em seu armário do clube.
127. *Bugs* é um termo de uso comum que se refere às várias formas de vigilância eletrônica clandestina de áudio, ou espionagem. Veja Melton, *Ultimate Spy*, pp. 102–111, para fotos, e Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 405–416, para detalhes.
128. Athan G. Theoharis com Richard H. Immerman, *A Inteligência Central: Agência: Segurança sob escrutínio* (Westport, CT: Greenwood Press, 2006), p. 313.

129. *O julgamento do U2: relato exclusivo autorizado dos procedimentos judiciais do caso de Francis Gary Powers*, ouvido perante a Divisão Militar da Suprema Corte da URSS, Moscou, 17, 18, 19 de agosto de 1960 (Chicago: Translation World Publishers, 1960). Veja também Gary Powers e Curt Gentry, *Operation Overflight* (New York: Brassey's, 2003), pp. 50-51.
130. O dispositivo não era uma arma ofensiva, mas um meio para fornecer um meio rápido de suicídio. Pesquisas anteriores na Segunda Guerra Mundial produziram uma pílula letal (pílula L) usando cianeto, que levou quinze minutos para funcionar e causou a morte dolorosa por asfixia. O veneno na agulha carregada por Powers era toxina de marisco e teria resultado em paralisia e morte em dez segundos. Veja “Of Dart Guns and Poisons”, *Time*, 29 de setembro de 1975.
131. *O julgamento do U2*, pág. 38.
132. Powers se declarou culpado de espionagem em seu julgamento em agosto de 1960 e recebeu uma sentença de dez anos. Ele foi libertado em 1962 como parte de uma troca de espões envolvendo o espião da KGB Rudolf Abel. Veja Norman Polmar e Thomas B. Allen, *Spy Book: The Encyclopedia of Espionage* (Nova York: Random House, 1998), pp. 448-449.
133. Os códigos de voz transmitem significados clandestinamente, alterando a inflexão, sequência ou seleção de palavras usadas entre o performer e seu cúmplice.
134. A exploração de um crente audiência com um receptor de fone de ouvido escondido por um televangelista/artista/curador da fé foi retratado no filme de 1992 *Leap of Faith*, estrelado por Steve Martin.
135. Uma solução anterior da CIA era esconder o receptor dentro da tigela de um cachimbo e usar a condutividade óssea para permitir que ele “ouvisse” quando ele mordesse a haste do cachimbo. Veja Wallace e Melton, *Spycraft*, p. 418.
136. Veja uma foto do Phonak e da camuflagem de orelha no segundo suplemento fotográfico de Wallace e Melton, *Spycraft*, seguindo p. 358.
137. A comunicação de segredos em postagens de alta ameaça, como Moscou, era uma preocupação constante para os oficiais da CIA que suspeitavam de escutas de áudio até mesmo de sua própria embaixada. Uma solução temporária, mas eficaz, foi a “Magic Slate”. Em vez de falar, as mensagens eram escritas em uma lousa e entregues a outro policial, que as lia e repassava.

levantava a transparência para apagar

as palavras. As lousas nunca foram deixadas onde um adversário pudesse ter acesso. Suas ferramentas, brinquedos infantis comuns, eram idênticas em função e derivadas das “lousas” usadas por espiritualistas e performers, incluindo Houdini, para convocar mensagens de espíritos comunicativos quase um século antes.

138. Um protótipo do falso escroto está no museu de Keith Melton na Flórida e as descrições de seu desenvolvimento e uso estão incluídas em visitas a museus e na palestra de Melton “The Evolution of Tradecraft”. O usuário vestia a ocultação inserindo um testículo de cada vez no falso escroto. Uma vez carregado, ele foi mantido no lugar até que o acesso ao rádio fosse necessário. A ocultação foi construída e testada com sucesso, mas nunca foi empregada operacionalmente.

139. Um exemplo dessa técnica de exfiltração está em exibição em Moscou no Museu da Guarda de Fronteira e creditada a uma rede de contrabando em 1905. Após a dissolução da KGB no final da Guerra Fria, os Guardas de Fronteira agora fazem parte do FSB, o Federal Serviço de contra-inteligência da Federação Russa.

140. Keith Melton entrevista com Tony Mendez, julho de 1998.

141. Para uma descrição detalhada dos mortosgotas e ocultações, veja Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 388–400.

142. Veja Melton, *Ultimate Spy*, pp. 154-163, para fotos de ocultações e gotas mortas.

143. Para uma foto da ocultação do rato morto, veja Wallace e Melton, *Spycraft*, seção de fotos na página seguinte. 358. Se necessário, a pele dos ratos poderia ser tingida com produtos de coloração de cabelo comercialmente disponíveis para combinar com a pele dos ratos indígenas observados na área operacional.

144. O agente da CIA Aleksandr Ogorodnik cometeu suicídio após sua prisão após morder uma caneta-tinteiro fornecida pela CIA (funcionando) que continha uma pílula L (suicídio) na tampa. Veja Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 101–102.

145 Citado de Jim Steinmeyer revisão de *The Master of Disguise: My Secret Life in the CIA* por Antonio Mendez. Estudos em Inteligência, [www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/docs/v46ila09p.htm](http://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/kent-csi/docs/v46ila09p.htm).

146. Steinmeyer, *Escondendo o Elefante*, p. 80, descreve as linhas de visão como “as linhas imaginárias de visão, os limites do que um público verá ou

o que

serão impedidos de ver.”

147. Henry Hay, *The Amateur Magician's Handbook* (Edison, NJ: Castle Books, 1982), pág. 129.
148. Fitzkee, *Magia por desorientação*, pág. 104.
149. Manipuladores profissionais de moedas empregam uma variedade de moedas para enganar; meio dólar ou dólares de prata são mais visíveis para o público e mais fáceis de manusear, enquanto os centavos e centavos menores, mais finos e mais leves são melhores para palming (ocultando na mão) e mais propensos a serem triturados. Veja Hay, *The Amateur Magician's Handbook*, p. 129.
150. O serviço de inteligência soviético (NKVD) começou a esconder filmes macios em moedas ocas já em 1933-1934 para facilitar sua comunicação secreta com os agentes. O NKVD conduziu operações de inteligência sofisticadas globalmente entre as guerras mundiais em um momento em que a inteligência dos EUA capacidades foram quase eliminadas. (Keith Melton entrevistou o ex-chefe aposentado de fotografia clandestina para a Primeira Diretoria da KGB em Moscou em 1994.) Separar a camada de emulsão do filme de sua base transparente produz um filme macio. A emulsão fina é frágil, mas mais fácil de esconder. Micropontos são reduções ópticas de um negativo fotográfico para um tamanho ilegível sem ampliação, geralmente um milímetro ou menos em área. One-time-pads são grupos de números ou letras aleatórios organizados em colunas, usados para codificar e decodificar mensagens. Como os códigos são usados apenas uma vez, um OTP corretamente empregado é teoricamente inquebrável. Os cartões de armazenamento de dados seguros são formas de memória digital não volátil, que podem ser tão pequenas quanto 32 mm por 24 mm por 2,1 mm e podem armazenar gigabytes de dados. Veja Wallace e Melton, *Spycraft*, pp.
151. Veja fotos do níquel e a história completa no site oficial do FBI: [www.fbi.gov/libref/historic/famcases/abel/abel.htm](http://www.fbi.gov/libref/historic/famcases/abel/abel.htm).
152. O termo usado para oficiais de inteligência soviéticos e russos operando no exterior sem benefícios de “cobertura diplomática”. Os ilegais se apresentam como residentes legítimos do país de destino e são protegidos apenas por uma cobertura forte.
153. Robert J. Lamphere, *A Guerra FBI-KGB, A História de um Agente Especial* (Nova York: Random House, 1986), pp. 270-271. Um exame da mensagem cifrada por especialistas do FBI concluiu que ela foi preparada usando uma máquina de escrever cirílica. Uma conversa com “dois homens da RCMP” confirmou a importância do “níquel e cifra” para Lamphere e o

convenceu de que era

criado usando um one-time-pad (chamado de gama) e destinado ao uso por um oficial ilegal soviético operando nos Estados Unidos.

154. Polmar e Allen, *Spybook*, p. 530.

155. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, pp. 159–160.

156. Para compensar a falta de peso do núcleo interno fresado, seria possível adicionar um anel interno de metal mais denso dentro da cavidade para restaurar a moeda ao seu peso original.

157. Quando a moeda é encaixada no anel usinado e batida contra uma superfície dura, a inércia separa os dois lados da moeda e revela a cavidade secreta.

158. Tom Mangold, *Cold Warrior: James Jesus Angleton: The CIA's Master Spy Hunter* (New York: Simon & Schuster, 1991), p. 215. Em uma transparência positiva, o fundo é claro e apenas o texto da mensagem aparece em preto. Para ajudar na ocultação, a KGB desenvolveu técnicas para retirar a emulsão do filme de seu suporte e branqueá-lo em iodo diluído para torná-lo claro. A emulsão fina pareceria clara, mas poderia ser redesenvolvida e fixada usando produtos químicos comuns de processamento de filme para visualização. Veja Wallace e Melton, *Spycraft*, pp. 429–431.

159. Mangold, pág. 215.

160. Melton, “A Evolução do Tradecraft”.

161. O museu interno da CIA é considerado o “museu mais secreto do mundo” e o “melhor museu que você nunca verá”. Algumas de suas participações não classificadas são exibidas em dois museus dentro dos prédios da sede da CIA em Langley, Virgínia.

162. [www.cia.gov/about-cia/cia-museum/cia-museum-tour/flash-movie-texto.html](http://www.cia.gov/about-cia/cia-museum/cia-museum-tour/flash-movie-texto.html).

163. Os artefatos doados às vezes chegam ao escritório do curador do Museu da CIA sem nenhum histórico e são conhecidos por aparecerem anonimamente na mesa do curador durante a hora do almoço. A compartimentação necessária das operações clandestinas pode resultar na perda do histórico operacional de um artefato.

164. Um dispositivo de ocultação, ou CD, inclui um compartimento oculto ao qual

o acesso é obtido para fechaduras, dobradiças e travas. As ações mecânicas necessárias para abrir um CD profissional são normalmente uma sequência de torções, voltas e puxões não naturais. Veja Wallace e Melton, Spycraft, p. 390.

165. Robinson, Mago, pág. 163. A moeda “droga” de Mulholland é citada como estando na coleção Robinson.

166. Robert Lee Holtz, “Eis o aparecimento da invisibilidade Manto”, Wall Street Journal, 13 de março de 2009.

167. Na história, o cientista, Griffin, torna-se invisível alterando o índice de refração de seu corpo para o do ar para que ele se torne invisível. Infelizmente para o personagem, a alteração não é reversível e vem acompanhada de instabilidade mental. Em 1933, a Universal Pictures o transformou em um filme de mesmo nome. O romance de Wells pode ser baixado de [www.gutenberg.org/etext/5230](http://www.gutenberg.org/etext/5230).

168. Jim Steinmeyer, escondendo o elefante.

169. De maneira semelhante, o “melhor” ofício de espionagem, incluindo técnicas e dispositivos clandestinos, sempre empregará a “melhor” tecnologia disponível. Os objetivos da espionagem não mudam, mas as ferramentas empregadas pelo espião mudam constantemente e se tornam mais capazes.

## BIBLIOGRAFIA SELECIONADA



Exemplar da extensa biblioteca de magia e conjuração de John Mulholland.cortesia dos autores

André, Cristóvão, e Vasili Mitrokhin. *A Espada e o Escudo: O Arquivo Mitrokhin e a História Secreta da KGB*. Nova York: Basic Books, 1999.

Bell, Boyer e Barton Whaley. *Traição e engano*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1991.

Cherkashin, Vencedor. *Spy Handler: Memoir of a KGB Officer: A Verdadeira História do Homem que Recrutou Robert Hanssen e Aldrich Ames*. Nova York: Basic Books, 2005.

CONEL, Carlos. *A captura oculta*. Londres: Elek Books, 1955.

Cook, Primeiro Spymaster de Andrew M. MI5. Gloucestershire, Inglaterra: Tempus Publishing, 2004.

DAWES, Edwin. *Os Grandes Ilusionistas*. Londres: David & Charles, 1979.

Devlin, Larry. *Chefe da Estação, Congo*. Nova York: Relações Públicas, 2007. Fischer, David. *The War Magician: Como Jasper Maskelyne e sua gangue mágica*

*Alterou o Curso do Mundo Guerra II*. Nova York: Coward-McCann, 1983.

Fitzkee, Dariel. *Magia por desorientação*. Pomeroy, OH: Lee Jacobs Publication, 1975.

- Foot, MRD e James Langley. MI9: Fuga e Evasão. Londres: Bodley Head, 1979.
- Fraser-Smith, Charles. A Guerra Secreta de Charles Fraser-Smith. Londres: Michael Joseph, 1981.
- Gibson, Walter e Morris Young. *Houdinina Magia*. Nova York: Dover Publications, 1953.
- Goldston, Will. Truques e Ilusões. Londres: George Routledge & Sons, 1908.
- Goodden, Henrietta. Camuflagem e Arte: Design e Decepção na Guerra Mundial  
2. Londres: Unicorn Press, 2007.
- Hutton, Clayton. Segredo Oficial. Londres: Max Parish, 1960.
- Kalush, William, e Larry Sloman. A vida secreta de Houdini: A criação do primeiro super-herói da América. Nova York: Atria Books, 2006.
- Lamphere, Robert J. A Guerra FBI-KGB, *A história de um agente especial*. Nova York: Random House, 1986.
- Mangold, Tom. Guerreiro Frio: James Jesus Angleton: *O Mestre Caçador de Espiões da CIA*. Nova York: Simon & Schuster, 1991.
- Marcos, João. *A busca pelo candidato da Manchúria*. Nova York: WW Norton & Company, 1979.
- Melton, H. Keith. Armas e equipamentos especiais da CIA: Dispositivos de espionagem da Guerra Fria. Nova York: Sterling Publications, 1993.
- . *OSS Armas e Dispositivos Especiais: Dispositivos de Espionagem da Segunda Guerra Mundial*. Nova York: Sterling Publishing, 1991.
- . *Final Espião*. Londres: DK, 2002.
- Mendez, Antonio J. O Mestre do Disfarce: Minha Vida Secreta na CIA. Nova York: Morrow, 1999.
- Mendez, Antonio J., and Jonna Mendez. *Spy Dust: Dois Mestres do Disfarce revelam as ferramentas e operações que ajudaram a vencer a Guerra Fria*. Nova York: Atria Books, 2002.
- Mulholland, John. O Livro da Magia de Mulholland. Nova York: Filhos de Charles Scribner, 1963.

- Polmar, Norman e Thomas B. Allen. *Spy Book: A Enciclopédia da Espionagem*. Nova York: Random House, 1998.
- Powers, Gary, com Curt Gentry. *Operação Sobrevoos*. Londres: Hodder & Stoughton, Ltd., 1971.
- Robinson, Ben. *MagiCIA: A Vida Secreta de John Mulholland*. Lybrary.com, 2008.
- Roco, Mihail C. e William Sims Bainbridge. *Nanotecnologia; Social Implicações II*. US National Science Foundation, National Science Council of Technology, 2007.
- Sachs, Eddie. *Prestidigitação: uma prática Manual de Legerdemain*. Londres: LU Gill, 1885.
- Marinheiro, Marcos. *Manual do Agente Secreto: O Manual de Espionagem da Primeira Guerra Mundial Dispositivos, Disfarces, Gadgets e Armas Ocultas*. Guilford, CT: Lyons Press, 2001.
- Silverman, Kenneth. *Houdini!: A Carreira de Ehrich Weiss*. Nova York: HarperCollins, 1996.
- Snider, L. Britt. *A Agência e o Hill: Relação da CIA com o Congresso, 1964-2004*. Washington, DC: Central Intelligence Agency, The Center for the Study of Intelligence, 2008.
- Steinmeyer, Jim. *Arte e outros Ensaios sobre ilusão e artifício*. (Nova York: Carroll & Graf Publishers, 2006).
- . *Escondendo o elefante: como os mágicos inventaram o impossível e Aprendeu a Desaparecer*. Nova York: Carroll & Graf Publishers, 2003.
- . Resenha do livro: “O Mestre do Disfarce: Minha Vida Secreta na CIA”, *Estudos em Inteligência* 46:2. Agência de Inteligência Central, 2002.
- Theoharis, Athan G., com Richard H. Immerman, Loch Johnson, Kathryn Olmsted e John Prados. *A Agência Central de Inteligência*. Westport, CT: Greenwood Publishing Group, 2006.
- Thomas, Evan. *The Very Best Men: Four Who Dared: The Early Years of the CIA*. Nova York: Simon & Schuster, 1996.
- Senado dos EUA, Comitê Seletivo de Inteligência e o Subcomitê de Saúde e Pesquisa Científica da Comissão de Recursos Humanos. Projeto

*MKULTRA: Programa de Pesquisa em Modificação Comportamental da CIA.*  
95º Congresso, 1ª Sessão, 3 de agosto de 1977.

Waldron, Daniel. *Blackstone: A vida de um mágico*. Glenwood, IL: Meyerbooks, 1999.

Wallace, Roberto e H. Keith Melton. *Spycraft: A História Secreta dos Spys de  
da CIA do Comunismo à Al-Qaeda*. Nova York: Dutton Books, 2008.

Weiser, Benjamim. *Uma vida secreta: o oficial polonês, Sua missão secreta e  
o preço que ele pagou para salvar seu país*. Nova York: Relações  
Públicas, 2004.

Wise, David e Thomas B. Ross. *O Estabelecimento de Espionagem*. Nova York:  
Random House, 1970.

## sobre os autores

**H. KEITH MELTON**, graduado pela Academia Naval dos EUA, é historiador de inteligência e especialista em tecnologia clandestina e espionagem “tradecraft”. Reconhecida internacionalmente como uma autoridade em tecnologia de espionagem, Melton reuniu uma coleção incomparável de mais de oito mil dispositivos de espionagem, livros e papéis de espiões eminentes. Ele é autor de vários livros, incluindo CIA Special Weapons and Equipment, Ultimate Spy, e coautor, com Bob Wallace, de Spycraft: The Secret History of the CIA's Spys from Communism to Al-Qaeda (Dutton, 2008). Ele também é membro do conselho de diretores do International Spy Museum em Washington, DC, e historiador técnico de ofícios do Interagency Training Center. Ele mora na Flórida.

**ROBERTO WALLACE** aposentou-se da CIA em 2003 após trinta e dois anos de serviço como oficial de operações e executivo sênior, incluindo uma atribuição como diretor do Escritório de Serviço Técnico. Wallace foi premiado com a Medalha de Mérito de Inteligência e a Medalha de Inteligência de Carreira Distinta. Sob sua liderança, a OTS recebeu duas citações por unidade meritórias. Wallace é coautor, com H. Keith Melton, de Spycraft: The Secret History of the CIA's Spys from Communism to Al-Qaeda (Dutton, 2008). Ele é fundador do Artemus Consulting Group e um recurso para o programa de história oral do Centro de Estudos da Inteligência da CIA. Ele mora na Virgínia.

Visite [www.AuthorTracker.com](http://www.AuthorTracker.com) para informações exclusivas sobre seu autor favorito da HarperCollins.

**TAMBÉM DE H. KEITH MELTON E ROBERT WALLACE**

*Espionagem: A História Secreta dos Spies da CIA, do comunismo à Al-Qaeda*

**TAMBÉM POR (OU AUTORIZADO POR) H. KEITH MELTON**

*Espião Supremo*

*Guia do governo dos EUA para sobreviver ao terrorismo: compilado a partir de documentos oficiais do governo dos EUA*

*Spy's Guide: Office Espionage*

*The Ultimate Spy Book*

*Armas e equipamentos especiais da CIA: dispositivos de espionagem da Guerra Fria*

*Armas e equipamentos especiais da OSS: dispositivos espionagem da Segunda Guerra Mundial*

*Guerra Clandestina: Armas e Equipamentos da Universidade de*

*Espionagem SOE e OSS*

*Academia de Detetives*

**TAMBÉM COM A AUTORIZAÇÃO DE ROBERT WALLACE**

*Nove do Nono*

## Créditos

Design da capa por ChristopherTobias

## **direito autoral**

O MANUAL OFICIAL DA CIA DE TRUQUE E ENGANO. direito autoral© 2009 por H. Keith Meltone Roberto Wallace. Todos os direitos reservados sob as Convenções Internacionais e Pan-Americanas de Direitos Autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você obteve o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, engenharia reversa ou armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou no futuro. inventado, sem a permissão expressa por escrito dos e-books da HarperCollins.

Adobe Digital Edition setembro de 2009 ISBN 978-0-0619-4333-1

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

## Sobre a editora

### **Austrália**

HarperCollins Publishers (Austrália) Pty. Ltd. 25  
Ryde Road (PO Box 321)  
Pymble, NSW 2073,  
Austrália <http://www.harpercollinsebooks.com.au>

### **Canadá**

HarperCollins Publishers Ltd.  
55 Avenue Road, Suite 2900  
Toronto, ON, M5R, 3L2,  
Canadá <http://www.harpercollinsebooks.ca>

### **Nova Zelândia**

HarperCollins Publishers (Nova Zelândia) Limited  
Caixa Postal 1  
Auckland, Nova  
Zelândia <http://www.harpercollins.co.nz>

### **Reino Unido**

HarperCollins  
Publishers Ltd. 77-85 Fulham  
Palace Road Londres, W6  
8JB, Reino Unido  
<http://www.harpercollinsebooks.co.uk>

### **Estados Unidos**

HarperCollins Publishers Inc.  
10 East 53rd Street  
Nova York, NY  
10022 <http://www.harpercollinsebooks.com>